

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E
NOVAS TECNOLOGIAS**

ÉLCIO PEREIRA DE SOUZA LAZZAROTTO

**A ESCOLA, O CURRÍCULO E A CIDADE EM UMA CONEXÃO COM A
CIDADE EDUCADORA**

CURITIBA

2022

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

ÉLCIO PEREIRA DE SOUZA LAZZAROTTO

**A ESCOLA, O CURRÍCULO E A CIDADE EM UMA CONEXÃO COM A CIDADE
EDUCADORA**

CURITIBA

2022

ELCIO PEREIRA DE SOUZA LAZZAROTTO

**A ESCOLA, O CURRÍCULO E A CIDADE EM UMA CONEXÃO COM A CIDADE
EDUCADORA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Mestre em Educação e Novas Tecnologias.

Área de Concentração: Educação.

Orientador: Prof. Dr. Alceli Ribeiro Alves.

CURITIBA

2022

L432e Lazzarotto, Élcio Pereira de Souza
A escola, o currículo e a cidade em uma conexão com a cidade educadora / Élcio Pereira de Souza Lazzarotto. - Curitiba, 2022.
142 f. : il. (algumas color.)

Orientador: Prof. Dr. Alceli Ribeiro Alves
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias) – Centro Universitário Internacional UNINTER.

1. Educação. 2. Currículos. 3. Cidade educadora. 4. Educação urbana. 5. Ensino e aprendizagem. 6. Inovações educacionais. Título.

CDD 371.334

Catálogo na fonte: Vanda Fattori Dias - CRB-9/547



CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PGPE
PROGRAMA DE Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias
Secretaria do Mestrado e Doutorado Profissional em Educação e Novas Tecnologias

Defesa Nº 02/2023

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS**

No dia 03 de abril de 2022, às 14h, reuniu-se via web conferência a Banca Examinadora designada pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias, composta pelos professores doutores: Dr. Alceli Ribeiro Alves (Presidente-Orientador-PPGENT/UNINTER), Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho (Integrante Externo/ UTP), Luís Fernando Lopes (Integrante Interno Titular - PPGENT/UNINTER), Dr. André Luiz Moscaleski Cavazzani (Integrante Interno Suplente - PPGENT/UNINTER), para julgamento da dissertação: "A ESCOLA, O CURRÍCULO E A CIDADE EM UMA CONEXÃO COM A CIDADE EDUCADORA", do mestrando Élcio Pereira de Souza Lazzarotto. O presidente abriu a sessão apresentando os professores membros da banca, passando a palavra em seguida ao mestrando, lembrando-lhe de que teria até vinte minutos para expor oralmente o seu trabalho. Concluída a exposição, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da banca. Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se e comunicou o Parecer Final de que o mestrando foi:

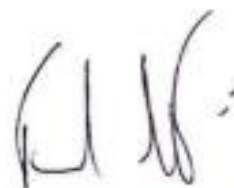
- APROVADO, devendo o candidato entregar a versão final no prazo máximo de 60 dias.
 - APROVADO somente após satisfazer as exigências e, ou, recomendações propostas pela banca, no prazo fixado de 60 dias.
 - REPROVADO.
-

O Presidente da Banca Examinadora declarou que o candidato foi aprovado e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação e Novas Tecnologias, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias, a contar desta data, a versão final da dissertação devidamente aprovada pelo professor orientador, no formato impresso e PDF, conforme procedimentos que serão encaminhados pela secretaria do Programa. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora.

Recomendações: O mestrando deverá realizar ajustes pontuais com relação a citação e contextualização.



Dr. Alceli Ribeiro Alves
Presidente da Banca



Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho
Integrante Externo



Dr. Luis Fernando Lopes
Integrante Interno Titular

Dr. André Luiz Moscaleski Cavazzani
Integrante Interno Suplente



Elcio Pereira de Souza Lazzarotto
Mestrando

Dedico este trabalho à minha mãe, pela motivação e por acreditar em mim; à minha amada nona, que hoje mora no céu e que me incentivou por diversas vezes; aos meus colegas de trabalho e aos meus ex-alunos, pelo aprendizado que construímos juntos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Doutor Alceli Ribeiro Alves, pelo profissionalismo e pela persistência para que eu pudesse concluir o curso.

À minha mãe e à minha amada nona, que sempre me ensinaram e incentivaram a vencer obstáculos, norteando com afeto e competência minha vida profissional.

À Professora Dr.^a Sueli Pereira Donato, que me apresentou o tema Cidades Educadoras.

Aos professores Dr. Fausto dos Santos Amaral Filho e Dr. Luiz Fernando Lopes, que leram minha pesquisa e com muito respeito e cuidado fizeram apontamentos e alinhamentos para melhorar esta pesquisa.

Agradeço a todos os professores que, de um modo geral, contribuíram para a minha formação acadêmica.

Agradeço à minha querida e gentil amiga, Simone Aparecida Dias de França, que me motivou e apoiou durante esta caminhada.

Agradeço ao Centro Universitário UNINTER, pela oportunidade de ter uma formação de qualidade.

Agradeço aos Professores do Colégio Cecília Meireles e Professores Coordenadores do Núcleo Pedagógico de Apiaí do Estado de São Paulo, que contribuíram com sugestões e práticas em sala de aula e executaram projetos em tempo real.

“Se eu vi mais longe, foi por estar sobre ombros de gigantes”.

Isaac Newton

RESUMO

A atual escola é a da ambiguidade, que nasceu da instabilidade do trabalho e da desvalorização humana, criando nuvens de incertezas sobre o que é certo ou errado, o que é adequado ou inadequado, o que contribui para a aprendizagem e o que a limita. Os estudantes estão perdendo o interesse em aprender e não há motivação, pois a escola já não atende às mudanças tecnológicas e o currículo escolar tornou-se monótono e enfadonho, sendo esse o ponto de partida para essa pesquisa, pois falta articulação entre o currículo escolar e a realidade local. Em decorrência dos crescentes processos de mudanças em âmbito mundial e com o avanço tecnológico, já não se pode mais ficar alheio às transformações que surgem na sociedade. Em razão disso, a escola deve procurar alternativas que tornem suas aulas mais interessantes e, por que não dizer, mais participativas e capazes de atrair a atenção dos estudantes do século XXI. Uma das alternativas encontradas é a conexão entre o currículo escolar e a cidade que vai ao encontro com a perspectiva das Cidades Educadoras (CE), que, conforme estabelece a Carta das Cidades, objetivam a ideia de ser um espaço educativo para a população. O presente estudo teve como objetivo geral desenvolver um produto educacional que promova o processo de ensino e aprendizagem integrando escola e cidade, explorando a cidade como mapa curricular, a fim de trazer para o professor ideias de aulas interdisciplinares, já que por meio dessas sugestões o professor pode criar um leque de possibilidades e passar a explorar os espaços da cidade em suas aulas. Como objetivos específicos, buscou-se realizar uma revisão sistemática de literatura que trate da perspectiva da cidade como currículo; investigar se e como os objetos de conhecimento contidos no currículo escolar relacionam-se com os princípios contidos na carta das cidades educadoras, analisando o currículo dos anos finais do Ensino Fundamental do estado de São Paulo, para identificar os desafios e possibilidades envolvendo a inserção da cidade na proposta curricular; implementar e socializar práticas inovadoras e exitosas na escola a partir do desenvolvimento de atividades escolares que integrem a cidade como currículo. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e investigativo. A escola deve ser renovada e, para que isso ocorra, ela tem que participar além de seus limites territoriais, transformando-se em um novo cenário educativo e deixando de lado aquela posição abstrata e solitária para dar lugar à vivência e ensino na cidade.

Palavras-chave: Escola; Currículo; Cidade educadora; Educação.

ABSTRACT

The current school is the school of ambiguity that was born from the instability of work and human devaluation, creating clouds of uncertainty about what is right or wrong, what is appropriate or inappropriate, what contributes to learning and what limits it. Students are losing interest in learning, there is no motivation, because the school no longer meets the technological changes and the school curriculum has become monotonous and boring, and this is the starting point for this research, because there is a lack of articulation between the school curriculum and the local reality. As a result of the growing processes of change worldwide and with technological advances, one can no longer remain oblivious to the transformations that arise in society. For this reason, the school must look for alternatives that make its classes more interesting and why not say, more participatory and capable of attracting the attention of 21st century students. One of the alternatives found is the connection between the school curriculum and the city that meets the perspective of Educating Cities (EC) which, as established in the Charter of Cities, aim at the idea of being an educational space for the population. The present study has the general objective of developing an educational product that promotes the teaching and learning process by integrating school and city, exploring the city as a curriculum map, bringing ideas for interdisciplinary classes to the teacher, and from these suggestions the teacher will be able to create a range of possibilities and start exploring the spaces of the city in their classes and as specific objectives to carry out a systematic literature review that deals with the perspective of the city as a curriculum; investigate whether, and how, the objects of knowledge contained in the school curriculum are related to the principles contained in the charter of the educating cities, analyzing the elementary school curriculum of the final years of the state of São Paulo, seeking to identify the challenges and possibilities involving the insertion of city in the curriculum proposal; implement and socialize innovative and successful practices at school based on the development of school activities that integrate the city as a curriculum. This is a research with a qualitative approach, bibliographical and investigative. The school must be renewed and, for this to happen, it has to participate beyond its territorial limits, transforming itself into a new educational scenario and leaving aside that abstract and solitary position to make room for living and teaching in the city

Keywords: School; Resume; Educating city; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cotas anuais	33
Figura 2 – Praça Alberto Dias Baptista	55
Figura 3 – Mirante do Morro do Ouro	56
Figura 4 – Casa do Artesão.....	56
Figura 5 – Praça Francisco Xavier da Rocha.....	57
Figura 6 – Processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências	58
Figura 7 – Código alfanumérico	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descritivos da análise dos artigos	34
Quadro 2 – Artigos selecionados	34
Quadro 3 – Organização dos artigos por palavras de busca	35
Quadro 4 – Organização/resumo dos artigos.....	35
Quadro 5 – Organização/resumo do artigo 1	37
Quadro 6 – Organização/resumo do artigo 2	40
Quadro 7 – Livros em Língua Portuguesa sobre Cidades Educadoras em ordem cronológica	41
Quadro 8 – Organização/resumo do artigo 3	42
Quadro 9 – Organização/resumo do artigo 4	44
Quadro 10 – Organização/resumo do artigo 5	46
Quadro 11 – Organização/resumo do artigo 6	47
Quadro 12 – Organização/resumo do artigo 7	50
Quadro 13 – Aprendizagem formal, não formal e informal	60
Quadro 14 – As 10 competências Gerais da BNCC.....	62
Quadro 15 – Espaços públicos escolhidos.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS

AICE – Associação Internacional de Cidades Educadoras

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CE – Cidades Educadoras

CEU – Centro Integrado de Educação Pública

CF – Constituição Federal

DEF – Departamento de Educação Fundamental

EF – Educação Formal

ENF – Educação Não Formal

EI – Educação Informal

FEB – Força Expedicionária Brasileira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONGS – Organizações Não Governamentais

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. A TRÍADE: ESCOLA, CURRÍCULO E CIDADE EM PROL DA APRENDIZAGEM	23
1.1 BEVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DO ENSINO FORMAL	23
1.1.1 Escola	23
1.1.2 Ensino Formal	25
1.2 O DIREITO À CIDADE E A CIDADE EDUCADORA	26
1.2.1 O direito à cidade	27
1.2.2 A cidade educadora	28
1.3 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA E SUA ANÁLISE	33
1.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	50
2. A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR	53
2.1 A CIDADE COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM	53
2.2 EXPLORANDO QUATRO ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE APIAÍ	54
3. O CURRÍCULO COMO NORTE PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	58
3.1 A APRENDIZAGEM COMO CENTRO DA ATIVIDADE ESCOLAR	58
3.2 A CONEXÃO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC E DO CURRÍCULO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO EXPLORANDO ESPAÇOS DA CIDADE	61
3.2.1 Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	61
3.2.2 Currículo	62
3.2.3 O currículo do Estado de São Paulo	64
4. O PRODUTO	73
4.1 PROJETO PILOTO INTERDISCIPLINAR EXPLORANDO A CIDADE	73
4.2 E-BOOK : A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR.....	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	1415

MEMORIAL

A cidade de Apiaí, localizada no Alto Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, foi eleita como cenário dessa pesquisa, pois moro no município desde os cinco anos de idade e carrego comigo o desejo de contribuir para que possamos alcançar uma educação de excelência.

Em 2002, concluí o Magistério e em 2006 o curso de Matemática. Fui professor da Rede Municipal na Pré-Escola e Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, atuando também na Rede Estadual para estudantes do Ensino Fundamental dos Anos Finais, Ensino Médio e Educação para Jovens e Adultos.

Realizei em 2010 uma especialização em Matemática pela UNICAMP, trabalhando por 10 anos como Professor Coordenador do Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino de Apiaí, onde fui orientador e formador dos professores de Matemática da região.

Lecionei Matemática para o Ensino Médio e Cursos Técnicos do Colégio Cecília Meireles, conveniado com o Sistema Positivo de Ensino.

Concluí um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Gestão Escolar e atualmente sou professor universitário nos cursos de Pedagogia e Educação Física, além de atuar como diretor de escola do Colégio Cecília Meireles.

Na disciplina de Cidades Educadoras, ofertada pelo curso de mestrado, é onde pude enxergar a importante e possível conexão que podemos fazer com o currículo escolar e a cidade em que vivemos.

Apresento um projeto de pesquisa que pode ser usado por educadores e educadoras para que possamos, juntos, construir um ensino de qualidade.

INTRODUÇÃO

A educação geralmente orienta o homem para o desenvolvimento de suas atividades no decorrer de toda a sua existência. Nesse sentido, pode-se afirmar que ela é um processo permanente e contínuo na vida de todas as pessoas.

É indiscutível que a aprendizagem não acaba, visto que se aprende algo novo a todo instante. Durante toda a vida, o ser humano aprofunda e enriquece seus conhecimentos, pois é desse modo que ele consegue vencer os novos desafios impostos pelas rápidas transformações que vêm dominando o mundo moderno.

Por muito tempo, a educação, como instrução formal, era restrita e limitava-se àqueles que tinham tempo e condições financeiras para investir. Desse modo, somente os mais ricos ou membros privilegiados tinham acesso a ela, sendo que aos demais só restava aprender por meio das experiências vivenciadas pelos mais velhos, tornando a cultura de cada povo a principal fonte de aquisição de conhecimento (SILVA, 2018).

No Brasil, no antigo Império no 2º reinado, as escolas eram frequentadas pelas classes dominantes, a fim de assegurar o seu poder, como também as escolas esotéricas e sagradas que formavam os sacerdotes. Os ensinamentos eram transmitidos de pai para filho, por meio da fala e da obediência moral, havendo uma constante subordinação que empregava castigos como forma de instrução. Nessa época, poucos indivíduos sabiam ler e escrever (LIMA, 2019).

Assim, percebe-se que o processo educacional foi a base do desenvolvimento de cada grupo social, sendo de fundamental importância para o conhecimento de sua história e experiências passadas, deixando um legado cultural que é a principal fonte de construção da civilização, servindo de protótipo há séculos para muitas sociedades (SILVA, 2018).

Observa-se que o processo educacional passou por constantes mudanças, no decorrer da história das civilizações, deixando resquícios de culturas de outrora na educação moderna. Dessa forma, a educação contemporânea é percebida como um conjunto do progresso da educação passada, mostrando-se relevante para a transmissão de valores oriundos de outras sociedades (LAKATOS; MARCONI, 2014).

Sendo assim, entende-se que a educação é um processo que engloba indivíduos com diferentes níveis de conhecimento, que estejam dispostos a

compartilhar esses conhecimentos. Assim, insere-se a escola que acolhe a todos, inclusive aquele com menor domínio de conhecimentos e práticas, com o intuito de oferecer uma formação social, moral, cognitiva e afetiva, em um contexto histórico, social e institucional já estabelecido (GATTI, 2013).

No artigo 205 da Constituição Federal Brasileira (CFB), a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Para corroborar com uma formação plena do estudante, temos as escolas, que são grandes colaboradoras e incentivadoras de sonhos e aprendizagem. Segundo Viviane Mosé, na primeira metade do século XX, no Brasil, predominou-se a escola das certezas, dedicadas às elites, com professores muito bem preparados e onde a escola era pública, mas pouco acessível.

Depois da Segunda Guerra Mundial, nasce a escola das promessas, a escola para todos que se afirmava em um meio de se ascender socialmente, cuja intenção era boa, mas com qualidade questionável e acesso apenas para alguns, tendo como objetivo a formação instrumental, não voltada para o desenvolvimento humano, mas para o desenvolvimento das indústrias.

A escola das massas é dividida em inúmeras salas e corredores, com pouco espaço de convivência, pouca circulação, um espaço que mais lembra um reformatório, ou uma absurda fábrica de pessoas (MOSÉ, 2014, p. 49).

A atual escola, a escola das ambiguidades, nasceu da instabilidade do trabalho e da desvalorização humana, criando nuvens de incertezas sobre o que é certo ou errado, o que é adequado ou inadequado, o que contribui para a aprendizagem e o que a limita. Ela traz consigo resquícios do passado e lembra uma fábrica operária: ensino seriado, sinal sonoro para trocas de aulas, muros altos e portões e salas de laboratórios trancados a sete chaves.

O fato é que sempre houve fragmentações nas escolas em relação aos horários, currículos, conteúdos, objetos de conhecimentos, metodologias e pensamentos, onde se passou a ter apenas fragmentos do saber sem qualquer relação com o cotidiano. Infelizmente essa escola não está formando pessoas, mas fragmentos desconectados, ignorando contextos.

Atualmente, alguns estudantes estão perdendo o interesse em aprender e não encontram motivação, pois a escola, embora tente, ainda encontra dificuldades em atender às mudanças tecnológicas, e o currículo escolar vem tornando-se mecânico e pouco atrativo, sendo este o ponto de partida para essa pesquisa, ou seja, a constatação da falta de articulação entre o currículo escolar e a realidade local.

Como os professores das instituições de ensino exploram o currículo e os espaços urbanos em suas práticas pedagógicas? Esse trabalho traz sugestões para o currículo escolar se tornar mais atrativo, a fim de contribuir para uma aprendizagem significativa.

O papel corriqueiro da escola faz com que ela acabe escolhendo os conhecimentos que deverão ser trabalhados com os estudantes, selecionando, entre os que se encontram disponíveis, quais são os mais relevantes, isto é, “o quê incluir, quando, em qual profundidade e de que forma agir pedagogicamente”, evidenciando, assim, a questão didática. Desse modo, observa-se que a escola assume o papel de levar o estudante a apreender/compreender conhecimentos que já se encontram produzidos e transformando-os em valores que o estudante levará para a vida toda (GATTI, 2013, p. 54).

Segundo Mosé (2014, p. 55), a escola precisa entender, enfim, que todo conhecimento, toda afirmação, está sujeito a mudanças e todo saber é provisório. Nesse sentido, professores e estudantes, juntos, devem se dedicar à produção de conhecimento, em vez de uma relação hierarquizada.

Não precisamos de uma escola que apenas ensina, mas de uma escola que se dedica a criar novas situações de aprendizagem. A escola precisa ser um espaço vivo de produção e troca de saberes, de curiosidade, criatividade, pesquisa e reflexão. Precisamos de uma escola com objetos de conhecimento que se articulem com o cotidiano, com a cidade e que de fato promovam a aprendizagem. Uma escola que desperte o gosto pela política e a curiosidade em aprender.

Em decorrência dos crescentes processos de mudanças em âmbito mundial e com o avanço tecnológico, já não se pode mais ficar alheio às transformações que surgem na sociedade. Em razão disso, a escola deve procurar alternativas que tornem suas aulas mais interessantes, e por que não dizer, mais participativas e capazes de atrair a atenção dos estudantes do século XXI.

Uma das alternativas encontradas é a conexão entre o currículo escolar e a cidade, proposta que vai ao encontro da perspectiva das Cidades Educadoras (CE) que, conforme estabelece a Carta das Cidades, objetiva a ideia de ser um espaço educativo para a população. Nesse contexto, a CE torna-se um local onde todos os espaços são dedicados à educação inclusiva de formação permanente e de humanização das relações sociais, disponibilizada para todos que nela habitam (SILVA; ROCHA, 2022).

A escola do século XXI precisa promover o protagonismo de todos e compreender que a cidade pode e deve ser explorada com uma incrível relação de trocas no contexto social, político e cultural.

A ideia é articular a tríade Escola, Currículo e Cidade. A proposta é romper os muros e as grades das escolas, explorar a cidade, saindo de um lugar comum e naturalizado e ganhar a cidade, pois “[...] insiste-se na tese de que a escola deve estar em meio à vida, esta, por sua vez, entrar inteiramente na escola” (CARBONELL, 2016, p. 5).

É extremamente importante que o estudante conheça o lugar em que vive, descobrindo como é seu bairro, quais os indivíduos que ali residem, quais são as formas de expressão cultural que os moradores fazem uso e que histórias são contadas, dentre outros aspectos. Sob esse prisma, observa-se que essa experiência é fundamental para que os estudantes entendam sua própria vivência, a fim de construir sua identidade (SILVA; ROCHA, 2022).

Sendo assim, verifica-se que a cidade pode ser tida como sendo educadora, pois, além de suas funções tradicionais, econômicas, sociais e políticas, ela também apresenta potencial para a formação e cidadania do aluno (GADOTTI, 2006). O uso da cidade como mapa curricular é um avanço dentro da realidade escolar, para tanto, o educador tem que compreender o espaço urbano por completo, visto que a cidade propicia novas possibilidades (BONAFÉ, 2016).

Como aponta Bernet (1999, p. 17), é possível aprender na cidade, aprender com a cidade e aprender a cidade. Na cidade (a cidade é o espaço onde a aprendizagem ocorre), a cidade (cidade como intervenção, passível de transformação, de ação política), e com a cidade (cidade como agente educativo, vista como um texto, como emissora constante de aprendizado). A proposta é

explorar a cidade como currículo, uma vez que há milhares de situações construindo constantemente significados.

No capítulo 1 dessa pesquisa, apresentamos a revisão sistemática de literatura, que trata da perspectiva da cidade como currículo, analisando artigos e elencando os princípios da Carta da Cidade Educadora.

No capítulo 2, a cidade é explorada como espaço de aprendizagem e são escolhidos quatro espaços públicos da cidade de Apiaí com o propósito de articular o currículo escolar e a cidade em prol da aprendizagem.

No capítulo 3, há uma análise do Currículo Oficial do estado de São Paulo, anos finais e BNCC, buscando identificar os desafios e as possibilidades que envolvem a inserção da cidade na proposta curricular. A cidade passa a ser pensada como currículo, como uma *Wikipédia*.

No capítulo 4 serão apresentadas práticas pedagógicas exitosas usando as habilidades da BNCC e do currículo oficial do Estado de São Paulo com atividades escolares que integrem a cidade como currículo.

A cidade é um laboratório de aprendizagem e a sua conexão com o currículo fará com que a escola tenha um diálogo profícuo com a comunidade, com vistas a oportunizar aos estudantes uma aprendizagem prazerosa e eficiente.

A escolha pelo tema tem como ponto de partida não somente a necessidade de se pensar e refletir acerca dos desafios e dos entraves envolvendo a educação no contexto moderno, pois é essencial que ocorra uma inovação em busca de uma escola de melhor qualidade e de um estudante que não seja somente um mero reprodutor de informações.

Nesse universo, despontou a motivação para a realização de se pesquisar sobre a Cidade Educadora, que é um local pleno de potenciais educativos, os quais os habitantes podem ter acesso com o propósito de ampliarem suas oportunidades de aprendizagem e aquisição de conhecimentos.

Assim, percebe-se a relevância da pesquisa tanto para os estudantes, para que se sintam mais motivados e pertencentes à cidade, quanto para os profissionais envolvidos na área educacional, uma vez que podem inovar e inserir a cidade em suas aulas, tornando-as mais prazerosas e promovendo uma aprendizagem significativa.

Além disso, o presente estudo teve como objetivo geral desenvolver um produto educacional que promova o processo de ensino e aprendizagem integrando escola e cidade, explorando a cidade como mapa curricular, trazendo para o professor ideias de aulas interdisciplinares, considerando que a partir dessas sugestões o professor poderá criar um leque de possibilidades e passar a explorar os espaços da cidade em suas aulas.

Com base na proposta, o trabalho tem-se os seguintes objetivos específicos:

- realizar uma revisão sistemática de literatura que trate da perspectiva da cidade como currículo;
- investigar se, e como, os objetos de conhecimento do currículo escolar se relacionam com os princípios contidos na Carta das Cidades Educadoras, analisando o currículo do Ensino Fundamental dos Anos Finais do Estado de São Paulo, a fim de identificar os desafios e as possibilidades envolvendo a inserção da cidade na proposta curricular;
- implementar e socializar práticas inovadoras e exitosas na escola a partir do desenvolvimento de atividades escolares que integrem a cidade como currículo.

Tal pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica por meio de busca eletrônica nas bases de dados disponibilizadas na biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e Google Acadêmico. Quanto aos critérios de inclusão, foram incluídos artigos completos disponíveis eletronicamente, nos idiomas português, inglês e espanhol. Os descritores utilizados foram: escola, currículo, Cidade Educadora e educação.

O estudo foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico e investigativo, onde se coletaram informações por meio de leituras de obras acerca dessa área científica necessárias à resposta ao problema proposto. Utilizou-se o procedimento de fichamento de cada obra pesquisada.

Definiram-se como critérios de inclusão os artigos publicados entre os períodos de 2012 a 2022, disponíveis integralmente. Os critérios de exclusão foram: dissertações, teses, capítulos de teses, livros, capítulos de livros, anais de congressos ou conferências, relatórios técnicos e científicos, documentos ministeriais, resumos e artigos que não contemplassem o tema solicitado,

publicações anteriores à data estabelecida e aqueles que não se encontravam disponibilizados integralmente.

Após a realização dos critérios de inclusão e de exclusão, os dados obtidos foram agrupados e organizados de forma sintetizada e objetivando uma melhor compreensão acerca das questões abordadas.

As etapas do desenvolvimento da pesquisa foram: escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, reconhecimento do conteúdo referente ao tema pesquisado, localização do material bibliográfico, anotações dos dados referenciais em fichas, análise dos dados coletados, interpretação dos dados coletados e redação (ECO, 2020).

1. A TRÍADE: ESCOLA, CURRÍCULO E CIDADE EM PROL DA APRENDIZAGEM

1.1 BEVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O SURGIMENTO E A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA E DO ENSINO FORMAL

1.1.1 Escola

A escola nem sempre existiu, principalmente nos paradigmas observados no mundo moderno. Entretanto, é inegável que o ato de educar sempre fez parte da história da humanidade, seja por meio dos ensinamentos dos mais velhos para os mais jovens, ou mediante transferência das tradições culturais que incluem os saberes populares.

A partir da Idade Média, na Europa, o homem percebeu a necessidade de existir uma instituição responsável pelo ensino. Convém salientar que essa sociedade era fortemente influenciada pela Igreja, a qual exercia grande controle na vida das pessoas. Assim, a educação vigente na época tinha grande predomínio religioso. Como acontecia na Grécia, os responsáveis pelo ensino eram, de modo geral, indivíduos ligados à Igreja Católica e somente os mais abastados tinham acesso à educação (CAMBI, 1999).

Nos locais destinados ao ensino, não existia separação entre adultos e crianças e cabia somente à Igreja determinar o que deveria ser ensinado, assumindo um papel pedagógico. Como na sociedade medieval, o sujeito era o resultado de um pensamento cristão que era nitidamente o que determinava o modo de vida da

sociedade, era indispensável que a educação fosse de caráter religioso (XAVIER *et al.*, 2017).

Desse modo, era comum que a família enviasse o menino, ainda criança, para os mosteiros, ou seja, locais onde eles se preparavam para uma vida religiosa. Nesse cenário, percebe-se que os mosteiros foram as principais instituições de ensino da época. A Bíblia era o fundamento de todo o saber, embora também houvesse o ensino de gramática latina, assim como o incentivo à leitura e escrita. O intuito dessa espécie de educação era preparar o indivíduo para a obtenção de um conhecimento base na religiosidade e também para uma vida de castidade e de obediência (BASTOS, 2021).

[...] a educação promovida pela igreja era reservada na maioria das vezes para os filhos dos nobres e membros do clero e principalmente para o sexo masculino, logo, quem frequentava tinha mais chances de ser um bom administrador dos cargos na igreja e até mesmo ter um bom casamento. Dessa forma, através da grande influência da igreja sob a educação, as escolas passam a ter também seu destaque na sociedade. Além disso, os ensinamentos passam a ser não somente mais de ordem clerical, mas também de forma que atenda as demandas dos ofícios que havia na cidade. (SOUSA, 2019, p. 23).

No século XIV, a Europa enfrenta uma grave crise econômica, política e social como desestabilização do sistema feudal, surgimento de doenças e desestruturação do comércio, que originaram um novo cenário europeu. A Igreja Católica também foi abalada e alvo de muitas críticas e perdeu sua soberania sobre a sociedade, impulsionando a reforma protestante. Com isso, o comércio se desenvolve dando lugar a uma nova classe social, denominada de burguesia. Em razão do crescimento da vida urbana, a educação passa a atender às necessidades do mercado, deixando de ser estritamente influenciada pela religião (SOUSA, 2019).

No Brasil, a primeira escola foi fundada pelos jesuítas quando chegaram em 1549. Tinham como propósito a formação de sacerdotes, a catequização dos indígenas e a educação da elite nacional. Ressalta-se que a criação da Companhia de Jesus tinha o intuito de fortalecer e defender a Igreja. As principais escolas de formação elementar foram fundadas pelos jesuítas pertencentes a essa Companhia (KUJAWA *et al.*, 2020).

Assim, a educação era ministrada pelos jesuítas e sempre esteve embasada em uma grande tendência elitista e excludente,

[...] com as características que tão bem distinguiram a aristocracia rural brasileira, que atravessou todo o período colonial e imperial e atingiu o período republicano, sem ter sofrido em suas bases, qualquer modificação estrutural, mesmo quando a demanda social de educação começou a aumentar, atingindo as camadas mais baixas da população e obrigando a sociedade a ampliar sua oferta escolar (ROMANELLI, 2002, p. 34).

Essas escolas ensinavam retórica, humanidades, gramática portuguesa, latim e grego, com duração de seis anos. No ensino subsequente, eram ministradas aulas de Matemática, Física, Filosofia, Latim e Grego, e sua duração era de três anos (SILVA, 2010).

Entretanto, na segunda metade do século XVIII, teve início um descontentamento com os padres jesuítas graças à “queda de produção da mineração, aos atritos entre os colonos e os religiosos, devido à questão do trabalho compulsório dos indígenas, fatos esses que culminaram com a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias no ano de 1759, pelo marquês de Pombal” (SILVA, 2010, p. 3).

Tal fato ocasionou um retrocesso no sistema educacional do país, que durou por uma década, quando o Marquês de Pombal deu início à reconstrução dele. Todavia, somente no ano de 1772 é implantado o ensino público oficial. Os professores são nomeados pela Coroa, que estabelece os planos de estudo e de inspeção. Dessa forma, o “curso de humanidades, típicas do ensino jesuítico, é modificado para o sistema de aulas régias de disciplinas isoladas” (SILVA, 2010, p. 3).

Com a vinda da Família Real e da Corte portuguesa para o país, as instituições de ensino têm uma mudança significativa, sendo então criados os cursos de nível superior. “Outra mudança a ser destacada foi instituição do Ato Adicional de 1834, que atribuiu as províncias como medida de descentralização a criação e a manutenção do ensino primário e secundário” (SILVA, 2010, p. 3).

1.1.2 Ensino Formal

A educação é desenvolvida nas escolas e apresenta conteúdos previamente definidos. Dessa maneira, esse tipo de ensino conta com um espaço próprio para ocorrer, isto é, é oficializada e pressupõe conteúdos. É o contrário da educação informal, que pode acontecer em diferentes espaços e engloba cultura e valores

próprios de cada lugar (OLIVEIRA, 2020).

Com o advento da Guerra Mundial, ocorreu uma crise educacional em países do primeiro mundo e, conseqüentemente, “os sistemas escolares não conseguiram atender à grande demanda escolar; os sistemas escolares não cumpriam seu papel em relação à promoção social; a não formação de recursos humanos para as novas tarefas que surgiam com a transformação industrial” (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 2). Assim, houve a imposição envolvendo um planejamento educacional e também a “valorização de atividades e experiências não escolares, tanto ligadas à formação profissional quanto à cultura geral” (CASCAIS; TERÁN, 2014, p. 2).

No que diz respeito ao ensino formal, observa-se que ele é minuciosamente organizado e segue um determinado currículo. Esse tipo de educação desdobra-se em disciplinas, obedece a regras, leis, organiza-se por idade e nível de conhecimento, bem diferente daquilo que o ensino informal se propõe (GOHN, 2003).

O objetivo da educação formal é o conhecimento científico, o que é deveras importante para o desenvolvimento do ser humano. Detentor de peculiaridades, as quais “diferentes da formação informal, promovem um tipo de desenvolvimento que, fora desse processo de educação formal, seria difícil de acontecer” (FERNANDES, 2018).

1.2 O DIREITO À CIDADE E A CIDADE EDUCADORA

A cidade moderna encontra-se historicamente associada à escola. Sob esse aspecto, a educação exerce um papel fundamental em relação ao desenvolvimento tecnológico e econômico. Assim, percebe-se que, por muitas vezes, uma cidade industrializada valoriza somente o ensino profissionalizante, vislumbrando a mão de obra qualificada. Tal atitude acaba por gerar políticas públicas restritas voltadas para o mercado de trabalho. Todavia, a educação nessas cidades não se reduz apenas às instituições de ensino, mas pode ser o que se denomina de “intencionalmente” educadora (MUNHOZ, 2021).

Percebe-se que, atualmente, existe toda uma literatura que comenta sobre os potenciais pedagógicos de outras instituições fora do muro escolar, já que a educação moderna é um componente estratégico para que haja um funcionamento adequado e eficiente da sociedade, que carece evoluir e criar um novo discurso

acerca da educação. Ressalta-se que esta ação leva a se repensar a relação existente entre a educação e as cidades, ou seja, em outras palavras, entre a escola e o território (PEZENATO, 2014).

Partindo dessa contextualização, problematizamos a educação escolar com a finalidade de compreender os territórios educativos e suas afirmações de qualificação da formação do estudante. Tal qualificação almeja ampliar seus saberes, relacionando a educação formal (escola regular) com a educação informal (atividades extracurriculares, realizadas fora da escola), assim como o intuito de uma formação global da criança, preparando-a para a sociedade de hoje, globalizada, informatizada e tecnológica (PEZENATO, 2014, p. 22).

Em vista disso, verifica-se que a cidade exerce um papel significativo na construção do conhecimento, enquanto agente educacional, em razão de que as Organizações Não Governamentais (ONGS) entendem que “atividades dirigidas a idosos e a crianças, a própria cidade é um território educativo, no sentido de oferecer a partir de um olhar crítico sobre as coisas, sobre o conhecimento” (PEZENATO, 2014, p. 22).

Nesse cenário, percebe-se que o processo de construção do conhecimento é de suma importância para os estudantes e pode ser realizado por meio de ações integradas e contextualizadas, pois em razão da existência de vários projetos nas escolas e comunidades, sua eficácia é maior, assim como sua efetividade. Desse modo, a articulação entre escola e sociedade é essencial para a existência do aluno cidadão (GRANEL; VILA, 2003).

1.2.1 O direito à cidade

O direito à cidade é um direito do homem e pertence a todos, tanto para quem vive nela como para os que ainda estão por vir. Essa ideia foi proposta primeiramente por Henri Lefebvre em seu livro *Le Droit à la ville*, de 1968. Nele, Lefebvre faz um balanço dessa complexa situação, ao mesmo tempo em que formula uma crítica a esse urbanismo aparentemente racional (LEFEBVRE, 2009).

No Brasil, o direito à cidade encontra-se descrito no Estatuto da Cidade, sob a Lei nº 10.257/2001, art. 2º, incisos I e II, que dispõem sobre o direito a cidades sustentáveis. “Esse estatuto regulamenta os artigos referentes à política urbana no âmbito federal (arts. 182 e 183 da Constituição Federal de 1988 – CF/1988)” (BRASIL, 2001).

No Estatuto da Cidade, o direito a cidades sustentáveis é compreendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações (art. 2º, inciso I). Pode-se dizer, então, que a ideia de direito à cidade expressa na lei sintetiza um amplo rol de direitos (AMANAJÁS; KLUG, 2018, p. 29).

Segundo o sociólogo Robert Park, a cidade é a tentativa mais eficiente de o ser humano reconstruir o mundo em que vive o mais próximo possível daquilo que deseja. Desse modo, “indiretamente, e sem qualquer percepção clara da natureza da sua tarefa, ao construir a cidade o homem reconstruiu a si mesmo”. O direito à cidade é um direito comum a todos antes do individual, visto que esta “transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização” (HARVEY, 2012, p. 73).

1.2.2 A cidade educadora

Entende-se por Cidade Educadora a integração da oferta de atividades sociais e culturais para a potencialização da capacidade educativa formal e informal do município. Uma cidade torna-se educadora quando assume, por meio de suas políticas, a intenção de apoiar o desenvolvimento integral do indivíduo. Essa educação é feita por meio de instituições e propostas culturais que divulga e também das políticas ambientais, do tecido produtivo e do associativismo local, dentre outros (PAIVA, 2020).

Assim:

[...] é necessário que se proponha objetivamente a trabalhar para o desenvolvimento de comportamentos que implementem a qualidade de vida dos seus cidadãos, constituindo-se como uma proposta integradora da vida comunitária. Isto implica um compromisso por parte do poder local, enquanto representante dos seus habitantes, no sentido de agregar, num projeto político, os princípios de uma cidade educadora. Tal compromisso depende da colaboração de todos, num esforço organizado de trabalho em rede em prol de objetivos comuns (MORIGI, 2014, p. 28).

Para uma cidade ser educadora, é necessário o envolvimento comprometido por parte de todos, ou seja, do município, da sociedade pública e da sociedade privada, para que se possa construir uma urbe cidadã, democrática e solidária, capaz de compreender seu papel junto à educação de todos e “afirmando o local num mundo global, aberta a outras cidades e outros projetos, numa

construção e valorização de um trabalho em rede nacional e internacional” (CML, 2007, p. 7).

A intenção é de que uma Cidade Educadora assuma o compromisso de representar seus moradores, no sentido de integrar junto a um projeto político os princípios que regem um município. Esse compromisso depende da colaboração de todos, num esforço ordenado de trabalho em rede voltado para objetivos comuns. Tal associação deve possibilitar aprendizados que envolvam justiça e uma democracia que exerça sua função em prol de uma economia ativa e que funcione para o bem comum dos seres humanos (CORTINA, 2002).

Assim sendo, torna-se oportuno repensar acerca do potencial educativo das cidades, viabilizando a interação entre os indivíduos. Entretanto, as possibilidades de intervenção do poder local ainda se encontram na dependência de um quadro legal limitador e pouco apropriado à realidade prática das cidades. “As decisões políticas, no contexto da descentralização, surgem, em grande número de situações, ao sabor das sensibilidades individuais, isoladas, nem sempre tendo por referência a ideia de articulação dos serviços e o desenvolvimento de ações amplas de bem-estar social” (MORIGI, 2014, p. 29).

Por conseguinte, deve haver o desenvolvimento de um projeto educativo que seja integral, adaptado, sistematizado e ponderado em nível local, vislumbrando a educação global e que valorize e reconheça os recursos disponíveis. Assim, a centralidade do município deve promover a oferta de programas e de serviços sociais, culturais e educativos, com o intuito de estabelecer uma política local que concretize esse projeto (MACHADO, 2004).

A denominação Cidade Educadora teve início na década de 1990, com o I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, em Barcelona, na Espanha. Em 2004, seus princípios foram sintetizados e atualizados, após vários congressos e debates, constando no documento Carta das Cidades Educadoras. Na presente carta consta que todos os habitantes de um município podem usufruir das oportunidades de formação, desenvolvimento e entretenimento ofertados, com igualdade e liberdade. A cidade, “ao tornar-se educadora assume a intencionalidade e a responsabilidade na formação, promoção e no desenvolvimento de seus habitantes, de todas as faixas etárias” (MUNHOZ, 2021, p. 11).

Segundo o I Congresso Internacional das Cidades Educadoras, tem-se que:

[...] uma proposta integradora de educação formal, não formal e informal, gerada pela cidade, para todos os seus habitantes e reveladora de um compromisso político, público e ativo, que respeita às famílias e às escolas, mas também aos municípios, associações, indústrias culturais, empresas, instituições e entidades coletivas (FIGUERAS, 2008, p. 19 *apud* SIMÕES, 2010, p. 30).

A dimensão do conceito de cidade presume que a responsabilidade da educação dos indivíduos, de modo geral, além do Estado, da família e da escola, também deve ser compartilhada por associações, instituições culturais, empresas engajadas na educação e por todas as instâncias da sociedade (GADOTTI *et al.*, 2004).

A cidade pode educar, sobretudo, tanto por meio das instituições e das propostas culturais que divulga, como por políticas ambientais, mediante o tecido produtivo e o associativismo local, entre outros. Desse modo, há necessidade de que ela se proponha a trabalhar em prol do desenvolvimento de situações que possam implementar a qualidade de vida de seus habitantes, tornando-se uma proposta integradora da vida em comunidade. Para tal, deve existir um compromisso por parte do poder local, enquanto representante dos seus moradores, para integrar os princípios de uma cidade educadora em um projeto político (MORIGI, 2014).

Em uma Cidade Educadora, os agentes pedagógicos podem ser os espaços, tempos e diferentes políticas que são capazes de apoiar o desenvolvimento de todo potencial do cidadão. Como prefeitos, vereadores e demais servidores públicos representam a cidade, cabe a eles colocar em prática o projeto de Cidade Educadora. Convém ressaltar que a Associação Internacional de Cidades Educadoras, situada em Barcelona, na Espanha, estabelece e fiscaliza normas para aquelas cidades que são credenciadas no referido programa (MUNHOZ, 2021).

Nesse universo, o crescimento do movimento da Cidade Educadora se expandiu com o intento de que o desenvolvimento da cidade não permanecesse na dependência de movimentos políticos relacionados a fins eleitorais, e sim, posicionar-se como objeto de estudo e coordenação (MORIGI, 2014).

É de extrema importância que o potencial educativo das cidades que promovem a interação entre os indivíduos, (re)valorize os espaços comunitários e as instituições, a fim de convertê-las em Cidades Educadoras, visto que os habitantes poderiam se apropriar delas, identificando-se com seu passado, melhorando seu presente e projetando seu futuro em um processo de construção diária no qual todos são responsáveis, até mesmo as autoridades locais (MORIGI, 2014).

Quando há interesse do município em fazer parte do projeto de Cidade Educadora, o prefeito deve se manifestar, devendo enviar um projeto para a Câmara de Vereadores e, somente após a aprovação do Legislativo, a prefeitura pode encaminhar a documentação para a sede da associação para que o município possa se credenciar. Destaca-se que, no momento em que uma cidade é aceita pela Associação Internacional, tornando-se uma Cidade Educadora, ela deve assumir compromissos e cumprir exigências (PAIVA, 2020).

As três concepções relacionadas à cidade são: a escola cidade, a cidade escola, e a cidade educativa. Sob a ótica da escola cidade, a escola procura estabelecer a complexidade de uma cidade real. Já cidade escola é aquela que converge para que possa se tornar um modelo escolar. Quanto à cidade educativa, é enfatizada a intenção educadora da cidade englobando um projeto educativo que seja comum à escola e aos municípios, os quais possuem a incumbência de coordenar a ação social, cultural e educacional que se desenvolve na cidade (MACHADO, 2004).

O paradigma de cidade educativa envolvendo a relação entre escola e cidade reconhece a potencialidade da cidade e da escola como sendo um dos fatores de educação formal, incluindo a pluralidade de instituições, atividades e esforços de características formativa, intencional ou ocasional (MACHADO, 2004).

Esta perspectiva da função educadora no exercício da qual a autarquia se torna uma administração relacional requer, um modelo organizativo que permita, por um lado, a coordenação entre os diferentes grupos e entidades e, por outro, o melhor aproveitamento dos recursos existentes (MORIGI, 2014, p. 30).

A Cidade Educadora é caracterizada como sendo um modelo organizativo, pois deve se afastar da concepção beneficente e assistencial da ação do município. Não se trata de uma ajuda para os pedidos que lhe são apresentados, mas, sim, assumir um modelo fundamentado numa descentralização político-administrativa e num quadro legal de transferência de competências para os municípios, que requer diálogo entre a sociedade civil e as estruturas administrativas, presumindo a cooperação do público-privado e a participação dos indivíduos, numa tentativa de suplantar o fracionamento e a duplicação de redes de serviços com vistas à racionalização dos recursos existentes (MORIGI, 2014).

A cidade Educadora é então um quadro teórico onde confluem o sistema formativo integrado, o associativismo, as políticas socioculturais, a sociedade civil, a organização e intervenção comunitária, ou o trabalho em rede, entre outros. Ou seja, onde têm lugar de relevância os contextos e situações interativas de construção de saberes coletivos que situamos no campo da educação não formal e da Pedagogia Social (MORIGI, 2014, p. 30).

Desse modo, observa-se que aquelas cidades que compactuam com esta filosofia de intervenção entendem que a educação não é algo exclusivo dos familiares e das instituições de ensino, mas também de seus diversos tipos de habitantes, “nos seus espaços e tempos, onde são produzidos inúmeros cenários formais e informais, conscientes e inconscientes de comunicação e partilha de aprendizagens”, isto é, um processo que acontece no decorrer da vida (MORIGI, 2014, p. 31).

A Carta das Cidades Educadoras estabelece o guia dos governos locais que formam a Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE). É um manifesto que contém um preâmbulo e vinte princípios baseados na Declaração Universal de Direitos Humanos e em outras convenções e declarações (AICE, 2022).

Convém destacar que a AICE é uma organização cujos membros são cidades que se encontram engajadas em projetos que visam a melhoria da qualidade de vida de seus cidadãos.

Qualquer cidade que se encontre disposta a subscrever os princípios da Carta das Cidades Educadoras pode aderir à Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE, 2022).

Entre os trâmites legais para uma cidade se associar à AICE, tem-se:

- Aprovação da adesão por parte do órgão máximo de decisão municipal dos políticos eleitos (Assembleia Municipal ou outros).
- Cumprimento dos princípios da Carta das Cidades Educadoras.
- Participação nos canais de debate, intercâmbio e colaboração da AICE.
- Pagamento da cota anual correspondente dentro dos prazos previstos.

Os requisitos para a formalização da adesão são os seguintes:

- Preenchimento de todos os campos do formulário de adesão à AICE e subscrição da Carta das Cidades Educadoras, assinada pelo/a Presidente da Câmara e ratificada pelo órgão municipal competente dos políticos eleitos (Conselho Municipal, Conselho Plenário ou outros).

- Envio da cópia do acordo do órgão mencionado (com a aprovação do cumprimento dos princípios da Carta das Cidades Educadoras e da adesão) e o formulário de adesão ao Secretariado da AICE.
- Pagamento da cota correspondente.

Figura 1 – Cotas anuais

Número de Habitantes	Grupo I*	Grupo II*	Grupo III*	Grupo IV*
	Produto Nacional Bruto per capita 0-1.000 US\$	Produto Nacional Bruto per capita 1.001-3.000 US\$	Produto Nacional Bruto per capita 3.001-10.000 US\$	Produto Nacional Bruto per capita superior a 10.001 US\$
Menos de 50.000	70 €	104 €	160,50 €	220 €
De 50.000 a 100.000	100 €	156 €	214 €	330 €
De 100.000 a 250.000	250 €	338 €	481,50 €	715 €
De 250.000 a 500.000	350 €	520 €	749 €	1.100 €
De 500.000 a 1.000.000	500 €	780 €	1.070 €	1.650 €
De 1.000.000 a 2.000.000	650 €	1.040 €	1.605 €	2.200 €
De 2.000.000 a 5.000.000	800 €	1.300 €	1.872,50 €	2.750 €
Mais de 5.000.000	1.000 €	1.560 €	2.140 €	3.300 €

(*) PNB *per capita* 2020 (método Atlas) conforme os índices de desenvolvimento mundial do Banco Mundial.

Fonte: AICE (2022).

1.3 REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA E SUA ANÁLISE

Esta pesquisa, que tem como foco abordar as possíveis relações e conexões entre escola, o currículo e a cidade, optou por uma revisão sistemática de literatura, que tem por objetivo reunir materiais semelhantes de vários autores, a fim de conhecer, descrever, sistematizar e identificar discussões que tratam da relação entre a escola, o currículo formal e a cidade. A partir dessa proposta, visa-se relacionar aquelas que contemplam uma abordagem à luz dos princípios contidos nas Cartas das Cidades Educadoras.

O portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), criado para possibilitar o acesso à produção científica mundial, atualizada e de qualidade, foi a plataforma escolhida para o início da pesquisa, levando em consideração o objetivo de analisar sete artigos.

Para a seleção dos artigos, foram digitadas no portal de Periódicos da Capes as palavras “Cidades Educadoras”, que trouxeram de início 6.515 artigos. Esse número foi bastante significativo e para uma análise mais criteriosa, foram

selecionados artigos publicados apenas entre os anos de 2015 a 2022, passando a totalizar 3.616 artigos.

Com objetivo de encontrar e refinar artigos para corroborar com essa pesquisa, foi realizada uma nova busca, digitando as palavras “Cidades Educadoras, escola, educação formal e não formal”, ordenadas por relevância e publicações com datas mais recentes, passando assim para 1.088 artigos selecionados.

Para chegar a um número relativamente menor, excluíram-se os artigos que tinham como foco a educação infantil, e na sequência montou-se um quadro para seleção dos quatro artigos com a busca “Cidades Educadoras, escola, educação formal e não formal”.

Quadro 1 – Descritivos da análise dos artigos

1. Título do artigo	2. Ano da publicação	3. Autor/Autores	4. Vai ao encontro do tema escola, currículo e cidade? () sim () não
---------------------	----------------------	------------------	---

Fonte: o autor (2022).

Os dados apresentados no Quadro 1 foram utilizados como referência para a seleção final dos artigos, sendo avaliados criteriosamente o título do artigo, o ano da sua publicação, o autor e se o tema em questão ia ao encontro do objeto da pesquisa: escola, currículo e cidade.

O mesmo quadro foi utilizado para se chegar a um consenso quanto aos três artigos selecionados com a busca “currículo e cidade”. Repetiu-se a metodologia usando-se os mesmos critérios. Após a análise, foram selecionados oficialmente sete artigos, apresentados no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 – Artigos selecionados

Título do artigo	Ano de Publicação	Autor/Autores
1. Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora.	2015	Elisa Vieira Júlio Aquino
2. Educação integral e a construção de território educativo.	2019	Clodoaldo Teixeira Wilson Ribeiro dos Santos Júnior
3. Cidades Educadoras: Um estado da arte entre 1990 e 2020 e a relação com a educação formal.	2021	Maria Sílvia Bacila
4. A escola vai ao museu: um olhar de coordenadores pedagógicos e da gestão	2022	Bruno Inácio da Silva Pires Pedro Donizete Colombo Júnior

educacional de Uberaba - Minas Gerais.		
5. Cidade, educação e ciência: possibilidades educativas dos espaços urbanos a partir das percepções de professores em formação.	2017	Tárcio Minto Fabrício Denise de Freitas
6. A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana: concebido/percebido/vivido.	2019	Glória da Anunciação Alves
7. A cidade e seus caminhos: o espaço urbano como currículo e Itinerário Formativo.	2021	Leonardo Freire Marino

Fonte: o autor (2022).

Todos os artigos vão ao encontro do tema dessa pesquisa, tendo como centro a tríade: a escola, o currículo e a cidade. Não houve necessidade de elencar o item 4 que é mencionado no Quadro 1, pois os artigos que não atenderam a esse item foram excluídos da seleção.

Os artigos apresentados no Quadro 2 estão organizados cronologicamente em ordem crescente por ano de publicação e com a seguinte organização:

Quadro 3 – Organização dos artigos por palavras de busca

Artigos	Palavras de busca
1, 2, 3 e 4	Cidades Educadoras, escola, ensino formal e não formal.
5, 6 e 7	Currículo e cidade.

Fonte: o autor (2022).

O primeiro levantamento dos dados para a pesquisa com caráter de revisão sistemática de literatura foi realizado no mês de maio de 2022, por meio de buscas, pesquisas e filtros no Portal de periódicos da Capes. A partir desse levantamento, foram filtrados e selecionados sete artigos.

Para cada um dos sete artigos selecionados, será apresentado, ao final de cada explanação, um quadro com as seguintes descrições.

Quadro 4 – Organização/resumo dos artigos

1. Título do artigo	
2. Palavras-chave	
3. Ideia central	
4. Público ou Abordagem adotada	
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante () muito relevante

Fonte: o autor (2022).

O artigo 1, de Elisa Vieira e Júlio Aquino, intitulado *Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora*, publicado em 2015, foi sustentado em algumas formulações de Michel Foucault, problematizando a educação urbana como um dos *locus* da governamentalidade contemporânea e com foco em ações formativas em contextos não escolares.

Foi um trabalho investigativo da literatura acadêmica sobre as relações entre a cidade e a educação, abordando os documentos concernentes ao projeto da Cidade Educadora. O artigo discute as relações entre cidade e educação nos anos de 2015, avançando para o projeto das Cidades Educadoras.

Os autores fazem menção à primeira versão da Carta das Cidades Educadoras, formulada em Barcelona, em 1990, pelos representantes das cidades participantes do I Congresso Internacional das Cidades Educadoras. Posteriormente o seu texto foi revisto na terceira edição do Congresso, realizada em Bolonha, em 1994, e mais tarde em Gênova, em 2004.

Cabe lembrar, entretanto, que já em 1971 a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) havia constituído uma Comissão Internacional para o Desenvolvimento da Educação. Dali surgiu a proposta de uma cidade educativa, onde a cidade passaria a adquirir mais enfaticamente o papel de formadora, e a escola, por sua vez, o papel de gestora e produtora de cidadania democrática.

A fim de garantir o cumprimento dos princípios apresentados na Carta e de representar as cidades engajadas na proposta, criou-se, em 1994, a Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE).

[...] Cidade educadora é aquela que converte o seu espaço urbano em uma escola. Imagine uma escola sem paredes e sem teto. Nesse espaço, todos os lugares são salas de aula: rua, parque, praça, praia, rio, favela, *shopping* e também as escolas e as universidades. Há espaços para a educação formal, em que se aplicam conhecimentos sistematizados, e a informal, em que cabe todo tipo de conhecimento. Ela integra esses tipos de educação, ensinando todos os cidadãos, do bebê ao avô, por toda a vida (CABEZUDO, 2004, p. 26).

A AICE mantém uma base de dados (*International Association of Educating Cities*), contendo a descrição de práticas adotadas pelas cidades a ela associadas. Em relação ao público-alvo dos projetos, a maioria deles destina-se à população

urbana de modo geral, que é seguida de perto pela população escolar (incluindo-se aí alunos, docentes e funcionários).

Em 2022 vemos um avanço na adesão das cidades brasileiras em relação ao projeto das Cidades Educadoras, que de 15, em 2015, passaram a 24 cidades membros do projeto em 2022, tendo um aumento de 9 cidades em 7 anos, segundo o portal da Associação Internacional de Cidades Educadoras (edcities.org).

No que diz respeito ao âmbito acadêmico, a temática da cidade educadora tem gerado, no Brasil, uma série de referências. Dentre elas, destacam-se os seguintes livros até 2015: *A cidade como projeto educativo*, organizado por Ignacio Vila e Carmen Gomez-Granell (2003); *Cidade educadora: princípios e experiências*, organizado por Moacir Gadotti *et al.* (2004); *Cidade educadora: a experiência de Porto Alegre*, organizado por Leslie Toledo *et al.* (2004); *Município que educa: nova arquitetura da gestão pública* (2009) e *Município que educa: múltiplos olhares* (2010), ambos de Paulo Roberto Padilha. A partir de 2015, houve mais publicações, que serão analisadas pelos demais artigos.

Segundo Trilla, a ideia de cidade educadora contém em si dois níveis de significação: de um lado, o nível descritivo, que evidencia o fato de que todas as cidades educam, espontaneamente; de outro, o nível propositivo, marcado pela formulação de que as cidades devem educar, intencionalmente.

A análise do artigo em questão permite concluir que há, em curso, a produção de um modo intensivo de governo das populações baseado em uma experiência pedagogizada da cidadania, esta consubstanciada na disseminação de práticas educativas não formais.

Quadro 5 – Organização/resumo do artigo 1

1. Título do artigo	Sobre a pedagogização da experiência urbana: o projeto da cidade educadora
2. Palavras-chave	Cidade Educadora, governamentalidade, Michel Foucault
3. Ideia central	Problematizar a educação urbana com foco nas relações entre cidades e educação
4. Público ou Abordagem adotada	Abordagem qualitativa Trabalho investigativo na literatura acadêmica sobre as relações entre cidades e educação
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante (x) relevante () muito relevante

Fonte: o autor (2022).

O artigo 2, *Educação integral e a construção de território educativo*, de Clodoaldo Teixeira e Wilson Ribeiro dos Santos Júnior, publicado em 2019, analisa o conceito de educação integral a partir da corrente progressiva, mostrando a experiência do Centro Integrado de Educação Pública (CEUs), na cidade de São Paulo, por apresentar recentes metodologias de integração educacional e território educativo. O trabalho foi uma revisão bibliográfica que buscou expor essa experiência contemporânea evidenciando a importância na relação entre educação e cidade.

A implantação de modelos de educação integral nas escolas públicas despertou a atenção para a qualidade espacial necessária, que atenda às demandas relacionadas ao tempo e ao espaço, ampliando o debate a respeito da importância da apropriação do território urbano como espaço educativo, para além dos muros escolares, como forma de inserção e aprendizado no âmbito da realidade social.

O território é parte de uma extensão física do espaço utilizada como forma de expressão e exercício de controle e poder.

O artigo pontua que segundo Brandão (1986, p. 7):

[...] Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias educações.

O objetivo do estudo apresentado no artigo em discussão foi investigar como a educação integral na escola pública apropria-se do território, enquanto espaço educativo, pensando a cidade como extensão nesse processo e sua importância na atualidade como oportunidade de aproximação na relação entre/e com a comunidade, fortalecendo os diálogos e compreendendo as transformações urbano-sociais no território.

O estudo também analisou como esse fenômeno aproxima a cidade com o espaço escolar, enquanto lugar do encontro da comunidade, da aproximação e da socialização, ocupado e feito para as pessoas, capaz de criar conexões, conceitos e valores comunicantes com o território, proporcionando relações humanas de aprendizado.

Os autores apontaram algumas questões geradoras para justificar a importância da pesquisa, entre elas, “Qual a relação entre o pátio e os espaços livres da cidade?”.

Entende-se que essa questão possibilita diversos diálogos entre Escola Integral e Território, que foi o objetivo da pesquisa.

Para o educador Brandão:

A escola é o lugar da educação [...] ela é a mais importante e a mais indispensável comunidade de práticas da educação e de suas inúmeras experiências do aprender- -ensinar-aprender. Mas não é a única. Igualmente, [...] uma rua, uma praça, um centro de convivência, um bairro, uma cidade, são o que? Ora, todos esses círculos de vida cotidiana, que envolvem a casa onde moramos e nos estendem dela ao mundo onde vivemos, podem muito bem serem pensados, também, como cenários de tempos e de lugares de experiências interativas de reciprocidade entre os nossos saberes (BRANDÃO, 2008, P. 117-118).

O artigo nos faz refletir sobre os diversos cenários de aprendizagem que podemos encontrar além dos muros escolares. O território educativo pertence aos habitantes da cidade, sendo um termo da concepção de Cidade Educadora que vai além de suas funções tradicionais, pois reconhece, promove e exerce um papel educador na vida dos sujeitos, assumindo como desafio a formação permanente e integral de seus habitantes.

O artigo também aborda o projeto dos Centros Educacionais Unificados (CEUs), que representa o exemplo mais recente de concepção de espaço escolar como instrumento de apoio à estruturação e à formação social e de território educativo de integração urbana.

Esse aprendizado, apesar de não ser novo, foi sendo construído no decorrer das experiências que se iniciaram com o projeto da Escola Parque da Bahia e nos Parques Infantis de São Paulo, para atender à demanda educacional das classes populares. Os CEUs foram destinados às áreas periféricas e mais pobres da cidade de São Paulo. Houve critério de escolha para definir os espaços de intervenção, sendo a prioridade, principalmente, para aqueles lugares que se encontravam muitas vezes ociosos, ou que apresentavam baixo potencial de ocupação.

A pesquisa trouxe o mapeamento dos CEUs da cidade de São Paulo. A metodologia para selecionar os locais seguiu critérios urbanísticos da legislação ambiental e urbana: espaço territorial; concentração demográfica; taxa de vulnerabilidade social; mobilidade; de demanda por equipamentos de educação

infantil, demandas essas que, aos poucos, foram qualificando esses espaços e resultando no local da intervenção.

Os espaços educativos, dentre eles a escola, precisa ser pensada e planejada. É necessário que o estudante sinta prazer e vontade de estar naquele ambiente.

A ideia dos CEUs na cidade de São Paulo traz esse planejamento e um espaço arquitetônico bem pensado, bastando agora integrar de fato a cidade e a escola, a fim de tornar as pessoas seres transformados e transformadores em busca de um mundo melhor.

Quadro 6 – Organização/resumo do artigo 2

1. Título do artigo	Educação integral e a construção de território educativo
2. Palavras-chave	Educação Social, Educação Integral e Território Educativo
3. Ideia central	Analisar a ideia de Educação Integral atrelada a territórios educativos, mostrando a experiência do Centro Integrado de Educação Pública (CEUs) na cidade de São Paulo.
4. Público ou Abordagem adotada	Abordagem qualitativa Revisão bibliográfica
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante (x) relevante () muito relevante

Fonte: o autor (2022).

O artigo 3, *Cidades Educadoras: um estado da arte entre 1990 e 2020 e a relação com a educação formal*, de Maria Silvia Bacila, publicado em 2019, é uma investigação e discute as produções bibliográficas sobre cidades educadoras, segundo o movimento da Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE), trazendo suas relações com a educação formal, não formal e informal.

O artigo visa mapear produções bibliográficas por meio de livros publicados na língua portuguesa, tendo por objetivo ver a proximidade das obras com o movimento das Cidades Educadoras.

Identificaram-se 11 livros em língua portuguesa, editados no Brasil e em Portugal, conforme apresentado no Quadro 7.

Quadro 7 – Livros em Língua Portuguesa sobre Cidades Educadoras em ordem cronológica

Obra	Autor/autores	Ano da publicação
Cidades Educadoras	ZAINKO, Maria Amelia Sabbag	1997
A cidade Educadora	CABALLO VILLAR, Maria Belén	2001
Juventudes e Cidades Educadoras	CARRANO, Paulo César	2003
A cidade como projeto educativo	GÓMEZ-GRANELL, Carmen; VILA, Ignácio (org.)	2003
Cidade Educadora: princípios e experiências	GADOTTI, Moacir; PADILHA, Paulo Roberto; CABEZUDO, Alicia.	2004
Cidade Educadora: a experiência de Porto Alegre	TOLEDO, Leslie; FLORES, Maria Luiza Rodrigues; CONZATTI, Marli	2004
Cidadania, Sistema educativo e Cidade Educadora	PINTO, Fernando Cabral	2004
Edificando a nossa cidade educadora	BIASOTTO, Wilson Valentim	2006
Cidades Educadoras: possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia	MORIGI, Valter	2016
A educação ambiental na cidade educadora	MARTINEZ, Roberto	2017
Cidades Educadoras: um olhar acerca da cidade que educa.	ALVES, Alceli Ribeiro; BRANDENBURG, Elena Justen.	2018

Fonte: o autor (2022).

A pesquisa bibliográfica foi realizada com a busca do descritor “Cidade Educadora “ou “Cidades Educadoras”, em *sites* relacionados à compra por *e-commerce*, tanto para livros novos quanto e usados, tendo como principal referência a plataforma Estante Virtual.

Todas as obras foram analisadas e é consensual que, nos textos, a indicação de que viver a cidade educadora, seja em contexto de educação formal, não formal ou informal, conduz a uma ação voltada para aprendizagem entre o sujeito e o espaço em que ele vive, tão logo esse espaço é a cidade.

Usar a cidade como texto, permitir que as crianças se apropriem da cidade, que façam uso dos seus espaços, que a explorem que aprendam com as suas ruas, praças, com seus problemas e que a partir disso busquem soluções que sejam ativas e participativas é uma prerrogativa da Associação Internacional das Cidades Educadoras.

Quadro 8 – Organização/resumo do artigo 3

1. Título do artigo	Cidades Educadoras: um estado da arte entre 1990 e 2020 e a relação com a educação formal
2. Palavras chaves	Cidades Educadoras, Educação Formal e Educação Não Formal
3. Ideia central	Discutir as produções bibliográficas publicadas em português entre 1990 e 2020, identificando as suas relações com a educação formal, não formal e informal.
4. Público ou Abordagem adotada	Abordagem qualitativa Revisão bibliográfica Estudo exploratório
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante (x) muito relevante

Fonte: o autor (2022).

O artigo 4, *A escola vai ao museu: um olhar de coordenadores pedagógicos e da gestão educacional de Uberaba, Minas Gerais*, publicado em 2022, traz a educação como foco, explorando-a no que se refere à Educação Formal (EF), Educação Não Formal (ENF) e Educação Informal (EI).

Destas, a Educação Não Formal ganha evidência quando se aborda o estudo fora da escola, em espaços públicos e em especial nos museus. A visita a museus apresenta-se como forte aliada em termos de desenvolvimento de habilidades que de fato culminem em uma perspectiva educacional humanizada e interacionista, parceira da Educação Formal.

A pesquisa do presente artigo investigou a percepção de coordenadores pedagógicos e da gestora do Departamento de Educação Fundamental (DEF) da cidade de Uberaba, Minas Gerais, sobre a aproximação entre a EF e a ENF, em particular na relação escola-museu.

Adotou-se como aporte teórico-metodológico de pesquisa a Análise de Conteúdo, segundo Bardin. Utilizou-se contribuições teóricas da pesquisa exploratória com a realização de entrevista semiestruturada com a gestora do DEF e aplicação de questionários estruturados com os coordenadores pedagógicos desse segmento.

Os resultados demonstram que há um longo caminho a ser percorrido no sentido de alinhar as ações desenvolvidas pelas escolas em aproximação didático-pedagógica com os museus da cidade. A pesquisa também evidenciou o

desconhecimento por parte dos coordenadores pedagógicos sobre os museus locais, apesar de compreenderem a importância de uma aproximação com a escola.

Ao considerarmos a educação em uma visão tripartidária, englobando Educação Formal (EF), Educação Não Formal (ENF) e Educação Informal (EI), podemos interpretar a EF como algo estruturado e organizado que compõe parte dos currículos e planejamentos escolares, que seguem rituais embasados em normas, documentos e legislações institucionais. Este viés carrega finalidade, intencionalidade, é representado por instituições que conferem créditos ao final de cada ciclo ou etapa de aprendizagem, diplomas e níveis a serem alcançados no processo de escolarização.

A EI na percepção de Falk e Dierking (2010) nunca é organizada, pois se solidifica em experiências e na espontaneidade. Como exemplo, conversas entre amigos, diálogos entre pais e filhos, vivências no seio da família, grupos religiosos e no cotidiano das pessoas. A Educação Informal não possui intencionalidade.

A ENF ocorre fora da escola, ou seja, é uma atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, com objetivos de aprendizagem. Ela pode ocorrer em espaços públicos, bairros, ruas e principalmente em museus, que é o tema principal dessa pesquisa. Os museus são identificados como locais que têm forma própria de desenvolver sua dimensão educativa.

O artigo em questão mostra uma pesquisa que investigou a percepção de coordenadores pedagógicos sobre algumas indagações, como: Qual a percepção dos coordenadores pedagógicos quanto à aproximação entre EF e ENF, em particular na relação escola-museu? Como tem ocorrido (se ocorre) e de que forma as escolas têm se organizado pedagogicamente para a realização de visitas à espaços de ENF? Qual a visão do DEF/SEMED no tocante à integração entre espaços de EF (escolas) e espaços de ENF (museus) no âmbito municipal? Há ações de formação continuada em serviço sendo desenvolvidas pelo DEF/SEMED visando a utilização assertiva dos espaços de ENF da cidade?

O artigo é muito interessante, pois aborda uma realidade das escolas brasileiras e traz o museu como alternativa para contribuir com a aprendizagem e a formação do indivíduo. Muitas são as ferramentas oferecidas pelos museus, levando o estudante a pensar, apreciar, conectar-se com a arte e a história, avaliar,

comparar, aplicar ideias, fazer questionamentos, reunir informações, despertar o interesse e tornar-se crítico.

A pesquisa mostrou que os museus de Uberaba/MG não são bem explorados pelas escolas, uma vez que nem todos os coordenadores pedagógicos conhecem todos os museus e a grande maioria desconhece o que seria a Educação Não Formal. Para 40% dos coordenadores pedagógicos, há muitos entraves que dificultam e desestimulam as visitas pedagógicas dos estudantes aos museus, entre eles a falta de transporte para todos os estudantes e de funcionários na escola para acompanhar a visita. O presente artigo trouxe vários questionamentos para a equipe do Departamento da Educação Fundamental, que se mostrou bastante interessada em tornar esse quadro de Educação Não Formal mais produtivo e eficiente nas unidades escolares de Uberaba/MG.

Fica bastante evidente a necessidade de formação aos educadores no que tange a explorar e articular o currículo escolar e a cidade.

Quadro 9 – Organização/resumo do artigo 4

1. Título do artigo	A escola vai ao museu: um olhar de coordenadores pedagógicos e da gestão educacional de Uberaba, Minas Gerais
2. Palavras-chave	Educação Formal, Educação Não Formal, Ensino Fundamental II
3. Ideia central	Investigar a percepção dos coordenadores pedagógicos e da gestora de Departamento da Educação Fundamental sobre a aproximação entre a Educação Formal e a Educação Não Formal, em particular na relação escola-museu
4. Público ou Abordagem adotada	Coordenadores Pedagógicos e gestora do Departamento da Educação Fundamental Aplicação de questionários estruturados Pesquisa exploratória Entrevista
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante (x) muito relevante

Fonte: o autor (2022).

Os artigos apresentados na sequência foram selecionados a partir das palavras de busca: currículo e cidade.

O artigo 5, *Cidade, educação e ciência: possibilidades educativas dos espaços urbanos a partir das percepções de professores em formação*, publicado

em 2017 e escrito por Tércio Minto Fabrício e Denise de Freitas, teve como objetivo investigar, identificar e caracterizar os espaços reconhecidos por professores em formação como espaços formativos e compreender os sentidos atribuídos por esses professores a tais espaços.

Foram utilizados documentos produzidos pelos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) durante uma disciplina ofertada no segundo semestre de 2014, submetidos aos procedimentos da análise textual discursiva e interpretados à luz dos referenciais das cidades educadoras.

O artigo faz refletir sobre os processos educativos e o acesso ao conhecimento que não podem mais se concretizar apenas na restrição imposta pelas instituições escolares e que se faz necessário ir para além dos muros dessas instituições, pois uma miríade de conhecimentos e saberes é produzida e partilhada não apenas pelos especialistas – cientistas, técnicos e professores –, mas também por pessoas comuns que, na sua relação cotidiana com o mundo e, especialmente, com o outro, aprendem e ensinam também mais do que possibilidades restritas do ambiente escolar.

Nessa ótica, a educação não formal ganha espaço e sentido em conexão com a escola com uma nova perspectiva de ensinar e aprender. Para que isso ocorra, é necessário ir além da escola, bem como adotar e experimentar práticas que são apontadas pela educação e pela ideia de Cidades Educadoras.

As perspectivas das Cidades Educadoras apontam para a emergência de uma cidadania ativa, ao colocar os educandos diante das questões da própria cidade, seja pelos seus meios educativos, seja pelos seus ricos contextos de aprendizagem ou pelo diálogo e confronto de conhecimentos e saberes comuns à vida cotidiana.

O artigo explora a cidade como espaço de aprendizagem e mostra que ela deve ter seu caráter pedagógico reconhecido a partir de suas três dimensões: Aprender na Cidade, Aprender da Cidade e, por fim, Aprender a Cidade (TRILLA, 1999).

Assumir a intencionalidade pedagógica dos espaços urbanos, como acredita Moll (2004), depende diretamente do diálogo entre seus mais diversos atores e da explicitação dos projetos educativos presentes nas ações de tais autores.

Tal aspecto reforça a importância da formação de professores para que possam atuar como mediadores desse diálogo, articulando os universos formais e não formais de educação, buscando para além do desenvolvimento de conteúdos específicos.

O projeto do artigo em questão foi caracterizado como uma abordagem exploratória e desenvolvido na cidade de São Carlos, no interior de São Paulo, tendo como participantes da pesquisa 20 estudantes do curso de Ciências. O trabalho desenvolvido foi o mapeamento dos espaços educativos da cidade, onde os estudantes indicaram no mínimo cinco locais não escolares no município para o desenvolvimento de atividades educativas, justificando suas escolhas e apontando características educativas de tais espaços. O mapeamento realizado pelos estudantes identificou 49 espaços identificados como educativos.

Os resultados obtidos revelaram certa dificuldade dos futuros professores em identificar as diversas possibilidades educativas localizadas para além dos muros escolares, reforçando a necessidade de uma incorporação mais incisiva dessa perspectiva nas orientações curriculares tanto do Ensino Básico quanto das próprias universidades, especialmente em relação aos cursos de formação inicial de professores.

Quadro 10 – Organização/resumo do artigo 5

1. Título do artigo	Cidade, educação e ciência: possibilidades educativas dos espaços urbanos a partir das percepções de professores em formação
2. Palavras-chave	Cidade educativa, Educação não formal, Ensino de Ciências, Formação de professores
3. Ideia central	Investigar, identificar e caracterizar os espaços reconhecidos por professores em formação, como espaços formativos, e compreender os sentidos atribuídos por esses professores a tais espaços.
4. Público ou Abordagem adotada	20 professores de ciências em curso de graduação. Abordagem exploratória
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante (x) muito relevante

Fonte: o autor (2022).

No artigo 6, *A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana: concebido/percebido/vivido*, de Glória Anunciação Alves, publicado em 2019, discute-se a importância da análise espacial para o entendimento da realidade a partir da tríade concebido/percebido/vivido presente na obra de Henri Lefebvre, intitulada *A produção do espaço*.

Parte-se do princípio de que a produção do espaço implica não só produção material, mas também de vida, de cultura, do modo de ser urbano, que tende a se generalizar em escala mundial, ainda que mantendo particularidades.

O artigo traz a tríade concebido/percebido/vivido, muito utilizada, mas muitas vezes de modo banalizado, o que culmina na perda de sua potência explicativa, tão necessária na atualidade.

O artigo ainda ressalta que é fundamental entender o processo de produção do espaço, dando ênfase que o espaço concebido é aquele planejado, instituído, aquele das normas técnicas, um espaço que normatiza o que os cidadãos podem ou não. Brasília e as grandes avenidas de São Paulo são bons exemplos de espaço concebido.

Já o espaço vivido é notado em nossa sociedade a partir de expressões/ações de radicalidade, principalmente quanto ao uso que se faz no espaço.

Segundo Lefebvre, o espaço percebido seria relativo à prática social e expressaria a relação entre: “[...] a realidade cotidiana (o uso do tempo) e a realidade urbana (as rotas e redes) que se ligam aos lugares de trabalho, da vida privada, de ócio” (LEFEBVRE, 2009, p. 27).

A autora traz valiosas reflexões acerca da tríade lefebvriana que serão abordadas mais adiante nessa pesquisa.

Quadro 11 – Organização/resumo do artigo 6

Título do artigo	A produção do espaço a partir da tríade lefebvriana: concebido/percebido/vivido
Palavras-chave	Produção do espaço, Concebido, Percebido, Vivido, Lefebvre. Urbano
Ideia central	Discute-se sobre a importância da análise espacial para o entendimento da realidade a partir da tríade concebido/percebido/vivido
Público ou Abordagem adotada	Estudo exploratório
Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante (x) muito relevante

Fonte: o autor (2022).

No artigo 7, *A cidade e seus caminhos: o espaço urbano como currículo e Itinerário Formativo*, de 2021, de Leonardo Freire Marino, desenvolve-se uma análise a respeito da relação entre as cidades e os processos educativos.

Pontua-se que é fundamental que os sujeitos sejam capazes de perceberem o potencial educativo presente em seus entornos e que o espaço das cidades, por meio de seus múltiplos territórios e territorialidades, sejam entendidos como instâncias formativas.

O objetivo do artigo foi estimular o olhar, a capacidade de observação e incentivar os sujeitos a perceber que os processos educativos não são exclusivos do ambiente escolar, que a educação ocorre de modo permanente e que a sua concreção ultrapassa os muros institucionais.

O material produzido pelo autor vem a favorecer para a construção de uma educação integral, significativa e emancipadora, uma educação que seja capaz de reconhecer os saberes produzidos pelos estratos populares e que vá ao encontro dos conteúdos e currículos escolares.

Os processos educativos são inerentes às relações humanas e podem acontecer em qualquer espaço, não apenas nas instituições de ensino. Sendo assim, é fato que os processos formativos não podem ser reduzidos à apreensão de conteúdos escolares ou à assimilação de normas disciplinares.

Todas as experiências e práticas construídas pelos indivíduos são significativas, interferem na construção de subjetividades e, conseqüentemente, nos processos educativos.

Com base nessas considerações, propõe-se que as cidades sejam pensadas como instâncias educativas. O estudo das cidades, em sua totalidade, multiplicidade de territórios e complexidade, pode contribuir para superar o distanciamento entre as instituições de ensino e os conhecimentos produzidos pelos estratos populares, deixando de lado a forma fragmentada e pouco articulada do currículo com a realidade.

Currículo e cidade precisam estar articulados, novas formas de aprender e ensinar precisam ser constituídas e uma nova pedagogia deve ser erigida, uma pedagogia que se estabeleça nas brechas, nas fissuras dos currículos rígidos e que

incorpore a vida humana em sua diversidade e as cidades em seus múltiplos territórios.

No processo de construção dessa nova pedagogia, dessa nova forma de ensinar e aprender, os territórios urbanos devem ocupar um lugar central. A educação ultrapassa os muros escolares, ocorrendo por meio de relações socioespaciais construídas pelos sujeitos, em diferentes temporalidades e espacialidades, por isso as cidades devem ser percebidas como instâncias formativas fundamentais.

O educador espanhol Jaume Bernet (1997), um defensor das chamadas cidades educativas, aponta que a educação nos espaços urbanos ocorre por meio de três dimensões – aprender na cidade, aprender com a cidade e aprender a cidade.

Na primeira dimensão, aprendemos nas cidades por meio de suas infraestruturas. Nessa dimensão, a cidade constitui o contexto espacial em que as instituições educativas estão alojadas. A cidade seria o local em que escolas e universidades estão instaladas e são acessadas.

A segunda dimensão, aprender com a cidade, envolveria os processos educativos que emanam de equipamentos construídos com a finalidade de interferir na formação dos sujeitos, mas que não estão inseridos no conjunto de instituições de ensino estabelecidas com esse objetivo. Aqui estão relacionados museus, bibliotecas e espaços culturais, além das políticas públicas que buscam fomentar os processos educativos.

A terceira e última dimensão envolveria os processos que buscam apreender a cidade. Nessa dimensão encontramos as normas, atitudes sociais, valores, tradições e costumes estabelecidos e expostos cotidianamente aos seus habitantes.

As considerações apontadas por Bernet apontam que todas as cidades têm potenciais educativos, entretanto, é preciso que o potencial educativo presente nos espaços urbanos seja reconhecido, mas, igualmente, considerado e desenvolvido nos currículos e nas práticas de escolares. A cidade precisa ser vista como um itinerário formativo.

Quadro 12 – Organização/resumo do artigo 7

1. Título do artigo	A cidade e seus caminhos: o espaço urbano como currículo e Itinerário Formativo
2. Palavras-chave	Cotidiano, Práticas de Ensino, Currículo Escolar, Territórios Educativos.
3. Ideia central	Estimular o olhar, a capacidade de observação, e incentivar os sujeitos a perceber que os processos educativos não são exclusivos do ambiente escolar, que a educação ocorre de forma permanente e que a sua concreção ultrapassa os muros institucionais.
4. Público ou Abordagem adotada	Estudo exploratório
5. Relevância para minha dissertação e produto	() pouco relevante () relevante (x) muito relevante

Fonte: o autor (2022).

1.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após descrever, identificar, analisar e sistematizar de forma descrita, categorizando por pontos-chave nas tabelas a revisão sistemática de literatura dos artigos que trazem como tema principal “A cidade como currículo”, foi possível compreender e observar diferentes experiências.

Todos os estudos são artigos científicos encontrados em plataformas acadêmicas de busca e em relação ao público-alvo desses estudos, houve uma diversificação, pois foram professores, coordenadores de escola, estudantes e comunidade escolar. Pode-se perceber que os resultados encontrados são positivos quanto à ideia de uma educação integral, primando pelo desenvolvimento físico, social, cognitivo e emocional do estudante.

A escola precisa estar conectada com a comunidade. Os artigos nos trazem a uma reflexão de que a vida dos estudantes não está envolta apenas no espaço fechado da escola. Ela está também nas ruas, nas praças, nos *shows* e eventos que acontecem na cidade. A escola precisa acompanhar esse trânsito do estudante, essa vivência e troca de conhecimentos e saberes que são produzidos em todos os lugares.

A cidade é uma escola. A ideia de se explorar a cidade como texto, como currículo, vai ao encontro das expectativas e premissas das Cidades Educadoras. É

preciso deslocar o foco e a concepção de que a aprendizagem ocorre apenas na escola, pois ela pode ocorrer em todos os lugares.

O currículo escolar está desgastado e precisa colocar o processo de ensino e aprendizagem sob um novo olhar e a atenção para a formação de professores, para que possam utilizar espaços além da sala de aula é um dos principais pontos de partida.

Com base nisso, elaborou-se um produto para esse Mestrado Profissional, intitulado *E-Book: A cidade como mapa curricular*, o qual é apresentado no capítulo 4 de forma descritiva. No que se refere ao tema Cidades Educadoras, vale ressaltar que nos últimos anos pós-pandemia surgiram algumas publicações que vão ao encontro do tema dessa pesquisa.

Em 2021, Alceli Ribeiro Alves e Nelson Pereira Castanheira publicaram o artigo: *Projetos inovadores, contextos fundamentais e lacunas de pesquisa na perspectiva das cidades educadoras*, com o propósito de analisar e compreender as atuais iniciativas realizadas sob a bandeira da Cidade Educadora. A pesquisa reafirma que a Cidade Educadora é uma arena rica de debates e inovações. São apresentadas algumas lacunas acerca do tema que servem para reflexão e ponto de partida para pesquisas futuras. Os autores pontuam que a Cidade Educadora deve fortalecer o desenvolvimento de projetos que promovam o engajamento das comunidades, instituições e escolas na construção da cidade que desejamos.

Em 2022, Jaqueline Moll, Renata Gerttard de Barcelos e Thiago Dutra publicaram o artigo: *Cidades que educam e se educam: reconstruindo o olhar sobre a educação a partir dos territórios e das pessoas*. A publicação é um dossiê que reúne pesquisas e estudos de educadores e pesquisadores que pensam as pautas sobre educação nas unidades escolares e para além delas, visando promover qualidade de vida nas cidades. O dossiê propõe pensar em diferentes alternativas para as cidades tornarem-se espaços policêntricos, articuladores e potencializadores, caminhando para uma educação cidadã e assim ir avançando das Cidades Educadoras para as cidades que educam.

Em 2022, Alceli Ribeiro Alves e Mariana Gonçalves Vieira publicaram o artigo: *A Cidade Educadora como proposta política e pedagógica transformadora para a educação do século XXI, onde se passou a pensar a cidade, com a cidade e para a cidade*. O artigo traz reflexões e afirmações de que a Cidade Educadora pode ser

política e pedagógica e que deve, na sua essência, realizar projetos e ações que envolvam a comunidade.

Em 2022, Jaqueline Moll, Márcio Tascheto da Silva e Elsio Corá publicaram o artigo: *Cidades Educadoras: o desafio da construção de outro paradigma pedagógico e de gestão em tempos distópicos*, busca apresentar as dinâmicas vivas entre a Cidade e a Educação, considerando os contextos distópicos que estamos vivendo. A cidade esta aí, ela é um espaço de relações interpessoais, vivemos e respiramos na cidade. Ela tem as suas histórias, memórias, conflitos, disputas e narrativas, constitui-se como um currículo, como um percurso multifacetado e cheio de possibilidades educativas.

2. A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR

2.1 A CIDADE COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM

A construção do conhecimento vai muito mais além da aprendizagem em sala de aula. Assim, o espaço físico da cidade também pode ser considerado parte da proposta pedagógica e do processo de aquisição do conhecimento.

A cidade é cultura, criação, não só pelo que fazemos nela e dela, pelo que criamos nela e com ela, mas também é cultura pela própria mirada estética ou de espanto, gratuita que lhe damos. A cidade somos nós e nós somos a cidade. (PAULO FREIRE, 1993, p. 13).

Nesse contexto, a cidade funciona como sendo um mapa curricular, isto é, uma espécie de livro didático, propiciando aos alunos o desenvolvimento de uma aprendizagem com autonomia, tornando-os independente e gestores de seu próprio conhecimento. Como já afirmava Paulo Freire: “[...] os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, até porque “ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1987, p. 21).

A cidade está educando quando imprime essa intenção na forma como é apresentada aos seus cidadãos, ciente de que as suas propostas têm consequências nas atitudes e na convivência e geram novos valores, conhecimentos e competências. Todas as áreas estão envolvidas e dizem respeito a todos os cidadãos. (BELLOT, 2013, p. 20).

É preciso incluir a cidade como território educativo e pensar nesse movimento como via de mão dupla, onde se rompem os muros e abrem-se as portas, afinal, as aprendizagens podem ocorrer em qualquer espaço, em qualquer lugar.

A cidade constitui um livro aberto, uma espécie de *Wikipédia*, em que todo sujeito pode contribuir livremente, acessar, relacionar, contextualizar, reelaborar, compartilhar, sistematizar, sintetizar, e se questionar continuamente em torno de um amplo e incalculável capital de conhecimentos (CARBONELL, 2016, p. 15).

Ressalta-se que uma cidade pode dispor de vários locais para serem usados como espaços educativos, cada canto da cidade pode ser explorado por meio de propostas metodológicas que a condicionem como cenário de aprendizagem, já que

elas têm um potencial educativo que pode e deve ser usado em prol de atividades que despertem a curiosidade e o interesse dos estudantes (SABOTA, 2019).

Existe um currículo fora do ambiente escolar, onde há toda uma prática cultural que ocasiona significados, formas de subjetivação e maneiras de entender o mundo e de compreender-se nele que têm a ver com as experiências vividas na cidade. Assim, percebe-se que a cidade como currículo deve ser analisada como formadora de práticas, experiências, relações e materialidades que vão articulando uma forma de entender a cultura e de se entender como parte dela (BONAFÉ, 2016).

A cidade é uma fusão de identidades culturais e sociais, como se fosse um conjunto de caminhos e de histórias, uma sinfonia de sons e linguagens (CARBONELL, 2016). A cidade é um conjunto de caminhos que apresenta inúmeras possibilidades para a aprendizagem.

A rua pode ser descrita como sendo “uma aula, uma lousa, um lugar onde se escreve”. Não é apenas parte do caminho percorrido até o museu, centro cultural ou a escola. Ela também ensina e cabe aos professores ensinar seus alunos a aprender a ler as mensagens que ela emite (BONAFÉ, 2016).

Nesse universo, observa-se que a fase do conhecimento é também o período da sociedade aprendente, onde todos se tornam aprendizes e, para tal, faz-se necessário retornar aos conhecimentos que temos para ampliá-los (GADOTTI, 2006).

Na ideia de apresentar aos professores do Ensino Fundamental Anos Finais uma proposta de usar a cidade como currículo e Mapa curricular, sequências de aprendizagens foram montadas, explorando as aulas de pré-campo, campo e pós-campo.

2.2 EXPLORANDO QUATRO ESPAÇOS PÚBLICOS DA CIDADE DE APIAÍ

Apiáí é um município da região do Alto Vale do Ribeira, no estado de São Paulo, e tem aproximadamente 24.100 habitantes. É um município turístico, onde se destacam diversas esculturas em argila.

A região de Apiáí é o maior remanescente de Mata Atlântica do país, evidenciando uma riqueza paisagística composta de recursos naturais de rara beleza.

É nesse cenário, de uma cidade simples e pequenina do interior, que será proposta uma articulação entre o currículo e a cidade.

Ao se fazer uso do espaço da cidade para educar e promover o processo de ensino-aprendizagem, realiza-se um processo contínuo de construção e transformação social. Isso pode ocorrer de diversas maneiras, como no caso da exploração dos espaços de memórias da cidade, tais como museus e cemitérios, e também da conscientização acerca da importância que os espaços de cidadania têm para formação profissional e desenvolvimento social (ALVES; BRANDENBURG, 2018, p. 24).

A cidade de Apiaí, com seus 251 anos, tem muitas memórias e história, e conta com diversos espaços que podem favorecer o processo de ensino e aprendizagem: museu, parque natural, ruas, praças, calçadão, cemitério, igrejas, biblioteca municipal, quadra esportiva, campo de futebol, prédios e construções.

Foram escolhidos quatro espaços públicos (Figuras 2, 3, 4 e 5), que se caracterizam como uma área de domínio estatal livre para uso da população em geral, criado com a finalidade de promover a interação das pessoas com a cidade.

Figura 2 – Praça Alberto Dias Baptista



Fonte: o autor.

Figura 3 – Mirante do Morro do Ouro



Fonte: o autor.

Figura 4 – Casa do Artesão



Fonte: o autor.

Figura 5 – Praça Francisco Xavier da Rocha



Fonte: o autor.

Esses espaços foram escolhidos com a finalidade de mostrar uma possível articulação entre o currículo escolar e a cidade.

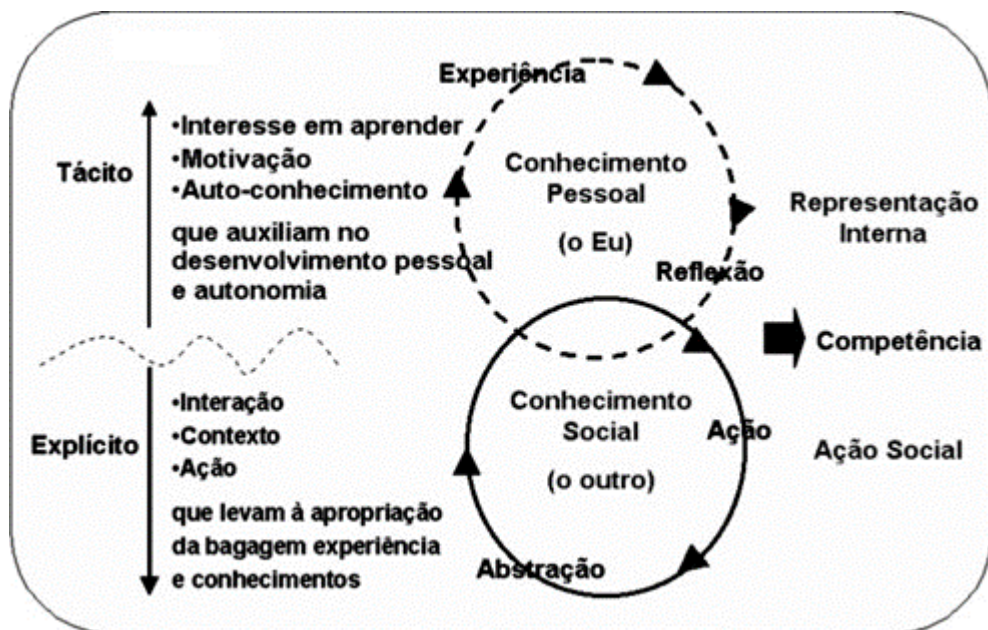
3. O CURRÍCULO COMO NORTE PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

3.1 A APRENDIZAGEM COMO CENTRO DA ATIVIDADE ESCOLAR

A aprendizagem é o processo pelo qual competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos e ela pode ocorrer em qualquer espaço, ou seja, dentro ou fora da escola. Esse processo engloba a representação interna de uma pessoa (autoconhecimento, interesse e motivação em aprender) e também sua ação social (conhecimento do outro), colaborando para o desenvolvimento de suas competências (COMPARSI, 2018).

A figura a seguir representa essa ideia.

Figura 6 – Processo de aprendizagem e desenvolvimento de competências



Fonte: Antonello; Pantoja (2010, p. 57).

Há três tipos de aprendizagem: a formal, não formal e a informal. A chamada aprendizagem formal é aquela que envolvem os processos padronizados, verticalizados e estruturados previamente (COMPARSI, 2018).

Entende-se que a aprendizagem formal é aquela que ocorre na escola, sendo inteiramente intencional e organizada por um currículo escolar, com intencionalidade

pedagógica, a qual pode passar a explorar a cidade tendo por objetivo transcender os muros da escola e tornar a aprendizagem mais prazerosa e significativa.

[...] na aprendizagem formal, existem procedimentos sistematizados e induzidos de instrução para alcançar a aprendizagem com o auxílio de professor ou instrutor [...] a aprendizagem formal é tipicamente aquela que conta com apoio institucional, que ocorre em salas de aula e que é altamente estruturada (COMPARSI, 2018, p. 20).

Nesse contexto, percebe-se que a aprendizagem formal se caracteriza pelo planejamento, isto é, as pessoas buscam, de modo intencional, um determinado espaço a fim de aprender ou adquirir algum conhecimento ou competências específicas. Contudo, não se pode esquecer que situações comuns do cotidiano também podem e devem ser oportunidades de desenvolvimento, mesmo que seja de modo inconsciente (BARROS *et al.*, 2016).

A aprendizagem não formal acontece fora da escola e, de acordo com Libâneo (2002), podemos entender que a educação não formal se refere às organizações políticas, profissionais, científicas, culturais, agências formativas para grupos sociais, educação cívica, etc., com caráter intencional. Ela ocorre no exterior da escola, em museus, espaços públicos, bairros e ruas.

Já os processos informais de aprendizagem são definidos como sendo um subproduto de alguma atividade, tais como “[...] cumprimento de tarefas, interação interpessoal, sentir a cultura organizacional, experimentação por tentativa e erro, ou até mesmo da aprendizagem formal, e pode ser deliberadamente encorajada por uma organização ou também pode ocorrer mesmo que o ambiente não seja altamente propício para tal” (COMPARSI, 2018, p. 21).

Assim, observa-se que o processo de aprendizagem informal ocorre a partir de oportunidades que surgem de forma natural e espontânea, onde se encontra presente a autoinstrução, na qual é determinado o que se quer aprender e qual a melhor estratégia para adquirir o conhecimento. Convém ressaltar que esse tipo de aprendizagem possibilita maior flexibilidade e liberdade aos alunos (BARROS *et al.*, 2016).

A educação informal ocorre sem intencionalidade, no processo de socialização, na mídia e em grupos religiosos e familiares.

Quadro 13 – Aprendizagem formal, não formal e informal

Aprendizagem Formal	Aprendizagem Não Formal	Aprendizagem Informal
Na escola	Em instituição fora da escola	Em qualquer lugar
Pode ser opressivo	Normalmente suportado	Suportado
Estruturado	Estruturado	Não estruturado
Normalmente disposto	Normalmente disposto	Espontâneo
Compulsório	Normalmente voluntário	Voluntário
Orientado pelo professor	Pode ser orientado pelo guia ou pelo professor	Normalmente se autoconduz
Aprendizado é avaliado	Normalmente o aprendizado não é avaliado, embora possa fazê-lo	Aprendizado não avaliado
Sequencial	Tipicamente não sequencial	Não sequencial
Motivação é tipicamente mais extrínseca	Motivação é tipicamente externa, mas é tipicamente mais intrínseca	Motivação é intrínseca, normalmente
Metodologia	Motivacional	Flexibilidade
Limites bem definidos	Ilimitada	Não há limites

Fonte: Adaptado de Eshach (2007).

Assim, verifica-se a Educação Formal, Não formal e Informal contribuem para o aprendizado do estudante, visto que a aprendizagem escolar, aquela que ocorre dentro das salas de aula, está diretamente relacionada à Educação Formal, tendo como norte o uso do currículo.

É notório que a aprendizagem pode ocorrer em qualquer espaço e não apenas dentro dos muros escolares. A Educação Não Formal, já mencionada nesse texto, traz como exemplos museus e outros espaços educativos com intencionalidade pedagógica e cultural que contribuem para uma aprendizagem espontânea e prazerosa

A Educação Informal também contribui para a aprendizagem e encontra-se relacionada às práticas sociais e à participação ativa das pessoas, podendo serem trabalhadas de modo concomitante (COMPARSI, 2018). *Shows*, eventos em igrejas e tudo o que acontece na rua fazem parte da aprendizagem informal.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é explorar o Currículo Formal, aquele que ocorre dentro da Instituição de Ensino, porém é preciso explorá-lo com

criatividade e inovação.

As escolas precisam transcender os seus muros, explorar mais o seu entorno, o que há fora da sala de aula, abandonar as aulas monótonas e cansativas e para tanto se faz necessário e urgente deixar a aprendizagem mais atrativa e interessante.

Ao desemparedar as salas de aula, partimos para a cidade e esta tem um grande potencial educativo.

A escola deve libertar-se de uma visão regeneradora ou reparadora da sociedade, assumindo que é apenas uma entre as muitas instituições da sociedade que promovem a educação. Nesse sentido, convém pensar de outro modo o espaço público da educação, através de um aproveitamento das potencialidades culturais e educativas que existem na sociedade e de uma responsabilização do conjunto das entidades públicas e privadas (NÓVOA, 2009).

O currículo é um dos sustentáculos para a aprendizagem escolar, pois ele mostra o caminho, direciona, mas é preciso colocar nesse importante documento uma roupagem que traga conexão com a realidade dos estudantes. A escola precisa atualizar-se e acompanhar as mudanças tecnológicas, assim inovando, explorando a tecnologia e trazendo novas metodologias de ensino.

3.2 A CONEXÃO DE COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DA BNCC E DO CURRÍCULO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO EXPLORANDO ESPAÇOS DA CIDADE

3.2.1 Habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento normativo que rege as redes de ensino, tanto as públicas como as privadas, sendo uma referência obrigatória para a elaboração dos currículos escolares e as propostas pedagógicas. A BNCC abrange desde a educação infantil até o ensino médio (BRASIL, 1996).

A BNCC estabelece conhecimentos, competências e habilidades esperando-se que os alunos as desenvolvam no decorrer da escolaridade básica. Voltada para os princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a presente Base vislumbra atingir os propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (BRASIL, 1996).

A BNCC tem como fio condutor 10 competências gerais que todos os estudantes devem desenvolver ao longo da Educação Básica.

Quadro 14 – As 10 competências Gerais da BNCC

1. Conhecimento	Valorizar e utilizar os conhecimentos sobre o mundo físico social, cultural e digital
2. Pensamento Crítico, Científico e Criativo	Exercitar a curiosidade intelectual e utilizar as ciências com criticidade e criatividade
3. Repertório Cultural	Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais
4. Comunicação	Utilizar diferentes linguagens
5. Cultura Digital	Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de forma crítica, significativa e ética
6. Trabalho e Projeto de Vida	Valorizar e apropriar-se de conhecimentos e experiências
7. Argumentação	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis
8. Autoconhecimento e Autocuidado	Conhecer-se, compreender-se na diversidade humana e apreciar-se
9. Empatia e Cooperação	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação
10. Responsabilidade e Cidadania	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação

Fonte: Ministério da Educação (2018)

Além das 10 competências gerais, a BNCC traz as competências específicas de cada área do conhecimento e elas são contempladas em todos os currículos estaduais e municipais.

3.2.2 Currículo

O currículo é a base da prática pedagógica que serve como referência para a gestão e organização do conhecimento escolar. Ele envolve os conteúdos que deverão ser estudados, as atividades realizadas, as competências a serem desenvolvidas e o modo como serão abordados em sala de aula (PINHEIRO, 2015).

Proveniente do latim, o termo *curriculum* significa lugar onde se corre, ou corrida, derivado do verbo *currere* que quer dizer percurso a ser seguido, conforme explica Pacheco (2007). Nesse sentido, o significado de currículo refere-se a um curso a ser seguido, a um conteúdo a ser estudado, refletindo uma sequência de

conteúdos definidos socialmente, com base em sequências delineadas para o processo de aprendizagem (PACHECO, 2007, p. 48).

O currículo é apontado como sendo “um modo de seleção da cultura produzida pela sociedade para a formação dos alunos, é tudo o que se espera que seja aprendido e ensinado na escola” (LIBÂNEO, 2005, p. 362).

Outra concepção de currículo é de que ele é “[...] o conjunto das atividades nucleares desenvolvidas pela escola. São as atividades fundamentais e essenciais que a escola não pode deixar de desenvolver, a fim de garantir o direito a aprendizagem dos estudantes” (SAVIANI, 2016, p. 16).

Existem inúmeras concepções de currículo, não havendo um consenso acerca de sua definição, visto que este termo já foi “[...] associado ao rol de conteúdos escolares, matriz curricular, programas de ensino, ações práticas no contexto escolar e a todos esses fatores em conjunto” (PACHECO, 2007, p. 48).

Todavia, é inegável que ele “[...] uma parte importante da organização escolar e faz parte do projeto político-pedagógico de cada escola. Por isso, deve ser pensado e refletido pelos sujeitos em interação que têm um mesmo objetivo e a opção por um referencial teórico que o sustente” (VEIGA, 2002, p. 7).

Ressalta-se a necessidade de se compreender que o currículo escolar é parte integrante do Projeto Político-Pedagógico da escola, que por sua vez é um documento normativo, sendo o coração da instituição de ensino e que contém todas as atividades a serem realizadas no decorrer do ano letivo e que precisa ser compartilhado com estudantes, professores, pais e todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, compreende-se que o presente documento é de suma importância para a organização do projeto político-pedagógico, pois ele surgiu para atender às diretrizes educacionais, garantindo uma formação democrática, humanizada, cidadã, com direito à educação e a diminuição da desigualdade cultural.

Sob esse aspecto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394 de 1996 definiu o currículo escolar como um conjunto de competências a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica, para nortear e organizar as atividades escolares:

Estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências a diretrizes para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum (BRASIL, 1996, Art. 9 IV).

Além de reunir as disciplinas e os conteúdos ou objetos de conhecimento a serem implementados e cumpridos pelas escolas, o currículo escolar é importante para estabelecer objetivos de aprendizagem e na elaboração de sequências didáticas para a construção do conhecimento. Ele também determina a carga horária e contribui para a elaboração de metodologias docentes e estratégias de avaliação (PACHECO, 2007).

Alguns estudos destacam a existência de vários tipos de Currículo: formal, real e oculto. O Currículo Formal refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, é expresso em diretrizes curriculares, objetivos de aprendizagem e objetos de conhecimento das áreas ou disciplina de estudo. Este é o que traz imposto por lei a Base Nacional Comum Curricular, que define os direitos de aprendizagem de todos os alunos do Brasil (PEREIRA, 2014).

O Currículo Real é o que de fato acontece dentro ou fora da sala de aula, com orientações e monitoria dos professores. Há um plano de ensino anual que se divide em planos de aula. O objetivo é cumprir o currículo formal, fazendo uso de variadas metodologias e estratégias de avaliação, para tanto são necessários organização e planejamento da equipe escolar (PEREIRA, 2014).

O Currículo Oculto não aparece no planejamento do professor, sendo o termo usado para denominar as influências que afetam a aprendizagem dos estudantes e o trabalho dos professores. O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos e percepções que vigoram no meio social e escolar (PEREIRA, 2014).

3.2.3 O currículo do Estado de São Paulo

O currículo paulista é um documento elaborado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que tem como objetivo nortear as ações de aprendizagem dos estudantes de todas as séries da Rede Estadual.

A Secretaria Estadual da Educação de São Paulo publicou uma edição do Currículo do Estado de São Paulo em 2008, que foi reorganizado após as normativas da BNCC em 2018, resultando então no Currículo Paulista.

O foco principal do currículo paulista é despertar uma escola capaz de mobilizar e desenvolver as competências indispensáveis para que os estudantes se tornem cidadãos críticos, participativos, com conhecimentos cognitivos e habilidades emocionais, assim sendo preparados para o futuro. O centro da atividade escolar é a aprendizagem, que pode fazer com que o estudante se sinta pertencente e conectado intelectualmente com o mundo em que vive, trazendo o fortalecimento das relações da escola com a comunidade.

Somos cada vez mais caracterizados pelo uso abundante do conhecimento, seja para trabalhar, conviver ou exercer a cidadania, ou seja, para cuidar do ambiente em que se vive. Com mais pessoas estudando e se aperfeiçoando, além de um diploma de nível superior, as competências cognitivas e socioemocionais são cada vez mais valorizadas, como o trabalho em equipe, as capacidades de resolver problemas, a autogestão, autocuidado, continuar aprendendo, inovando e agir de modo cooperativo e participativo. Em um mundo no qual o conhecimento é usado de forma expressiva, faz-se necessária uma educação de qualidade.

Nesse mundo, que expõe o jovem às práticas da vida adulta e, ao mesmo tempo, posterga sua inserção no mundo profissional, ser estudante é fazer da experiência escolar uma oportunidade para aprender a ser livre e, concomitantemente, respeitar as diferenças e as regras de convivência. Hoje, mais do que nunca, aprender na escola é o ofício de aluno, a partir do qual o jovem pode fazer o trânsito para a autonomia da vida adulta e profissional (SÃO PAULO, 2011).

Para que a democratização do acesso à educação tenha função inclusiva, não é suficiente universalizar a escola, uma vez que é indispensável universalizar a relevância da aprendizagem.

Criamos uma civilização que reduz distâncias, tem instrumentos capazes de aproximar pessoas ou distanciá-las, aumenta o acesso à informação e ao conhecimento, mas, em contrapartida, acentua consideravelmente diferenças culturais, sociais e econômicas. Preparar os indivíduos para o diálogo constante com a produção cultural, num tempo que se caracteriza não pela permanência, mas pela

constante mudança – quando o inusitado, o incerto e o urgente constituem a regra –, é mais um desafio contemporâneo para a educação escolar.

Outros elementos relevantes que devem orientar o conteúdo e o sentido da escola são a complexidade da vida cultural em suas dimensões sociais, econômicas e políticas; a presença maciça de produtos científicos e tecnológicos; e a multiplicidade de linguagens e códigos no cotidiano. Apropriar-se desses conhecimentos pode ser fator de ampliação das liberdades, ao passo que sua não apropriação pode significar mais um fator de exclusão. Um currículo que dá sentido, significado e conteúdo à escola precisa levar em conta os elementos aqui apresentados (PEREIRA, 2014).

O Currículo da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo tem como princípios centrais: a escola que aprende; o currículo como espaço de cultura; as competências como eixo de aprendizagem; a prioridade da competência de leitura e de escrita; a articulação das competências para aprender; e a contextualização no mundo do trabalho (SÃO PAULO, 2011).

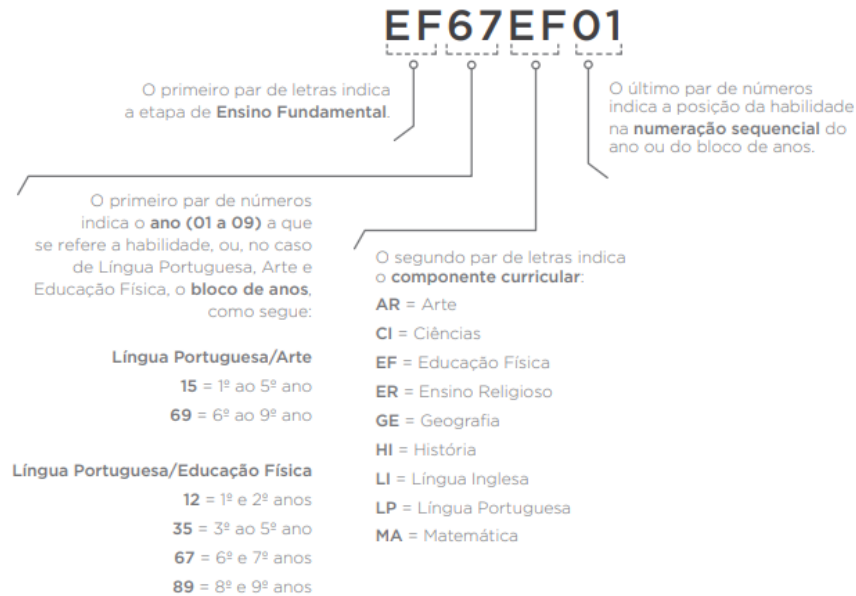
Nesse contexto, a capacidade de aprender terá de ser trabalhada não apenas nos alunos, mas na própria escola, como instituição educativa. Isso muda radicalmente a concepção da escola, ou seja, de instituição que ensina para instituição que também aprende a ensinar. Em vista disso, as interações entre os responsáveis pela aprendizagem dos alunos têm caráter de ações formadoras, mesmo que os envolvidos não se deem conta disso.

O Currículo Oficial do Estado de São Paulo contempla as 10 competências gerais da BNCC e todas as competências específicas de cada área do conhecimento: Linguagens e suas tecnologias, Matemática, Ciências da Natureza, e Ciências Humanas.

Cada área do conhecimento tem suas competências específicas e dá ênfase a um conjunto de habilidades a serem desenvolvidas para cada objeto de conhecimento.

As habilidades a serem desenvolvidas no currículo são identificadas e apresentadas com um código alfanumérico.

Figura 7 – Código alfanumérico



Fonte: Ministério da Educação (2017).

Todas as áreas do conhecimento apresentam habilidades específicas a serem desenvolvidas.

Neste capítulo, realizou-se uma análise de algumas habilidades do Currículo do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com o objetivo de investigar se e como os objetos de conhecimento, que também são chamados de conteúdos, contidos no currículo escolar, relacionam-se com os princípios contidos na Carta das Cidades Educadoras e com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), buscando a possibilidade de envolver a cidade na proposta curricular.

Foram escolhidos quatro espaços públicos da cidade de Apiaí para articular a proposta curricular com a cidade.

Quadro 15 – Espaços públicos escolhidos

Espaço Público de aprendizagem	Tema gerador do projeto interdisciplinar	Ano	Disciplinas
1. Praça Alberto Dias Baptista	Feira Livre	6º ano	Matemática, Ciências e Língua Portuguesa
2. Mirante do Morro do Ouro	Biodiversidade	7º ano	Geografia e Ciências
3. Casa do Artesão	Arte nas mãos	8º ano	Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa
4. Praça Francisco Xavier da Rocha	Monumentos de Apiaí	9º ano	Arte e História

Fonte: o autor.

Atualmente, as cidades dispõem de inúmeras possibilidades educadoras e são capazes de potencializar fatores educativos. É importante salientar que enquanto educadora, a cidade também é Educanda (FREIRE, 1993). Nesse contexto, o primeiro espaço público a ser explorado será a Praça Alberto Dias Baptista e a Feira Livre, que acontece em uma das maiores praças de Apiaí.

As disciplinas de Matemática, Ciências e Geografia do 6º ano do Ensino Fundamental com o tema gerador Feira Livre irão realizar um trabalho interdisciplinar que envolve as habilidades do Currículo Escolar e a cidade.

A Praça Alberto Dias Baptista é a maior praça da cidade, onde acontecem eventos, campanhas de vacinação, *shows* e atividades voltadas ao público em geral. Nesse espaço, que fica na área central da cidade, há uma Feira Livre que acontece todas as quartas-feiras e sábados, estimulando a venda de alimentos naturais e valorizando a agricultura local.

O objetivo é fazer os estudantes vivenciarem com mais intensidade e responsabilidade a vida da cidade, valorizando a mão de obra local e promovendo práticas de alimentação saudável e melhor qualidade de vida.

O projeto interdisciplinar Feira Livre atende ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) de número 2, que visa a fome zero e a agricultura sustentável. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. Estes

são os objetivos para os quais as Nações Unidas estão contribuindo a fim de que possamos atingir a Agenda 2030 no Brasil.

O princípio 16 da Carta das Cidades Educadoras, voltado para o serviço integral das pessoas, aponta que:

A cidade deve oferecer aos seus habitantes a perspectiva de ocuparem um lugar na sociedade. Deve, também, proporcionar-lhes o aconselhamento necessário para a sua orientação pessoal e profissional, promovendo o empreendedorismo. As cidades trabalharão em prol de uma oferta de estudos, profissões, comércios livres de estereótipos de gênero. [...] Neste sentido, as cidades definirão estratégias de formação de caráter formal e não-formal ao longo da vida, bem como de acompanhamento de grupos em situação de desigualdade, exclusão ou inseridos na economia não formal, que lhes permitam melhorar a sua qualidade de vida (AICE, Carta das Cidades Educadoras, p. 23).

Nesse sentido, esse princípio vai ao encontro da proposta curricular do Estado de São Paulo e da BNCC, onde o tema gerador Feira Livre pode ser utilizado para trabalhar diversas habilidades em diversas disciplinas, abordando temas curriculares, atuais e necessários.

Observou-se durante o trabalho que a Prefeitura Municipal de Apiaí faz formações contínuas com os feirantes, dando-lhes orientação profissional, a fim de incentivar o empreendedorismo e valorizar o comércio e a economia local. Cada feirante tem a sua barraca coberta e com medidas padronizadas. Todas as barracas são iguais.

Os estudantes puderam pôr em prática conhecimentos de Matemática (cálculos), Ciências (alimentação saudável) e Língua Portuguesa (agricultura familiar), podendo explorar uma atividade que acontece em um espaço público da cidade.

O Mirante do Morro do Ouro, ou o Parque Municipal Natural do Morro do Ouro, foi o espaço explorado pelo 7º ano do Ensino Fundamental. O Morro do Ouro ficou conhecido pela exploração do ouro que aconteceu na cidade de Apiaí a partir do século XVII. Aos pés do morro havia uma mina e tornos para a exploração dos minérios. Em 1998, transformou-se essa antiga área em local de utilidade pública, dando então início ao processo de criação do Parque Natural Municipal do Morro do Ouro.

A área tem aproximadamente 400 hectares, onde estão preservados mananciais de água, várias espécies da flora e fauna. No alto do Morro, foi construído um mirante, onde se pode apreciar a vista da cidade de Apiaí.

Ao utilizar esse espaço como laboratório de aprendizagem, vamos ao encontro do princípio 13 contido na carta das Cidades Educadoras, que aborda sobre a sustentabilidade.

[...] a cidade organizar-se-á tendo em conta a dependência entre a vida humana e os limites físicos do planeta. Promover-se-á ativamente a participação e corresponsabilidade de todos os seus habitantes na adoção de estilos de vida e consumo justos, resilientes e sustentáveis, sob os princípios da suficiência, distribuição e justiça; e tornar-se-ão as devidas precauções para proteger bens comuns que assegurem uma sobrevivência digna às gerações atuais e futuras (AICE, Carta das Cidades Educadoras, p. 21).

A escola tem o compromisso com a formação do cidadão, com o fortalecimento dos valores da solidariedade e com a transformação da sociedade. A escola é formadora, transformadora e conscientizadora em relação aos cuidados que devemos ter com o planeta.

O tema gerador do projeto interdisciplinar entre as disciplinas de Geografia e Ciências trata da Biodiversidade, onde os estudantes poderão refletir e buscar alternativas para os cuidados e preservação com o Meio Ambiente.

A Casa do Artesão é o espaço público explorado pelo 8º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais. Ela oferece atrativos artísticos e históricos. É um casarão do início do século XX e o único museu da cidade. Esse espaço foi fundado em 1960 e conta com um acervo de 570 peças de cerâmica, produzida por artesãos locais. Urnas funerárias, potes, meringas, panelas são alguns dos itens em cerâmica expostos. Em 2003, esse espaço foi oficialmente transformado na Casa do Artesão com o Museu Sala das Mestras, onde estão as fotos das pioneiras do feitiço das peças de cerâmica.

Com o tema gerador “Arte nas mãos”, as disciplinas de Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa realizaram sequências de atividades articuladas, fazendo uso de habilidades do Currículo Oficial do Estado de São Paulo/BNCC com o espaço público a Casa do Artesão.

Os estudantes puderam conhecer, apreciar e aprender com a cultura local, indo ao encontro do princípio 4, contido na Carta das Cidades Educadoras,

A Cidade Educadora promoverá o direito à cultura e a participação de todas as pessoas, sobretudo dos grupos em situação de maior vulnerabilidade, na vida cultural da cidade como forma de inclusão, promovendo o sentimento de pertença e de boa coexistência. Para além da fruição dos bens culturais, esta participação cultural incluirá o contributo que todos os cidadãos podem dar para uma cultura viva e em mudança e o envolvimento da sociedade civil na gestão de equipamentos e iniciativas culturais (AICE, Cidades Educadoras, p. 15).

A Praça Francisco Xavier da Rocha, conhecida como a Praça dos Monumentos, é uma praça que conta com três monumentos: os pracinhas, a Lua e a Bíblia. O primeiro monumento construído na praça foi em 1955, com o símbolo de um V com uma cobra no topo fumando cachimbo, indicando o símbolo da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Esse monumento representa uma homenagem aos filhos de Apiaí que integraram a FEB na Segunda Guerra Mundial.

O segundo monumento foi construído em 1969, para homenagear os conquistadores da lua. Na ocasião, o prefeito Sr. João Cristino dos Santos escreveu uma carta parabenizando a Nasa pelo feito e noticiando a homenagem que Apiaí realizou a ela. Apiaí recebeu uma carta da Nasa de agradecimento pela homenagem.

O terceiro monumento construído foi a Bíblia, em 1971, em homenagem ao bicentenário de Apiaí. Sua inauguração foi uma cerimônia cívico-religiosa, onde estiveram presentes representantes de todas as religiões de Apiaí.

No monumento está escrito: “Seca-se a erva, cai a flor, mas a palavra do nosso Deus permanece eternamente”. Sobre o livro, encontrava-se uma pombinha representando a inspiração divina e uma vela simbolizando a iluminação do mundo.

O projeto interdisciplinar os Monumentos fez uso da praça para explorar as habilidades de Arte e História. Arte trouxe os conceitos de escultura, a curiosidade pelos monumentos e a recriação artística. História usou as habilidades específicas de conhecimento para fazer uma relação dos monumentos com fatos históricos envolvendo a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria.

A praça dos monumentos tem história e memória e é um espaço de contínua aprendizagem. O princípio 10 da Carta das Cidades Educadoras afirma que:

A cidade tem de saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade própria, complexa e mutável, bem como valorizar o patrimônio material e imaterial e a memória histórica que lhe confere singularidade. Esta é a base para um diálogo fecundo com o meio ambiente e com o mundo. A

valorização dos seus costumes e das suas origens deve ser compatível com os direitos humanos. Ao mesmo tempo oferecerá uma imagem atrativa sem desvirtuar o seu ambiente natural e social, promovendo entre os seus habitantes o sentimento de pertença e responsabilidade partilhada (AICE, Cidades Educadoras, p. 19).

O princípio reafirma a importância de valorizar a história e a identidade de um local e de um povo. Nessa perspectiva, a escola, fazendo uso do currículo, pode despertar a curiosidade dos estudantes em aprender com a cidade.

4. O PRODUTO

4.1 PROJETO PILOTO INTERDISCIPLINAR EXPLORANDO A CIDADE

O produto educacional dessa pesquisa é um *e-book*, ou seja, um livro em formato digital. A escolha pelo livro digital se deu por ser mais acessível, barata, rápida e tecnológica.

O *e-book*: A cidade como Mapa Curricular é direcionado ao professor, para que ele possa ter um olhar diferente sobre a cidade e assim enxergar inúmeras possibilidades de articular o currículo escolar com os espaços que a cidade oferece.

O *e-book* trará informações compactas e sequências didáticas voltadas para os educadores, onde são apresentados quatro espaços públicos da cidade de Apiaí, a fim de explorar algumas disciplinas de forma interdisciplinar, para que professores e professoras possam reusar (liberdade de usar), revisar (adaptar, modificar), remixar (combinar dois ou mais materiais), redistribuir (compartilhar) (RIZZATTI, 2020), adaptando-o à sua realidade e às suas diferentes turmas.

Os espaços públicos escolhidos da cidade: a Praça Alberto Dias Baptista (feira livre), o Mirante do Morro do Ouro (Biodiversidade), a Casa do Artesão (Arte nas mãos) e a Praça Francisco Xavier da Rocha (Monumentos de Apiaí) serão trabalhados por meio de temas geradores, explorando a interdisciplinaridade.

É irrefutável que os projetos interdisciplinares possibilitam o diálogo entre as diferentes áreas de estudo, bem como seus conceitos, vislumbrando uma integração entre os diferentes conhecimentos, dando sentido a cada um deles. Essa ideia de unir as diferentes disciplinas, as quais sempre foram estudadas isoladamente, tem a capacidade de ocasionar profundas transformações no processo de ensino-aprendizagem (THIESEN, 2008).

Assim sendo, “[...] a interdisciplinaridade compreende a busca constante de novos caminhos, outras realidades, novos desafios, a ousadia da busca e do aprender [que...] é ir além da mera observação, mesmo que o cotidiano os coloque inseguros diante de dúvidas, conflitos, perguntas e respostas incertas” (OLIVEIRA, 2012, p. 19).

O *e-book*: A cidade como Mapa Curricular é uma provocação para que professores e professoras olhem a cidade como um laboratório de aprendizagem e que possam de alguma forma aguçar os estudantes sobre a curiosidade em

aprender e explorar o que há em sua volta. O convite é para sair da sala de aula, explorar o meio, respirar e admirar novos ares e, sobretudo, tornar a aprendizagem mais prazerosa, significativa e motivadora.

Há muito o que se explorar na cidade e, por isso, escolher os quatro espaços públicos, dentre tantos, foi desafiador. Espaços como a Igreja Matriz, o Ginásio de Esportes Municipal, o Cemitério: Jardim da Saudade, a Praça do Coreto, o Estádio Janguitão, o Calçadão, a Área de lazer e o Portal da Cidade também mereciam uma aula interdisciplinar.

Os espaços escolhidos: Praça Alberto Dias Baptista, Mirante do Morro do Ouro de Apiaí, Casa do Artesão e Praça Francisco Xavier da Rocha foram selecionados pela sua história, localização e fácil acesso para visitaçãõ.

Com o tema gerador “Feira Livre”, que ocorre na Praça Alberto Dias Baptista, foi possível explorar as disciplinas de Matemática, Língua Portuguesa e Ciências, com o 6º ano. Em Matemática, foram abordados cálculos na compra e venda, manuseio de dinheiro, cálculo mental e raciocínio lógico. Em Língua Portuguesa, exploraram-se a escrita, a leitura, pesquisas e entrevistas sobre a agricultura familiar, e em Ciências abordou-se sobre a alimentação saudável, nutrientes, vitaminas e seus benefícios. Outras disciplinas também poderiam ser exploradas, entre elas a Geografia, com cartografia, paisagem ou agricultura.

A “Biodiversidade” foi o tema do Mirante do Morro do Ouro no 7º ano, contemplando a disciplina de Ciências com a fauna, a flora e o meio ambiente. Geografia deu espaço à preservação ambiental e ao patrimônio e à legislação ambiental. A disciplina de História também poderia explorar o Mirante do Morro do Ouro com uma linha do tempo sobre a sua história e memória. Muitas disciplinas poderiam trabalhar diversas habilidades, inclusive com outros temas geradores.

A Casa do Artesão, foco do estudo do 8º ano, com o tema “Arte nas mãos”, trouxe as disciplinas de Língua Portuguesa, com o gênero discursivo fôlder; Língua Inglesa, com a criação de um QR-code com informações em inglês; e Arte, com artesanato. A disciplina de História poderia ser explorada rememorando todo o contexto vivido durante décadas na Casa do Artesão e em Geografia poderia se abordar sobre a economia e o trabalho.

A Praça Francisco Xavier da Rocha, foco de estudo do 9º ano, com o tema “Os monumentos de Apiaí”, explorou a disciplina de Arte com esculturas e

monumentos. A disciplina de História foi articulada com a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria, associando o contexto histórico com os monumentos da praça. Ainda poderia se explorar a Matemática com cálculo de área (praça), simetria (monumentos) e frações (chão da praça) e a Língua Portuguesa na produção de textos, pesquisas e entrevistas.

Como se pode perceber, há inúmeras possibilidades de usar a cidade como currículo e de fazer da cidade uma aula e para isso basta planejar. Educação Física foi a única disciplina da Educação Básica do Ensino Fundamental dos Anos Finais que não foi explorada, pois não foi possível articular uma habilidade do Currículo Paulista e BNCC com o tema gerador e espaços escolhidos. A disciplina de Educação Física poderia ser explorada, por exemplo, em espaços como área de lazer e ginásio de esportes, visto que o Currículo aborda temas como esportes, atividade física, dança e movimento.

Os quatro anos finais do Ensino Fundamental de nove anos foram contemplados com o projeto, cada um com um tema gerador.

O projeto aqui apresentado é gratuito e executável pelas unidades escolares. Salienta-se apenas que ele precisa de planejamento e organização dos executores. Está sendo vivenciada a aplicabilidade do projeto interdisciplinar: “Arte nas mãos”, pelo 8º ano do Colégio Cecília Meireles, de Apiaí.

A educação é transformação, criatividade e inovação. Para aprender, são necessários vontade e motivação e eis, então, a cidade, o maior livro didático e com inúmeros recursos de aprendizagem.

4.2 E-BOOK: A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR

O mestrado profissional recomenda que os estudantes elaborem um produto no final dos estudos. Seguindo essa premissa elaborou-se, então, o *e-book*: A cidade como mapa curricular.

**CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E
NOVAS TECNOLOGIAS**

ÉLCIO PEREIRA DE SOUZA LAZZAROTTO

**PRODUTO DA DISSERTAÇÃO
E-BOOK: A ESCOLA COMO MAPA CURRICULAR**

CURITIBA

2022

Elcio Pereira de Souza Lazzarotto

A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR



SUMÁRIO

1. Apresentação.....	p. 2
2. A cidade como Mapa Curricular	p. 4
3. A cidade de Apiaí.....	p. 7
4. A Educação Formal, Informal e Não-formal.....	p. 8
5. Projetos Interdisciplinares.....	p. 9
6. Explorando a cidade : aula de campo.....	p. 11
7. Projetos escolares explorando 4 espaços públicos da cidade de Apiaí contemplando habilidades da BNCC e do Currículo Oficial do Estado de São Paulo do Ensino Fundamental dos Anos Finais	
Praça Alberto Dias Baptista- Feira Livre (Matemática, Ciências e Língua Portuguesa).....	p. 14
Mirante do Morro do Ouro: 7º ano (Geografia e Ciências).....	p. 25
Casa do Artesão : 8º ano (Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa)	p. 36
Praça dos Monumentos: 9º ano (Arte e História).....	p. 52
7. A avaliação das atividades propostas.....	p. 59
9. Referências.....	p. 61

APRESENTAÇÃO

2

Este E-Book tem o objetivo de alcançar educadores para que a partir dele, possam enxergar as inúmeras possibilidades que temos para articular o currículo escolar com a cidade em que vivemos.

Neste material, o professor encontrará propostas com atividades envolvendo diversas disciplinas em (4) quatro espaços públicos da cidade de Apiaí, com foco no desenvolvimento das competências e habilidades da BNCC e do Currículo Oficial do Estado de São Paulo dos Anos Finais, assim demonstrando que a cidade pode ser considerada um laboratório de aprendizagem. Os quatro anos finais do Ensino Fundamental serão contemplados, de modo que teremos 4 quatro projetos interdisciplinares em conexão com a cidade.

Para o 6º ano exploraremos a Praça Alberto Dias Baptista com o tema “Feira Livre”, para o 7º ano o Mirante do Morro do Ouro, com o tema “Biodiversidade”, para o 8º ano a Casa do Artesão com a “Arte nas mãos” e para o 9º ano a Praça Francisco Xavier da Rocha com o tema “Os monumentos”.

Serão apresentadas sequências de atividades para que o professor possa ter novas ideias de como articular o currículo escolar com a cidade, tornando as aulas mais atrativas e significativas para os estudantes.

Este material abre caminhos e possibilidades para que o professor possa enxergar o currículo escolar na cidade e que a partir disso possa usufruir da cidade como uma usina de aprendizagem.

É apenas um pontapé inicial para que o professor use seu conhecimento da área e sua criatividade para construir novos conhecimentos com os estudantes.

O AUTOR



69

A cidade constitui um livro aberto , uma espécie de Wikipédia , em que todo sujeito pode contribuir livremente, acessar, relacionar, contextualizar, reelaborar, compartilhar , sistematizar, sintetizar, e se questionar continuamente em torno de um amplo e incalculável capital de conhecimentos.

CARBONELL,2016,p.15

69



Fonte: O autor (2022)

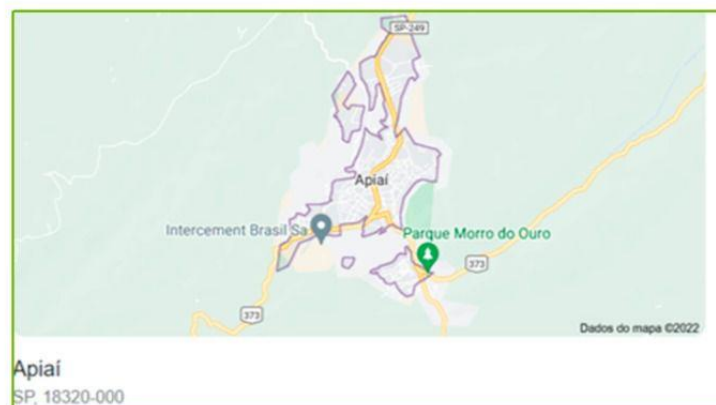
A CIDADE COMO MAPA CURRICULAR

A construção do conhecimento vai muito além da aprendizagem em sala de aula. Assim, o espaço físico da cidade também pode ser considerado parte da proposta pedagógica e do processo de aquisição do conhecimento.

Neste contexto, a cidade funciona como um mapa curricular, isto é, uma espécie de livro didático, propiciando aos estudantes o desenvolvimento de uma aprendizagem com autonomia, tornando-os independente e gestores de seu próprio conhecimento.

O objetivo é tornar a aprendizagem mais prazerosa, atrativa e significativa. Como já afirmava Paulo Freire: “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, até porque “ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1987, p. 21).

É preciso incluir a cidade como território educativo e pensar nesse movimento como via de mão dupla, onde se rompem os muros escolares e abrem-se as portas, afinal, as aprendizagens podem ocorrer em qualquer espaço e em qualquer lugar.



Fonte: Wikipedia



Fonte: O autor (2022)



Fonte: O autor (2022)



Fonte: O autor (2022)

A cidade é uma fusão de identidade culturais e sociais. Uma bifurcação de caminhos e histórias. Uma sinfonia de sons e linguagens (orais, escritos, corporais, imagéticos, simbólicos, de costumes de geometrias, etc.) CARBONELL, 2016,p,15



Fonte: O autor (2022)



Fonte: O autor (2022)



Fonte: O autor (2022)

Existe um currículo fora do ambiente escolar, onde há toda uma prática cultural que ocasiona significados, formas de subjetivação e maneiras de entender o mundo e de compreender-se nele que têm a ver com as experiências vividas na cidade. Assim, percebe-se que a cidade como currículo deve ser analisada como formadora de práticas, experiências, relações e materialidades que vão articulando uma forma de entender a cultura e de se entender como parte dela (BONAFÉ, 2016).



Fonte: O autor (2022)



Fonte: O autor (2022)

A cidade é um espaço que integra experiência, conhecimento e disciplinas simultaneamente. A cidade também ensina, ela é uma lousa, um lugar onde se escreve e se aprende e portanto ela pode e deve ser explorada pela escola.



O garimpeiro - Apiaí/ SP
Fonte: O autor (2022)

A CIDADE DE APIAÍ

7

Apiáí é um município da região do Alto Vale do Ribeira no estado de São Paulo e tem aproximadamente 24.100 habitantes.

O nome Apiáí tem origem no tupi antigo *apya'y*, que significa "rio dos índios". Apiáí começou como um pequeno vilarejo que vivia em função do extrativismo mineral da região. Tomás Dias Batista foi um dos fundadores da vila de Apiáí, junto com seu sogro Manuel Rosa Luís e seu concunhado Francisco Xavier da Rocha.

O primeiro nome dado a cidade foi Santo Antônio das Minas de Apiáí. É uma das cidades mais frias do estado de São Paulo, estando a uma altitude de 1050 metros.

Atualmente, Apiáí é um município turístico onde se destacam diversas esculturas em argila. A região de Apiáí é o maior remanescente de Mata Atlântica do país, evidenciando uma riqueza paisagística composta de recursos naturais de rara beleza. A cidade possui apenas uma fábrica, ela é do Grupo Intercement, fundada em meados do ano de 1975, que contribui para o seu desenvolvimento. A InterCement possui um dos maiores complexos cimenteiros do mundo.

Com 251 anos a cidade possui praças, comércios locais, repartições públicas, templos religiosos e uma agricultura organizada em sistema familiar com concentração na produção de tomate.

Apiáí é o Portal da Mata Atlântica e uma deliciosa cidade para se viver.



Imagem aérea de Apiáí. Fonte: Prefeitura municipal

EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL

Apresento três tipos de educação : a formal, não- formal e a informal, com o objetivo que o professor compreenda de forma rápida e clara cada uma delas, para que possa aperfeiçoar o planejamento das suas atividades.

FORMAL	NÃO FORMAL	INFORMAL
<ul style="list-style-type: none"> ● Envolve os processos padronizados, estruturados e verticalizados ● Acontece na escola ● É intencional ● Organizada pelo currículo escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Acontece fora da escola; ● Pode ser orientado por guia ou professor (exemplo: Museus, espaços públicos, parques, planetário, teatro, etc.) ● Faz uso de instrumentos didáticos e diversificados e atrativos 	<ul style="list-style-type: none"> ● Sem intencionalidade; ● Práticas sociais (exemplos: festas, igrejas, shows, mídia)

O objetivo desse trabalho é explorar o Currículo Formal, aquele que ocorre dentro da Instituição de Ensino, porém é preciso explorá-lo com criatividade e inovação.

As escolas precisam quebrar os seus muros, abandonar as aulas monótonas e cansativas.

Se faz necessário e urgente deixar a aprendizagem mais atrativa e interessante e ao desemparedar as salas de aula, partimos para a cidade e esta tem um grande potencial educativo.



PROJETOS INTERDISCIPLINARES

9

A interdisciplinaridade é um conceito que busca a intersecção entre conteúdos de duas ou mais disciplinas para permitir que o estudante elabore uma visão mais ampla a respeito de algumas temáticas.

Os projetos interdisciplinares possibilitam o diálogo entre as diferentes áreas de estudo, bem como seus conceitos, vislumbrando uma integração entre os diferentes conhecimentos, dando sentido a cada um deles.

A interdisciplinaridade é um conceito relativamente novo na área da educação, embora já venha a ser debatida desde meados do século XX. Essa ideia de unir as diferentes disciplinas as quais sempre foram estudadas isoladamente, possui a capacidade de ocasionar profundas transformações no processo de ensino e aprendizagem (THIESEN, 2008).



Uma proposta metodológica interdisciplinar é aquela que visa a construção de um conhecimento universal, isto é, um conhecimento que não seja fragmentado em diversas áreas, possibilitando que o estudante possa compreender os vários campos educacionais (OLIVEIRA, 2012)

A curiosidade, autonomia, organização, habilidade para trabalhar em grupo, comunicação e ordenação das ideias são somente algumas habilidades desenvolvidas em um projeto interdisciplinar. Cada uma dessas características é trabalhada de forma mais rápida e natural do que no estudo individual de cada disciplina.

DICAS PARA COLOCAR A INTERDISCIPLINARIDADE EM PRÁTICA

- Faça um bom planejamento
- Comunicação com os colegas professores de diferentes disciplinas
- Mantenha organização
- É necessário flexibilidade.
- Aposte em atividades lúdicas.
- Utilize recursos digitais.
- Use espaços fora da sala de aula e da escola (se possível)

Será apresentado nesse material 4 projetos interdisciplinares envolvendo a cidade, trazendo sugestões e ideias de como realizar uma conectividade entre a cidade e o Currículo com algumas disciplinas do Ensino Fundamental dos Anos Finais. Para contemplar os 4 anos do Ensino Fundamental anos finais (6º,7º,8º e 9º anos) foram escolhidos 4 espaços públicos da cidade de Apiaí- SP.

	Projeto 1	Projeto 2	Projeto 3	Projeto 4
Turma/Ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Local da cidade	Praça Alberto Dias Baptista (Feira Livre)	Mirante do Parque Morro do Ouro	Casa do Artesão	Praça dos monumentos
Disciplinas escolares	Matemática, Ciências e Língua Portuguesa	Ciências e Geografia	Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa	Arte e História

EXPLORANDO A CIDADE

Transcender os muros escolares para tornar as aulas mais atrativas, divertidas e significativas requer planejamento e cuidado, por isso o professor precisa saber como se desenvolve uma aula de campo.

AULA DE CAMPO

A aula de campo é um importante recurso metodológico que contribui para o trabalho interdisciplinar, possibilitando ao estudante uma postura investigativa. É uma metodologia utilizada para o estudo do meio, em que professores e estudantes se tornam pesquisadores. É o momento de relacionar conteúdos teóricos da sala de aula com a prática ou de problematizar questões para aprofundar em sala de aula.

Para realizar uma aula de campo, que transcenda os muros escolares, é fundamental que o professor tenha um bom planejamento.

Como sugestão, apresenta-se três etapas que devem ser seguidas para atingir os objetivos propostos pelo professor:



PRÉ-CAMPO

- Realizado na sala de aula
- Explicações e definição do que será observado e estudado no local a ser visitado
- Apresentação dos objetivos da aula
- Preparo dos estudantes : conteúdos teóricos ,atitudes, roupas, alimentação, material para registro.
- É importante que o professor faça ,antecipadamente, o reconhecimento do local a ser visitado.

CAMPO

- Visita ao local de estudo (cidade) , colocando em prática o que foi planejado e estudado no pré-campo
- Observar o local visitado
- Realizar registros por meio de croquis, textos ou fotografias
- Vivenciar a aula prática

PÓS-CAMPO

- Em sala de aula
- Organização dos registros
- Momento da avaliação da visita de campo (roda de conversa)
- Retomada de objetos de conhecimento importantes vivenciados na visita
- Pode-se solicitar uma síntese, organizar um painel com fotos, por exemplo, do que foi observado durante a visita de campo.
- Fechar a aula recordando o objetivo proposto.

PROJETOS ESCOLARES

13

Explorando 4 cenários de aprendizagem da cidade de Apiaí
contemplando habilidades do Currículo Oficial do Estado de
São Paulo do Ensino Fundamental dos Anos Finais

Praça Alberto Dias Batista - Feira Livre / 6º ano



Foto: O autor (2022)

Casa do Artesão / 8º ano



Foto: O autor (2022)

Mirante do parque Morro do Ouro / 7º ano



Foto: Prefeitura Municipal de Apiaí

Praça Francisco Xavier da Rocha
(praça dos monumentos) / 9º ano



Foto: O autor (2022)



SEXTO ANO

6º Ano

OBJETIVO GERAL

Explorar os espaços públicos da cidade articulados com o Currículo Oficial do Estado de São Paulo.

TEMA GERADOR

Feira Livre

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

Matemática, Ciências e Língua Portuguesa

MATEMÁTICA

Habilidade: (EF06MA03) Solucionar e propor problemas que envolvam cálculos (mentais ou escritos, exatos ou aproximados) com números naturais, por meio de estratégias pessoais, com compreensão dos processos neles envolvidos com e sem uso de calculadora.

Objeto de conhecimento : Operações (adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação) com números naturais.

Duração : 8 aulas de 45 minutos.

1º Momento : Apresentação das 4 principais operações matemáticas.

Apresentar os objetivos da aula:

- Resolver problemas envolvendo as quatro operações básicas (Adição, Subtração, Multiplicação e Divisão).
- Realizar cálculo mental ao fazer compras na Feira Livre de Apiaí, aprendendo a lidar corretamente com o dinheiro.

ATIVIDADE 1 – NÚMEROS OCULTOS

Em que número pensei? Complete os quadros para descobrir.

A)

Pensei em um número:

Multipliquei por 1.000:

Dividi por 100 e obtive:

B)

Pensei em um número:

Multipliquei por 10:

Dividi por 100 e obtive:

C) Para encontrar os números ocultos você multiplicou e dividiu por 10, 100 e 1.000. Como você pensou para fazer esses cálculos?

D) Sabe por que fazer essas multiplicações e divisões não é tão difícil? Porque nosso Sistema de Numeração é de base 10 ou decimal. Mostre isso completando o que falta no quadro de ordens e classes **a seguir**



Trilhões			Bilhões			Milhões			Milhares			Unidades		
C	D	U	C	D	U	C	D	U	C	D	U	C	D	U
														2
													2	0
										2	0	0		

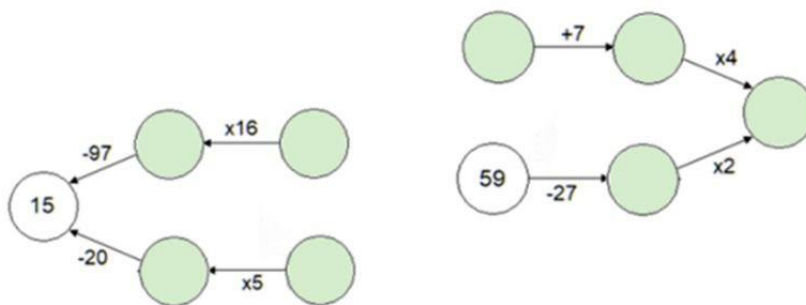
ATIVIDADE 2

Responda mentalmente, depois explique como pensou:

- A) Com 20 milhares de folhas sulfite quantos blocos de 100 folhas poderão ser feitos?
- B) Quantos pacotes com 1 dezena poderão ser feitos com 15 centenas de lápis

ATIVIDADE 3

Complete os círculos que estão com os números ocultos. Atenção ao caminho indicado pelas flechas.



2º Momento : Jogo

O professor apresenta um jogo: Labirinto da Tabuada

<https://www.jogosdaescola.com.br/labirinto-da-tabuada/>

A atividade é individual e pode ser feita na sala de informática

3º Momento : Vamos nos preparar para fazer cálculos na prática

Momento do pré- campo, onde o professor apresenta o lugar a ser visitado e o objetivo da visita

Objetivo : Ir a feira com uma lista e realizar as compras da semana, fazendo uso do cálculo mental e manuseando o dinheiro.

Realizar uma roda de conversa, com as seguintes perguntas:

- Quem já foi à feira?
- Onde fica a feira? Está localizada próximo de qual praça?
- O que se vende na feira?
- Por que o nome é Feira Livre?
- Vou comprar 2 dúzias de bananas e mais 1 dezena de laranja , quantas frutas comprarei? E se pagar 4,50 na dúzia de banana e 0,60 centavos em cada laranja. Quanto gastarei?

Neste momento o professor frisa a importância de conhecer as quatro operações básicas de matemática para poder realizar os pagamentos corretamente e receber o troco

Tarefa de casa: Trazer uma lista, dinheiro (o suficiente) e uma sacola para realizar as compras da semana. A lista deve ser feita com a supervisão de um adulto.

4º Momento

Com a lista em mãos, cada estudante confere se marcou a quantidade do alimento que irá comprar, se é unidade ou por quilograma.

Na sequência todos vão para a aula de campo, onde os estudantes vão realizar suas compras com suas respectivas listas.

O professor observa e acompanha, realizando pequenas intervenções se necessário.

5º Momento

Ao retornar para a escola é realizada uma conferência nos itens comprados, deixando os cálculos registrados no caderno.

É o momento de registrar no caderno a experiência vivida, e logo depois socializar com os colegas.

- O que achei da experiência?
- Qual foi o produto mais caro que comprou? E o mais em conta?
- Os alimentos da feira são saudáveis?
- Onde é mais barato comprar, no supermercado ou na feira?
- Quanto gastei? E quanto sobrou?

Após os registros e a socialização como os colegas, os estudantes produzirão um vídeo de até 1 minutos falando sobre a experiência de vivenciar a Matemática na prática. O vídeo deve ser publicado no Instagram ou Facebook da escola.

Importante: Para publicação dos vídeos é necessário autorização dos responsáveis.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Confecção de cartazes;
Realização do Mapa Mental .**



CIÊNCIAS

Habilidades :

EF05CI15* Reconhecer as diferentes ofertas de alimentação de acordo com a região onde se vive, discutindo criticamente os aspectos sociais envolvidos na escassez de alimento provocada pelas condições ambientais ou pela ação humana.

EF05CI16* Adaptar e propor um cardápio equilibrado utilizando os alimentos regionais pela sua sazonalidade e associar à alimentação como promotora da saúde.

Objeto de conhecimento : Alimentação saudável

Duração : 7 aulas de 45 minutos.

1º Momento

- Apresentar os objetivos da aula:
- Compreender a importância de uma alimentação saudável ;
- Conhecer os alimentos da nossa região que são comercializados na feira livre;
- Identificar os benefícios e as categorias dos alimentos, através da pirâmide alimentar.

Os estudantes serão separados em grupos e cada grupo irá receber um tema para realizar umas pesquisas na internet e adquirir conhecimento prévio em relação aos seguintes temas:

Grupo 1 -Por que gostamos tanto de doces?

Grupo 2- Vegetarianismo

Grupo 3- Rótulos (o que contém nos rótulos?)

Grupo 4- Que tipos de alimentos fazem mal a saúde?.

Grupo 5- Na minha terra tem (alimentos típicos da nossa região)

Cada grupo socializa as suas descobertas e o professor complementa .

Tarefa de casa: Anotar os alimentos que a família consome nas três principais refeições do dia: café da manhã, almoço e jantar, trazer na aula seguinte as anotações.

2º Momento

20

Assistir ao vídeo: Alimentação in natura ou minimamente processados.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjViJUczbM8>

Atividade: Bingo da alimentação saudável.

Com as anotações da aula anterior em mãos, para cada alimento que apareceu no vídeo e que o aluno anotou, ele deve marcar 10 pontos, ao final quem obtiver mais pontos, possui uma alimentação mais saudável.

3º Momento - Conhecendo os alimentos da pirâmide alimentar

- Alimentos energéticos
- Alimentos construtores
- Alimentos reguladores
- Alimentos energéticos extras

Leitura compartilhada <https://www.todamateria.com.br/piramide-alimentar/>

4º Momento

Visita a feira livre na Praça Alberto Dias Baptista e compra de verduras, frutas e legumes em parceria com Matemática.

Ao realizar a compra os estudantes analisam a cor, a textura e a qualidade dos alimentos.

5º Momento

Na escola, os estudantes, classificam os alimentos que compraram na Pirâmide Alimentar e verificam a qual grupo pertencem

- Carboidratos;
 - Verduras e legumes
 - Frutas
 - Leite e derivados;
 - Carne e ovos;
 - Leguminosas e oleaginosas;
 - Óleos e gorduras;
 - Açúcares e doces
- Os registros são feitos no caderno e pode ser em forma de tabela.



6º Momento

Palestra com um nutricionista com o tema: “Somos o que comemos”.

Na sequência, com grupo de 4 pessoas, os estudantes farão cartazes com o tema: Orientações para uma alimentação saudável.

Os cartazes serão divulgados na escola, para conscientização de todos.

7º Momento

Leitura compartilhada - o professor apresenta o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 2 – Fome zero e agricultura sustentável, que faz parte dos 17 ODS da ONU, realizando considerações sobre o texto.

Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

Os estudantes farão um Mapa Mental para registrar o conhecimentos adquiridos

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

Engajamento dos estudantes durante todo o processo;

Confecção de cartazes;

Realização do Mapa Mental .



LÍNGUA PORTUGUESA

Habilidades: (EF69LP13) Buscar conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.
(EF69LP07B) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção.

Objeto de conhecimento : participação de discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social e textualização

Duração : 10 aulas de 45 minutos.

1º Momento

Apresentar os objetivos da aula:

- Reconhecer que a feira do produtor tem papel importante na cooperação entre os agricultores, consumidores e o poder público, valorizado o produtor e a produção agrícola local, sendo sua realização uma forma de resistência comercial
- Pesquisar quais alimentos são produzidos na região e comercializados na feira do produtor de Apiaí;
- Produzir uma enquete para familiares e conhecidos sobre quem costuma ir à feira, quais produtos geralmente compram e produzir gráfico com esses dados.
- Constatar se entre suas famílias e conhecidos é alto, baixo ou mediano o percentual de frequência à feira semanal para que depois do trabalho finalizado eles mesmos possam ser os responsáveis pelo aumento desse percentual de visita.

Propor aos estudantes a leitura de um dos textos : Agricultura Familiar

Texto disponível em:

Agricultura Familiar: conceito, características e importância - Toda Matéria
(todamateria.com.br)

<https://agropos.com.br/agricultura-familiar/>



2º Momento

Roda de conversa sobre agricultura familiar:

- O que é agricultura familiar e quais são seus benefícios?
- Quais as contribuições do agricultor rural para a população e o país?
- Quais as dificuldades que eles enfrentam?
- Você acha importante comprar alimentos na feira do produtor? Por quê?

Na sequência será realizada a produção de panfletos com frases de agradecimento pelo trabalho do produtor rural e de estímulo à população para valorizar a Feira do Produtor Rural de Apiaí, os panfletos precisam estar escritos corretamente e com pontuação e concordância adequadas. Os panfletos podem ser feitos de forma manual ou digital.

3º Momento

Visita à feira do produtor- Feira Livre : conhecer o funcionamento, saber quais alimentos são produzidos na região e homenageá-los em suas bancas com as frases produzidas.

Distribuição dos panfletos aos consumidores.

Durante a visita os estudantes coletarão algumas informações com os feirantes.

Roteiro para conversa com os produtores na feira:

- Qual seu nome? Quantas pessoas tem na sua família?
- Onde fica sua propriedade?
- O quanto você cultiva?
- Quais pessoas trabalham na lavoura com você?
- Seus produtos são comercializados somente na feira ou em outros lugares? Mercado, quitanda, por exemplo?



4º momento

Roda de conversa sobre as impressões obtidas nas conversas com agricultores na feira;

Os estudantes devem produzir um texto argumentativo para serem divulgados no jornal local sobre a importância de se valorizar a feira do produtor que ocorre duas vezes na semana em Apiaí. Cada estudante produzirá um texto e aquele que mais atender ao tema da dissertação será escolhido para publicação.

Durante esse processo se trabalha a escrita e reescrita dos textos.

AVALIAÇÃO

Engajamento dos estudantes durante todo o processo

Confecção dos panfletos, analisando a escrita e a reescrita

Produção textual : “A feira do produtor”



SÉTIMO ANO

7º Ano

OBJETIVO GERAL

Explorar o Mirante do Parque Morro do Ouro como recurso e espaço de aprendizagem

TEMA GERADOR

Biodiversidade

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

Geografia e Ciências

GEOGRAFIA

Habilidade: EF07GE27 - Analisar a atuação das instituições públicas e da sociedade civil organizada na formulação de políticas públicas socioambientais e identificar os diferentes instrumentos de gestão territorial do patrimônio ambiental no Brasil e no Estado de São Paulo.

Objeto de conhecimento: Biodiversidade brasileira.

Unidade temática: Natureza, ambientes e qualidade de vida.

Objeto de conhecimento : Biodiversidade e Ciclo Hidrológico

Duração : 8 aulas de 45 min

1º Momento

Vamos dialogar? (Questões para propiciar um diálogo sobre a legislação e o patrimônio ambiental no Brasil.)

Você já ouviu falar em patrimônio ambiental?

O que você entende por esse termo?

Você conhece políticas públicas voltadas à gestão territorial do patrimônio ambiental no Brasil?

Assistir ao Vídeo: Conduta Ambiental Legal - Unidades de Conservação

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEIpEAjfoIc>

Para enriquecer esse momento, os estudantes são orientados a pesquisar em sites e/ou em outros materiais disponíveis sobre a Fundação Florestal e o seu papel na conservação, no manejo e na ampliação de áreas protegidas no Estado de São Paulo.

Disponível em:

<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/fundacaoflorestal/>

2º Momento – Patrimônio e legislação ambiental

Assistir à série Parques do Brasil, que apresenta diversas reportagens sobre patrimônios ambientais brasileiros.

Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/parquesdobrasil>

Depois, os(as) estudantes devem se organizar em duplas para pesquisar em jornais, revistas e/ ou sites outros patrimônios ambientais brasileiros, como Fernando de Noronha, Cataratas do Iguaçu e a Reserva da Mata Atlântica.

Na pesquisa, devem identificar e registrar no caderno:

- Onde o patrimônio está localizado;
- Porque ele é importante;
- Como essa área é protegida;
- Quais organizações promovem a conservação desse patrimônio.

Os resultados devem ser compartilhados com a turma

3º Momento - Pesquisa

Organize a turma em seis grupos e distribua as legislações indicadas:

- **Grupo 1** - Novo Código Florestal Brasileiro
- **Grupo 2** - Lei de Crimes Ambientais
- **Grupo 3** - Política Nacional de Recursos Hídricos
- **Grupo 4** - Política Agrícola
- **Grupo 5** - Política Nacional do Meio Ambiente
- **Grupo 6** - Área de Proteção Ambiental

Cada grupo deverá pesquisar a legislação que lhe foi atribuída. Oriente-os a produzir uma síntese das informações obtidas e organize uma roda de diálogo para que os resultados das pesquisas sejam apresentados, debatidos e registrados por todos(as).

4º Momento - Preparo para a visita ao Morro Do Ouro

Antes da visita, realizar uma roda de conversa, com as seguintes perguntas:

Quem já ouviu falar do Parque Morro do Ouro?

Quem já foi ao Mirante do Parque Morro do Ouro?

Onde fica?

Por que o nome é Morro do Ouro?

Conteúdos teóricos, explicação do que será observado e estudado no local:

1. PARQUE NATURAL MUNICIPAL DO MORRO DO OURO EM APIAÍ (SP)

<https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/institutogeologico/2008/12/o-parque-natural-municipal-do-morro-do-ouro-em-apiai-sp/>

2. Pesquisar no Google Earth a localização geográfica do Morro do ouro.

<https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>



5° Momento - Aula de Campo- Visita ao Mirante do Morro do Ouro

Observar o local com foco na preservação ambiental, já abordada nas aulas anteriores. Verificar quais são as práticas adotadas para preservação da área. Incentivar os registros fotográficos e escritos

6° Momento - Realizar uma roda de conversa, com as seguintes perguntas:

- O que achei da experiência?
- Por que é necessário proteger esse patrimônio?
- Quais são as principais organizações envolvidas na conservação dessa área?
- Qual é o maior desafio para a promover a preservação ambiental do local visitado?

Propor que os(as) estudantes organizem um Coletivo Jovem (CJ) na escola, com o objetivo de atuar positivamente nas principais problemáticas socioambientais identificadas no seu município ou região. Eles podem identificar problemas e propor soluções, a fim de buscar caminhos para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Materiais para subsidiar a ação:

Coletivos Jovens de Meio Ambiente: Manual Orientador:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao9.pdf>

Formando Com-Vida. Construindo a Agenda 21 na Escola:

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao7.pdf>

AVALIAÇÃO
DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Participação na pesquisa e desenvolvimento na socialização**



CIÊNCIAS

Habilidade: (EF07CI07) Caracterizar os principais ecossistemas brasileiros quanto à paisagem, à quantidade de água, ao tipo de solo, à disponibilidade de luz solar, à temperatura etc., correlacionando essas características à flora e fauna específicas.

Objeto de conhecimento : Diversidade de Ecossistema

Duração : 9 aulas de 45 minutos.

1º Momento

Apresentar os objetivos da aula:

- Valorizar e preservar as espécies animais e plantas no Parque Morro do Ouro
- Catalogar espécies de plantas e animais do Parque Morro do Ouro
- Compreender a importância da natureza sadia para a vida na Terra.

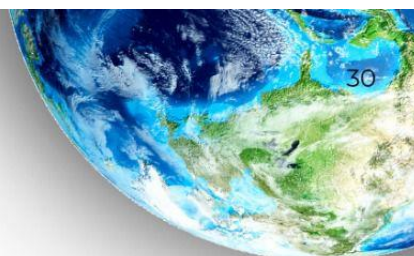
Propor a atividade : Conhecendo o seu entorno

Realizar uma investigação, em grupo, sobre os aspectos relacionados a Biodiversidade local, em especial ao Parque do Morro do Ouro .

Propor aos estudantes um bate-papo entre um grupo de 4 integrantes ,onde eles responderão e registrarão as seguintes questões:

- a) Você acha que as plantas e animais são importantes para o meio ambiente? Comente.
- b) Será que as espécies de animais e plantas, que estavam aqui na época dos nossos avós e bisavós, são as mesmas que vivem hoje?
- c) Quais animais e plantas existem na área do Morro do Ouro? Faça uma lista de 5 animais e 5 plantas.

Os grupos devem socializar as respostas sob comando do professor, que poderá registrar as plantas e animais no quadro para contribuir com o bate-papo. O professor pode fazer suas considerações sobre as questões.



2º Momento

Leitura dos textos 1 e 2:

Texto 1: O que é Biodiversidade

Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/biologia/biodiversidade.htm>

Texto 2: Biodiversidade e a importância de preservar a natureza

Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/o-que-e-biodiversidade-entenda-a-importancia-de-preservar-a-natureza/>

Após a leitura o professor deve fazer suas considerações sobre as leituras.

3º Momento

Para que os estudantes compreendam o que é ecossistema e biomas é proposto uma pesquisa:

Preencha o quadro abaixo, utilizando o livro didático ou outras fontes de pesquisas indicadas pelo seu professor, para diferenciar Ecossistema e Bioma.

	Ecossistema	Bioma
Definição		
Característica		
Diferenciação		



4º Momento

Aula invertida

Leitura do texto: Parque Natural Municipal do Morro do Ouro e análise da
Figura 1 : Mapa do Parque do Morro do Ouro em Apiaí.



Mapa do Morro do Ouro – Visto de cima

PARQUE NATURAL MUNICIPAL MORRO DO OURO (PNMMO)

O P.N.M. do Morro do Ouro (Apiaí) é uma Unidade de conservação de Proteção Integral e fica situado na região do alto Vale do Ribeira, no largo segmento crustal (relativo à crosta terrestre) denominado Cinturão Ribeira, com cerca de 2.500 km de extensão e constituindo parte do Sistema Orogênico (movimentos da crosta terrestre que dão nascimento às montanhas) Mantiqueira.



As extrações de minério do Morro do Ouro são conhecidas, segundo Calazans (1996), desde a segunda metade do século 17, quando aventureiros em busca de ouro, partindo de Iguape, subiram o rio Ribeira de Iguape até o local então denominado Porto de Apiahy, localizado, hoje, no município Itaoca, que até 1991 constituía um distrito de Apiaí. Sánchez (1984) cita como possível a descoberta no ano de 1675. Desse local, alcançaram os ribeirões com cascalho nos arredores da cidade atual. O número de garimpeiros aumentou rapidamente, instalando-se o povoado em Vila Velha do Peão, a norte do Morro do Ouro.

Este passou a ser vasculhado pelos mineradores por volta do ano de 1770, em busca de minérios. Na área a oeste do morro surgiu o povoado de Santo Antonio das Minas de Apiahy, elevado à categoria de vila em 14 de agosto de 1771. Foi o 19º povoado paulista a se tornar município; porém, sua emancipação consolidou-se somente em 6 de agosto de 1797, sendo elevado a comarca em 7 de janeiro de 1937.

Após a exaustão das reservas de minério, foi iniciada o trabalho subterrâneo do minério primário no Morro do Ouro, que funcionou de maneira intermitente entre 1889 e 1942. Neste ano, foi paralisada de maneira compulsória pelo governo federal devido ao fato de a mina ser operada por uma empresa japonesa, permanecendo a mina paralisada e abandonada até o início dos anos 2000.

Em 28 de maio de 1998, a lei municipal de autoria do então Prefeito Donizetti Borges Barbosa transformou o Morro do Ouro em área de utilidade pública, inicialmente visando apenas preservar os mananciais da cidade. Shimada (2002) observou que as ruínas das instalações de beneficiamento poderiam ser recuperadas e algumas galerias ainda permitem acesso seguro, exibindo as mineralizações auríferas, e propôs à prefeitura de Apiaí o aproveitamento geoturístico da mina do Morro do Ouro, nos moldes de iniciativas similares que conheceu no exterior.

A proposta foi aceita pela prefeitura, decidindo-se pela criação de um parque natural municipal. Na época, a propriedade do terreno ainda era privada, constituindo obstáculo para o projeto. Em 2003, a empresa Camargo Corrêa Cimentos, que opera fábrica na cidade, adquiriu o terreno, doando-o à prefeitura. Assim, teve início a efetiva implantação do parque, oficializada pelo Decreto Municipal 003/2004.

Atualmente, o Parque Natural Municipal do Morro do Ouro, em área de cerca de 450 hectares, onde são preservados os mananciais de água que abastecem a cidade. É habitat de várias espécies, composta pela **floresta ombrófila mista**, inclusive as com alta vulnerabilidade e/ou risco de extinção e vem passando por estruturas que viabilizem melhor sua visitação.



Parque Natural Municipal do Morro do Ouro

Foto: Pedro Henrique Slompo

São exemplos de espécies presentes no Parque:

- *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze; Araucária (*Araucaria angustifolia*), grau de ameaça: vulnerável (VU);
- Bredo-do-mato (*Celosia grandifolia*), grau de ameaça: em perigo (EN);
- Aroeira-salsa (*Schinus molle*);
- Aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*);
- Cajarana (*Cabralea canjerana*);
- Cambuí (*Psidium sartorianum*);
- Capororóca (*Rapanea ferruginea*);
- Cedro (*Cedrela fissilis*);
- Embaúba (*Cecropia sp.*);
- Embira-de-sapo (*Lonchocarpus guillemianus*);
- Gabiroba (*Campomanesia pubescens*);
- Guaçatonga (*Casearia sylvestris*);
- Guanandi (*Calophyllum brasiliense*);
- Ingá-ferradura (*Inga Sessilis*);

- Laranja-de-macaco (*Posoqueria latifolia*);
- Paineira (*Ceiba speciosa*);
- Pitanga (*Eugenia uniflora*);
- Suinã (*Erythrina velutina*);
- Manacá-da-serra (*Tibouchina mutabilis*).

Entre as epífitas:

- *Polystachya concreta*;
- Columéia-peixinho (*Nematanthus wettsteinii*);
- *Tillandsia recurvifolia*;
- Orquídea (*Polystachya concreta*);
- Orquídea (*Alatiglossum longipes*);
- Orquídea (*Brasilidium gravesianum*);
- Orquídea (*Ischilus linearis*);
- Micro-orquídea (*Phymatidium delicatulum*);
- Orquídea (*Acianthera luteola*);
- Samambaia-graciosa (*Niphidium crassifolium*);
- Begônia-de-baraço (*Begonia fruticosa*);
- Cacto-macarrão (*Rhipsalis teres*);
- Cravo-do-mato (*Tillandsia stricta*).

Os problemas e ameaças encontrados no Parque são expansão urbana, caça, extração vegetal e contaminação da água.

5º Momento

Após a leitura das espécies e plantas encontradas no parque o professor retoma a atividade do momento 1 , onde os estudantes elencaram 5 espécies e 5 plantas existentes no parque e verificam se as plantas citadas por eles se encontram nessa lista.

Momento de preparo para a visita de campo, onde são elencados itens a serem observados na visita ao Parque e ao Mirante do Morro do Ouro.

- Realizar anotações se virem alguma espécie animal.
- Buscar identificar pelo menos 5 espécies de plantas existentes no parque (para essa atividade pode usar o aplicativo SEEK), aplicativo gratuito para identificação das nomenclaturas de plantas

6º Momento

Visitação ao Mirante Morro do Ouro. Registros escritos e fotográficos.

Para chegar ao Morro do Ouro que tem uma linda vista da cidade é necessário passar pelo Parque. Durante todo esse trajeto as observações serão feitas.

7º Momento

Socialização da visita realizada. Observações, impressões, sensações ao passarem pelo Parque. É proposto aos estudantes um trabalho em times, grupos.

Grupo 1 - Linha do Tempo contando a história do Morro do Ouro e um Checklist sobre por que precisamos preservá-lo;

Grupo 2 - Catalogação de plantas (Fotos das plantas mostrando seu nome científico e nome popular) no mínimo 15 plantas. Para essa atividade todos os grupos podem ceder as fotos tiradas e as informações coletadas.

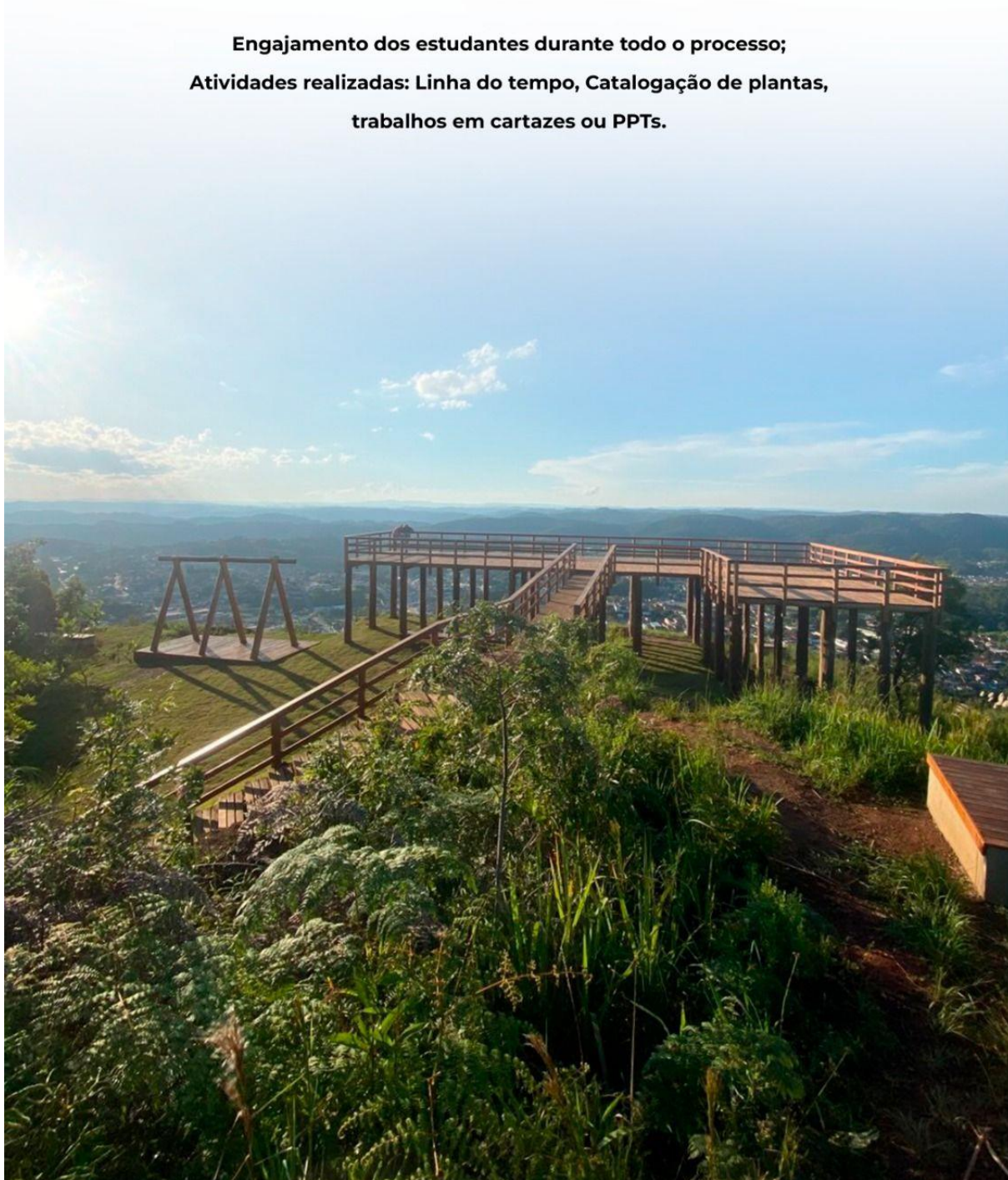
Grupo 3 - Quais são os problemas, desafios enfrentados no Parque Morro do Ouro e alternativas para saná-los. O trabalho pode ser realizado em PPT ou cartazes.

Todas as atividades serão expostas para a comunidade escolar.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Atividades realizadas: Linha do tempo, Catalogação de plantas,
trabalhos em cartazes ou PPTs.



OITAVO ANO

8º Ano

OBJETIVO GERAL

Explorar a Casa do Artesão como recurso e espaço de aprendizagem

TEMA GERADOR

A arte das mãos

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

Língua Portuguesa, Arte e Língua Inglesa

LÍNGUA PORTUGUESA

Disciplina : Língua Portuguesa

Habilidade: EF69LP04 - Identificar e analisar os efeitos de sentido que fortalecem a persuasão nos textos publicitários, relacionando as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados, como imagens, tempo verbal, jogos de palavras, figuras de linguagem.

Objeto de conhecimento : Produção de textos e Análise Linguística e Semiótica

Duração : 12 aulas de 45 minutos.

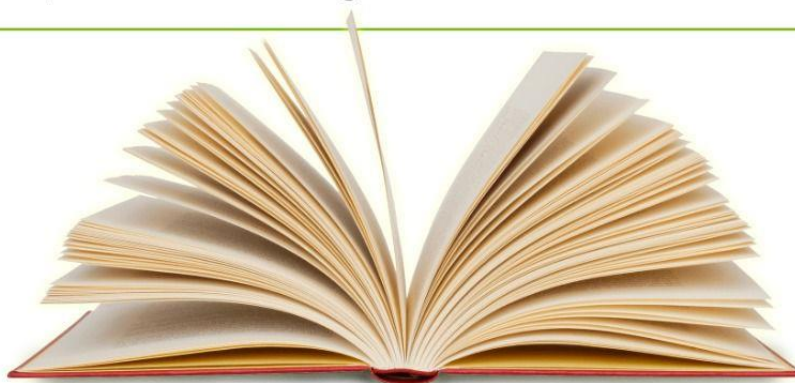
O Currículo Paulista alinhado à BNCC propõe para o componente de Língua Portuguesa práticas na perspectiva enunciativo-discursiva, ou seja, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade. Sendo assim, é importante considerar que as atividades desenvolvidas contemplem todos os eixos do componente – Leitura, Produção de textos, Oralidade, Análise linguística e semiótica –, proporcionando situações em que as práticas de linguagem desenvolvidas em sala de aula tenham um propósito de formar um cidadão integral em diferentes contextos de interação.

O gênero fôlder, que é um texto que tem dobra (fold em inglês) e ilustração, tem o objetivo de apresentar informações sobre produtos e serviços, com objetivo de incentivar seu leitor a adquiri-los, ou divulgar ideias e opiniões, com a intenção de mudar o comportamento de seu leitor. Utiliza-se de linguagem apelativa e multimodal.

Atualmente, o turismo se transformou numa atividade altamente desenvolvida, levar os estudantes a refletirem sobre o potencial da cidade, através de pesquisas e estudos realizados nas aulas e produzir texto no gênero fôlder para divulgar o artesanato local é uma maneira de incentivá-los a participarem da construção de conhecimentos de uma forma contextualizada, possibilitando a aproximação do uso real da língua.

Também é importante ressaltar, no desenvolvimento das atividades, a importância do trabalho com os multiletramentos – competência fundamental para a participação nas práticas sociais de linguagem contemporâneas, também característico da cultura digital, conforme prerrogativas da BNCC.

Sendo assim, desenvolveremos as seguintes atividades:



1º Momento - Apresentação do gênero discursivo fôlder.

38

Apresentar os objetivos da aula:

- Reconhecer o gênero panfleto/folheto e suas especificidades, a fim de perceber a relação do escrito com os diferentes modos semióticos, como cores, tamanho das fontes, imagens, plano de fundo, e como esses contribuem para a construção de efeitos de sentido diante do que está sendo lido.
- Valorizar a cultura local e as peças de cerâmica feitas manualmente por artesãos locais.

Apresentar o gênero discursivo fôlder, pedir para que os estudantes façam a análise linguística dos textos explorados, através de um roteiro de perguntas, para reconhecer as especificidades desse gênero discursivo, como circulação, recursos linguístico-discursivos, construção composicional e estilo.

Nesta aula o professor pode trazer alguns panfletos para apresentar aos estudantes.

Atividades

Leia os fôlderes das páginas seguintes analisando as informações que eles trazem.



TEXTO 1

O município de Macatuba é originado do povoado de Santo Antônio do Tanquinho, criado por volta de 1900. O nome do povoado é uma homenagem ao santo de devoção dos primeiros habitantes e faz alusão aos vários tanques que lá existiam. Com o aumento das famílias que fixaram residência, em 1912 foi elevado à condição de Distrito de Paz – pertencente a Ubirama, recebendo o nome de Bocayuva, em homenagem ao Senador Quintino Bocayuva. Com o desmembramento de terras de Ubirama, atual Lençóis Paulista, Bocayuva passou de distrito a município.

A denominação Macatuba, de origem indígena, foi instituída anos mais tarde. Em tupi-guarani, Macatuba significa abundância de maciás, uma espécie de palmeira nativa da região.

Foram seus fundadores: José Jacinto Soares de Macedo, Benedito Domingues Maciel, Eugênio Saboia, Joaquim Franco da Rocha, João Batista Daré, Joaquim Antônio de Azevedo, José A. de Moura, Luiz Antônio de Godoy, Francisco Fantini e Alexandrino G. Maciel.



Localizada a 200 km da Capital
 Acesso por meio da Rodovia Osni Mateus
 12 km da Rodovia Marechal Rondon
 20 km da Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros
 90 km da Rodovia Castelo Branco
 22 km do porto intermodal
 7km do aeroporto mais próximo

Tam como municípios limítrofes as cidades de Lençóis Paulista, Areiópolis, Igarapé do Tietê, Juú e Pederneiras.







MACATUBA
CAPITAL NACIONAL DO PATRIOTISMO

TURISMO RELIGIOSO

PAIXÃO DE CRISTO E CORPUS CHRIST



TURISMO ESPORTIVO

PASSEIO CICLÍSTICO



TURISMO CÍVICO

CERIMÔNIA DE INCINERAÇÃO DAS BANDEIRAS



TURISMO GASTRONÔMICO

MORTADELA ARTESANAL E PRODUÇÃO DE AMENDOIM



TURISMO CULTURAL

FESTA DO PEÃO



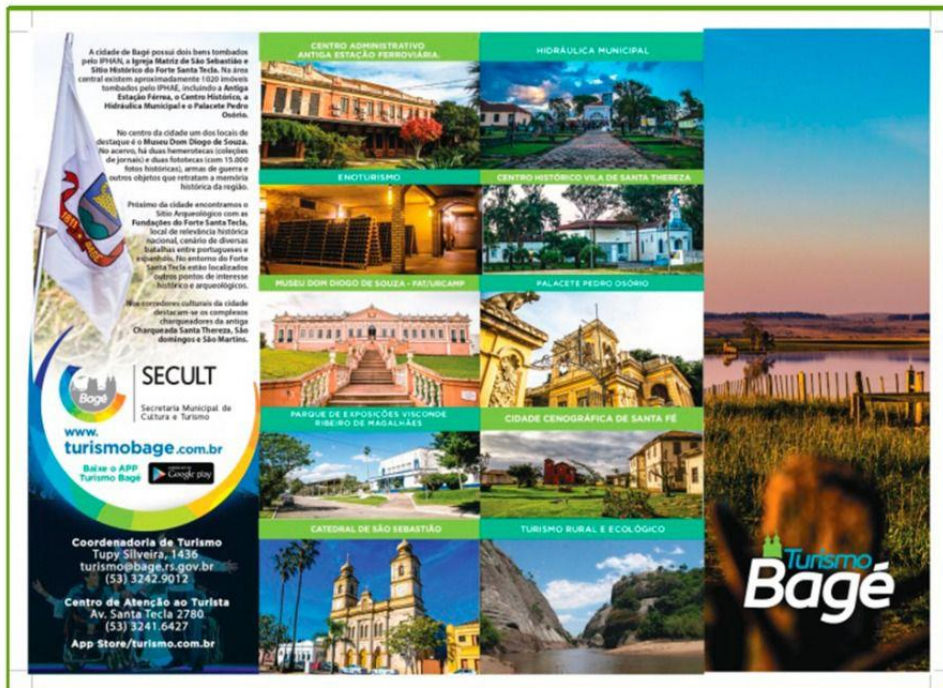
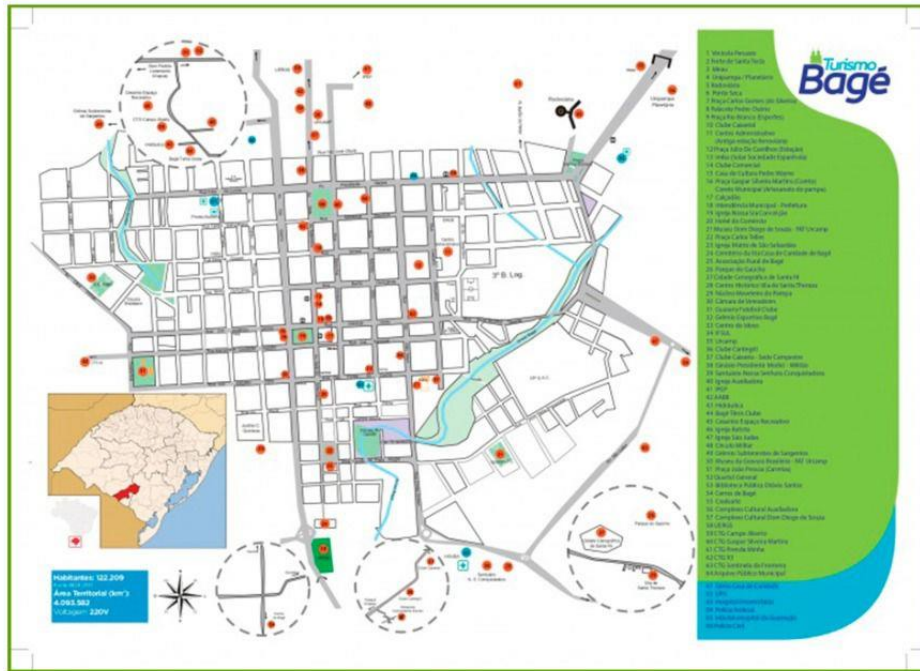
ENCONTRO DE CARROS E FESTA JUNINA



DESFILE CÍVICO



TEXTO 2



TEXTO 3

curta curit!ba
... com as crianças !

PREFEITURA DE CURITIBA INSTITUTO MUNICIPAL CURITIBA TURISMO IPPUC

1ª Edição - outubro / 2018

curta curit!ba
... com as crianças !

QUER CURTIR CURITIBA COM A PIAZADA?
Montamos um roteiro bacana para toda a família curtir bem a viagem.

Aqui as crianças encontram brincadeiras e se divertem com as contações de histórias, além de se encantarem com os belos jardins e parques da cidade.

Algumas das opções do roteiro possuem amplos espaços onde as crianças poderão exercer suas habilidades artísticas e aprender um pouco sobre a história e a arte da cidade, explorando o lúdico com muita criatividade.

Toda a família pode participar dos passeios e atividades também. Afinal, todos, adultos e crianças, têm que se divertir!

*VALORES em reais/criança, passeio à tarde e gratuita

Para informações sobre o Roteiro Turístico acesse: www.turismo.curitiba.gov.br

Museu da Vila, Bosque Alemão, Biblioteca, Parque São Lourenço, Museu Oscar Niemeyer, Passeio Público, Jardim Botânico, Praça Tiradentes (Museo Zucco de Curitiba), Planifário Digital, Bosque Reinhard Maack, Zoológico, Teatro Dr. Botica, Bonfins da Rua XV, Biblioteca Pública, Teatro do Pê, Torre Panorâmica, Parque Barigui, Museu da Vila.

Prefeitura de Curitiba, Instituto Municipal Curitiba Turismo, IPPUC.

Analisando os textos 1, 2 e 3.

- 1) Sobre o que trata os fôlderes?
- 2) Qual a finalidade dos textos acima?
- 3) A quem o fôlder é dirigido?
- 4) Que tipo de atitude se espera do público-alvo desse texto?
- 5) Como os textos estão organizados?
- 6) Em cada texto, qual frase está sendo usada para chamar a atenção do leitor?
- 7) Escreva no quadro a seguir as principais informações identificadas em cada um – no texto verbal e no texto não-verbal

Fôlder	Principais informações indicadas pelo texto verbal	O que as imagens representam
1		
2		
3		



Tarefa de casa: Solicitar que os estudantes tragam panfletos/folhetos que sejam comuns em seu cotidiano, incentivando assim, uma ação protagonista, para em uma roda de conversa na próxima aula, aprenderem um pouco mais sobre o fôlder.

2º momento - Realizar a roda de conversa, socializando os fôlders que os estudantes trouxeram.

É importante instigá-los com questões como:

- Por que você acha que essa cor, fonte e imagem foram escolhidas?
- Essas escolhas foram importantes para que você compreendesse o texto?
- A partir da socialização e comparação das respostas será possível que identifiquem alguns elementos característicos do gênero.

3º momento - Apresentação do local a ser visitado.

Continuando as atividades em sala de aula, o professor traz imagens e informações sobre a casa do artesão e sobre os objetos e obras de arte que lá serão apreciados. Em seguida, os educandos são informados que o trabalho de produção de fôlder será para promover a visita de turistas à Casa do Artesão. O professor solicita aos estudantes uma pesquisa na internet sobre esse local e os trabalhos ali expostos, sugerindo como fonte de pesquisa o site da prefeitura de Apiaí:

<http://apiai.sp.gov.br/portal/a-casa-do-artesao/>

4º momento - Visita à Casa do Artesão.

Visita à Casa do Artesão para coleta de informações importantes, entrevista com os funcionários e registro de imagens através de fotografias.



5º momento – Planejamento de escrita.

Nesta etapa, as atividades serão realizadas em grupos na sala de aula.

Primeiro, os estudantes socializarão as pesquisas feitas, retomarão as características do gênero.

Em seguida, farão o planejamento da produção escrita, que é parte essencial do processo, pois permite direcionar, selecionar, organizar as ideias e refletir sobre o conteúdo, facilitando o exercício da criatividade.

O professor pode sugerir aos estudantes o uso de uma ferramenta que pode ser baixada no computador chamada “Publisher”, que traz alguns modelos de folder, facilitando a diagramação do texto e mobilizando práticas da cultura digital.

Para a produção desse gênero, o professor poderá apresentar o seguinte roteiro, disponível no site da Nova Escola:

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/7ano/lingua-portuguesa/producao-do-folheto-panfleto-informativo-planejamento/4268> :

O professor deve levar os estudantes a reflexão dos seguintes pontos:

- Qual o público-alvo do seu folheto?
- Que mensagem deseja passar?
- Que dados ou informações não podem faltar no folheto?
- Como pretende apresentar a mensagem e despertar o interesse do seu leitor?



6º momento – Textualização do folheto

Os estudantes poderão realizar essa produção na sala de informática, ou produzir manualmente utilizando papel, canetas coloridas e revistas para recortes. Podem ser escolhidas imagens disponíveis no site da Prefeitura Municipal de Apiaí, usar fotografias que tiraram na visita de campo ou produzir seus desenhos. Solicitar que os estudantes façam a produção inicial do texto escrito que fará parte do folheto, levando em consideração as perguntas norteadoras do planejamento da escrita.

7º momento - Revisão e edição.

A primeira versão do texto deve ser revisada por todo o grupo e todas as contribuições devem ser valorizadas. O professor faz a mediação da produção, fazendo intervenções necessárias que instiguem a reflexão sobre a atividade. Realizada toda a revisão, organizar o texto, imagens e disposição do layout para a edição final do texto.

8º momento – Exposição dos trabalhos.

Apresentar os trabalhos para a comunidade escolar, através de mural expositivo, de forma que promova a divulgação da Casa do Artesão como ponto turístico da cidade de Apiaí, dando ênfase nas peças de cerâmicas expostas, valorizando o trabalho dos artesãos apiaienses.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Produção de fôlderes**



ARTE

46

Disciplina : Arte

Habilidades: (EF08AR01) Pesquisar, apreciar e analisar desenho, pintura, modelagem, escultura e outras modalidades produzidas por culturas indígenas (brasileiras e latino-americanas) e africanas de diferentes épocas, de modo a ampliar a experiência com diferentes contextos e práticas artístico-visuais e cultivar a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.

(EF69AR02) Pesquisar e analisar diferentes estilos visuais, contextualizando-os no tempo e no espaço.

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

Objeto de conhecimento : Processos de criação e Contextos e Práticas

Duração : 6 aulas de 45 minutos.

1º Momento

Apresentar os objetivos da aula:

- Conhecer o que é o artesanato e o trabalho com cerâmicas de argila, valorizando a cultura local;
- Desenvolver processos de criação em artes visuais.

Propor aos estudantes uma leitura do texto : Cerâmica Varge do Tanque.

<https://www.artesol.org.br/ceramicavargemtanque>

Após a leitura realizar uma roda de conversa com as seguintes indagações:

- As mãos que criam , criam o que?
- Quem cria?
- Onde criam?
- O que você entende por arte? E artesanato?

2º Momento

Roda de conversa sobre as mulheres artesãs

- Você conhece alguma artesã?
- Como é o trabalho dela?
- Há pessoas que produzem algum tipo de artesanato na sua família ou na nossa cidade?
Fale sobre ele.

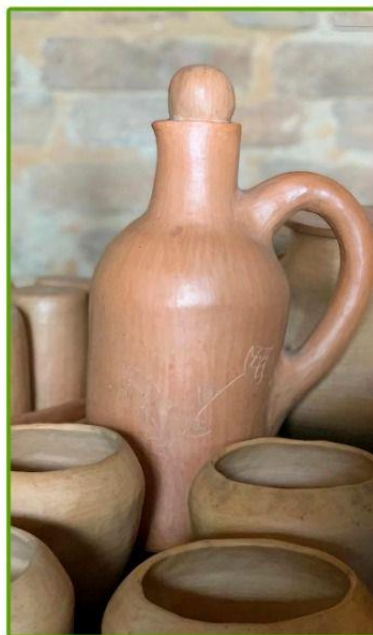


Foto: O autor (2022)

Propor uma visita de campo em forma pesquisa.

Organização da Visita a Casa do Artesão

Cada estudante deve levar uma prancheta para realizar anotações

Faremos uma pesquisa sobre:

- As peças de cerâmicas
- O processo para fazer as peças.
- A sala das mestras (as primeiras artesãs de Apiaí)

3º Momento

Atividade em campo . Visita guiada na Casa do Artesão.

Registros escritos e fotográficos.

4º Momento

Organizar os registros e informações e construir um Padlet coletivo sobre as peças da Casa do Artesão, o processo de feitiço e queima das peças , bem como mostrar as salas das mestras.

5º Momento

Oficina de argila. Os estudantes farão a sua peça , que posteriormente será levado para queima pelo professor e após será realizada uma exposição das peças para a comunidade escolar.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

Engajamento dos estudantes durante todo o processo;

Produção de um Padlet

Criação de uma peça de argila

LÍNGUA INGLESA

Disciplina: Língua Inglesa

Habilidade: EF08LI18 – Construir repertório cultural por meio do contato com manifestações artístico culturais vinculadas à língua inglesa (artes plásticas e visuais, literatura, música, cinema, dança, festividades, entre outros), valorizando a diversidade entre culturas.

Objeto de conhecimento: Construção de repertório artístico-cultural

Duração: 7 aulas de 45 minutos.

1º Momento

Apresentar os objetivos da aula:

- Valorizar a cultura local e as peças de cerâmica feitas manualmente por artesãos locais.
- Praticar a conversação da Língua Inglesa em espaços públicos da cidade.
- Criar um QR Codes com informações sobre as peças da Casa do Artesão

Em sala de aula o professor apresenta slides com informações sobre o artesanato municipal de Apiaí e a Casa do Artesão.

Na sequência é realizado um brainstorm (chuva de ideias) com palavras em Inglês, estimulando os estudantes a comentar o que sabem sobre peças de artesanato, artesãos locais e sobre o que é e onde está localizada a Casa do Artesão.

Todas as palavras devem ser anotadas no quadro pelo professor.

Em seguida, perguntar aos estudantes se eles conhecem versões de outras manifestações artísticas que aconteceram ou acontecem na cidade (música, balé, cinema, pintura, escultura, etc.).

Nesse momento, é interessante apresentar a eles a expressão craftsmanship, tradicionalmente associada a artesanato.

2º Momento

Explorar o brainstorm do quadro considerando as informações discutidas, previamente, e explorando cognatos e palavras que os estudantes já conhecem. Os cognatos, também chamados de termos amigos, são palavras de dois idiomas diferentes que possuem semelhança gramatical e o mesmo significado. Esse fenômeno idiomático acontece porque diversos termos, mesmo sendo de línguas distintas, possuem a mesma origem.

Realizar a correção coletivamente e sanar possíveis dúvidas de vocabulário e pronúncia em relação ao assunto.

3º Momento

Dividir a sala em grupos de 5 estudantes e pedir que pesquisem no site “cerâmica de Apiaí” os objetos que são expostos na casa do artesão:

<http://apiai.sp.gov.br/portal/a-casa-do-artesao/>

e, em inglês, formular perguntas e respostas sobre os mesmos.

Na sequência, solicitar aos estudantes que leiam, em inglês, suas perguntas, uma por vez, para que o(s) outro(s) grupo(s) tente(m) compreender de qual obra ou peça se trata.

Marque 1 ponto para a equipe à medida que os grupos forem acertando a resposta. Aproveitar a atividade para verificar as produções dos estudantes e corrigi-las coletivamente.

Relembrar a importância do contexto para a compreensão, uma vez que talvez apareçam vocábulos desconhecidos na produção dos colegas.

O dicionário de Inglês pode ser utilizado pelos grupos.

No final o grupo que obtiver maior número de pontos ganha um Congratulations and well done.



4º Momento

Levar os estudantes para uma visita à Casa do Artesão, para que lá fotografem os produtos que foram pesquisados previamente pelos grupos (no máximo 5 integrantes de cada grupo) e para coleta das informações pertinentes.

Os estudantes precisam fotografar a peça ou obra e registrar as seguintes informações:

- Nome da peça (obra);
- Qual artesão fez a peça (obra);
- Preço,
- Material utilizado etc.

Cada grupo deve ter os registros de no mínimo 10 peças.

Ao retornar para a escola os estudantes devem organizar essas informações para, coletivamente, montarem um **QR Codes**.

QR = Quick Response

É um código de barras bidimensional que pode ser escaneado com uma câmera de telefone celular e um aplicativo específico.

Foi criado na China, em 1994, para catalogação de peças na indústria automotiva e hoje é usado em várias áreas e para diversos fins.



5º Momento:

Para criar QR Codes, apresentar aos estudantes diversos sites, programas ou aplicativos. A maioria tem uma versão gratuita que limita as funcionalidades e/ou quantidade de códigos criados.

Para escanear QR Codes há diversos aplicativos para diferentes sistemas operacionais.

Será criado um QR Codes da turma com as informações da peça como citado anteriormente

Para criar QR Codes

- QR Info Point
- QR Stuff
- Go QR Me
- The QR Code Generator
- Shopify - QR Code Generator
- Kaywa - QR Code Generator
- Vocaroo (Audio)
- Poll To Go (Polls)

Para escanear QR Codes

- QR Scanner
- Barcode scanner
- QR Code Pro
- QR Droid
- Snap Chat

Organizados em grupos, os estudantes criarão os QR-Codes, que poderão ser utilizados pela comunidade local e pela própria Casa do Artesão.

Será apenas um QR-Codes da turma, de modo que todas as peças, obras fotografadas e registradas não sejam repetidas.

Como cada grupo fotografou 10 peças , no final do processo espera-se ter um total de aproximadamente 50 peças.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Produção de QR Codes- "Arte nas mãos"**



NONO ANO

9º Ano

OBJETIVO GERAL

Explorar a Praça Francisco Xavier da Rocha como recurso e espaço de aprendizagem

TEMA GERADOR

Monumentos

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

Arte e História

ARTE

Disciplina : Arte

Habilidade:

EF09AR06: Desenvolver processos de criação em artes visuais, com base em temas ou interesses artísticos, de modo individual, coletivo e colaborativo, fazendo uso de materiais, instrumentos e recursos convencionais, alternativos e digitais.

Objeto de conhecimento : Processo de criação.

Duração : 8 aulas de 45 minutos.

1º momento

Bate –papo descontraído e direcionado com os estudantes sobre esculturas.

- O que é uma escultura?
- Conhecem alguma escultura? Quem é o escultor?
- Conhecem algum escultor pessoalmente?
- Já criou alguma escultura?

Propor aos estudantes uma pesquisa sobre esculturas no seu bairro e na cidade de Apiaí. Cada estudante deve trazer uma foto de alguma escultura da cidade para socializar com a turma toda. A foto pode ser digital.

2º Momento

Analisando as fotos de esculturas trazidas pelos estudantes

Leitura sobre o que é escultura, suas técnicas, ferramentas e materiais.

Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/o-que-e-escultura-e-o-que-apreciar-nela/>

3º momento

Será mostrado aos estudantes os principais monumentos existentes na praça Francisco Xavier da Rocha, sua história e sua importância para a região.



Monumento : A Lua
Foto: o autor (2022)



Monumento : A Bíblia
Foto: o autor (2022)



Monumento : Pracinhas
Foto: o autor (2022)

Monumento : Pracinhas

Monumento criado em 1955 pelo prefeito Tharcílio Pacheco de Carvalho e remodelado em 1971, pelo prefeito João Cristino dos Santos , que lhe deu a forma de V , e ao topo colocou uma cobra fumando cachimbo, indicando o símbolo da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Monumento criado para homenagear os filhos de Apiaí que integraram a FEB na 2ª Guerra Mundial.



Foto: O autor (2022)

Monumento : À Bíblia

O ex-prefeito, Sr. Janguito mandou erguer um monumento à Bíblia, a qual todas as religiões cristãs poderiam utilizá-la. Sua inauguração foi uma cerimônia cívico-religiosa, onde estiveram presentes representantes de todas as religiões de Apiaí (Católica, Presbiteriana, Batista, Deus é Amor, Assembléia de Deus).

No monumento está escrito: "Seca-se a erva, cai a flor, mas a palavra do nosso Deus permanece eternamente.

Sobre o livro, encontrava-se uma pombinha representando a inspiração divina e uma vela simbolizando a iluminação do mundo. O mais precioso livro do mundo. .Monumento inaugurado em 1971

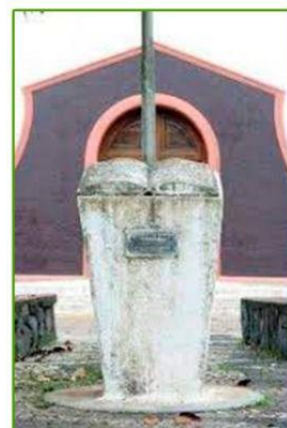


Foto: O autor (2022)

Monumento : À lua

Construído em 1969 na gestão do Prefeito João Cristino Pontes , onde Apiaí aclama os conquistadores da lua. Na ocasião Apiaí recebeu um agradecimento por escrito da Nasa pela homenagem.



Foto: O autor (2022)

4º momento

55

Visita dos estudantes a Praça Francisco Xavier da Rocha, local onde estão as esculturas.

O registro será realizado com desenhos.

Momento de rememorar a história e apreciar a arte local.

5º momento

Atividade em dupla

Produção de uma releitura em forma de esboço de um desenho das esculturas escolhidas: Lua, Bíblia ou monumento V.

6º momento

Expor a escultura para a comunidade escolar.

AVALIAÇÃO

DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Produção de uma escultura através de uma releitura**



HISTÓRIA

56

Disciplina : História

Habilidades: EF09HI28) Identificar e analisar aspectos da Guerra Fria, seus principais conflitos e as tensões geopolíticas no interior dos blocos liderados por soviéticos e estadunidenses.

Objeto de conhecimento : A Guerra Fria: confrontos de dois modelos políticos

Duração : 7 aulas de 45 minutos.

1º Momento

Apresentar os objetivos da aula:

- Reconhecer e valorizar os monumentos enquanto marcos históricos da cidade.
- Relacionar os monumentos históricos da cidade de Apiaí aos acontecimentos históricos mundiais.
- Construir conhecimentos através da pesquisa.

Este é o momento oportuno para começar a instigar os estudantes na temática da aula: marcos históricos da cidade.

Inicie a conversa, apresentando algumas imagens e o que eles imaginam que esses monumentos significam:

Figura 1

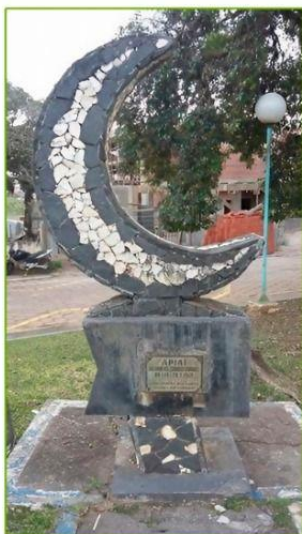


Foto: O autor

Figura 2



Foto: Prefeitura Municipal
de Apiaí

Figura 2

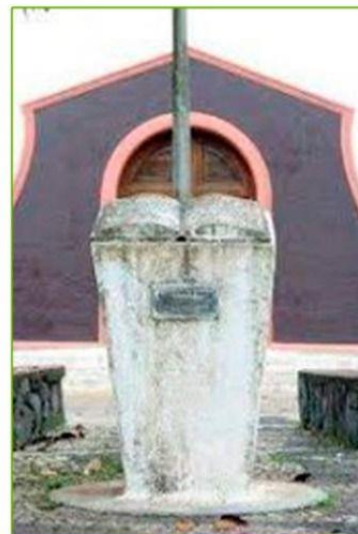


Foto: Prefeitura Municipal
de Apiaí

Questões norteadoras:

57

- Conhecem as figuras 1, 2 e 3 ou já ouviram falar sobre elas?
- Onde elas ficam? Em qual espaço da cidade?
- Como se chama a praça onde as figuras estão localizadas?
- Em que ano você acha que a figura 1 foi construída ? E por qual motivo?
- O que significa o símbolo da Imagem 2?
- A figura 3 tem qual representatividade?
- O que as figuras 1, 2 e 3 tem em comum?

2º Momento – Leitura e roda de conversa

Leitura e análise do texto: " OS MONUMENTOS DA CIDADE", do livro "Santo Antonio das Minas de Apiahy", de Rubens Calazans Luz, p. 90.

Fazer a leitura compartilhada do texto e uma roda de conversa para contextualização do conteúdo lido. Perguntar aos estudantes se já conheciam alguns dos fatos citados no livro sobre os monumentos de Apiaí, ou algum fato curioso, qual lhes chamou mais a atenção.

3º Momento – Visita aos monumentos

Visita aos monumentos da cidade para coleta de informações e registro de imagens através de fotografias.

As visitas também serão feitas pela disciplina de Arte e Língua Portuguesa. Os professores podem fazer apenas uma visita , ou mais com os focos bem-definidos para estudo e observação .

4º Momento – Curadoria do processo

Através da metodologia ativa aula invertida, o professor dividirá a sala em grupos com 4 estudantes e solicitará que pesquisem sobre os temas:

- 1- "A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial";
- 2- "A Guerra Fria e a conquista da lua".

Sugerir aos estudantes alguns vídeos e textos sobre os temas solicitados:



Tema 1

58

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História, Sociedade e Cidadania: 9º ano. São Paulo: FTD, 2018. p.126

COTRIM, Gilberto e RODRIGUES, Jaime. Historiar: 9º ano. São Paulo: Saraiva, 2015. p.71

Documentário da BBC News “Auschwitz: sobrevivente brasileiro descreve horrores do campo de concentração”, com depoimento do sobrevivente do holocausto Andor Stern. Link no Youtube para o vídeo: <https://youtu.be/q0ULzaJtuec>.

Tema 2

A chegada do homem à Lua e a Guerra Fria, <https://ensinarhistoria.com.br/chegada-do-homem-lua-e-guerra-fria/> - Blog: Ensinar História - Joelza Ester Domingues

Corrida espacial, <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/a-corrida-espacial.htm>

Vídeo: “O que foi a corrida espacial”, <https://youtu.be/rEVd3EBm2GU>

A apresentação do trabalho em grupo é agendada para a aula seguinte e com apresentações em cartazes ou PPTs.

5º Momento – Invertendo a aula

Socialização das pesquisas feitas. Durante as apresentações o professor faz observações sobre o fato histórico vivenciado na época e a relação com os monumentos de Apiaí.

A 2ª Guerra Mundial(1939-1945) - Homenagem aos pracinhas – soldados apiaienses que lutaram na guerra.

Guerra Fria (1957-1975) – Chegada do homem à Lua, em 1969- Guerra travada entre Estados Unidos e União Soviética

6º Momento – Os estudantes realizarão na escola um painel integrativo e informativo, explorando a parte histórica e relacionando os monumentos de Apiaí (À lua , à bíblia e os pracinhas)

AVALIAÇÃO
DAS SEQUÊNCIAS DE
ATIVIDADES

**Engajamento dos estudantes durante todo o processo;
Construção do painel integrativo.**

AVALIAÇÃO

59

É importante salientar a importância da avaliação durante todo o trabalho realizado com a turma, ou seja durante todo o processo. A avaliação precisa ser processual, assim favorecendo o acompanhamento das aprendizagens e proporcionando reflexões sobre as propostas de ensino.

É necessário realizar um comparativo sobre os conhecimentos prévios apresentados pelos estudantes e os conhecimentos apresentados após a realização das atividades, assim podendo constatar o desenvolvimento das habilidades propostas.

Os processos avaliativos precisam acontecer o tempo todo e têm o papel de fornecer informações sobre a consolidação das habilidades preconizadas para a etapa, permitindo retomadas de atividades e/ou adequações de metodologias.

A avaliação, conforme mencionado e sugerido no desenvolvimento das aulas apresentadas neste E-book, deve ser feita em todos os momentos, e de diferentes formas, como:

- Propor que as sistematizações das atividades sejam feitas por meio de registro elaborado pelo estudante, contendo dados e informações que indiquem o quanto a habilidade foi desenvolvida. (cartazes, mapa mental, slides, painéis, pôsteres, registros no caderno, produções escritas, esculturas, fotografias, vídeos, relatórios e sínteses).
- Avaliar o engajamento dos estudantes nas atividades propostas.

Vale lembrar que a função principal da avaliação é promover a aprendizagem.

CARO PROFESSOR.

Vamos juntos explorar a cidade
de modo que o currículo
seja usado e... ousado
afim de despertar nos estudantes
a curiosidade
para que em um futuro próximo
ele possa transformar
a sua realidade.

Elcio Lazzaroto

REFERÊNCIAS

- ALOMÁ, Patricia Rodrigues. O espaço público, esse protagonista da cidade.2013
Disponível em : <https://www.archdaily.com.br/br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade> acesso em 17/06/2021
- APIAÍ, Prefeitura Municipal de, Apiaí, SP - Parque Natural Municipal do Morro do Ouro.
Disponível em: <http://apiai.sp.gov.br/> e <http://morrodououro.eco.br>. Acesso em 26 dez. 2022.
- BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). Educação é a Base. 2018.
Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 9 dez. 2022.
- BONAFÉ ,Jaume Martinez. Uma nova escola para o século XXI, 2014
- CURRÍCULO PAULISTA.2019. Disponível em [curriculo_paulista_26_07_2019.pdf \(escoladeformacao.sp.gov.br\)](#)
- CARBONELL, Jaume. Pedagogias do século XXI. Porto Alegre ,2016 . Curitiba, v. 70, p. 180-186, fev./jun. 2013. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/geociencias/article/view/30970>. Acesso em: 27 dez. 2022
- GADOTTI,M. A escola na cidade que educa.Cadernos CENPEC, n1,2006
- NÓVOA, Antonio. Professoras: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA .SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. DEPARTAMENTO DE ENSINO FUNDAMENTAL. Geografia. Aula de campo. Curitiba
- SHIMADA, Hélio. Mina do Morro do Ouro, Apiaí, SP – A transformação em parque. Boletim Paranaense de Geociências

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise de todas as informações obtidas, observa-se que a cidade é um espaço que integra experiência, conhecimento e disciplinas simultaneamente. Como já dizia Paulo Freire em seu discurso, a leitura do mundo deve anteceder a leitura de palavras, pois ela possibilita a melhoria nos conhecimentos do município onde vivem os alunos.

Estamos evoluindo a todo momento, portanto, é primordial que a educação seja vista como um elemento estratégico para a formação de uma sociedade mais emancipada. Para que isso ocorra, deve-se repensar a relação entre educação, cidade e escola.

Nesse cenário, além dos espaços escolares, o estudo firma a convicção de que é possível a realização de projetos interdisciplinares junto aos princípios da Cidade Educadora, uma vez que o município de Apiaí dispõe de espaços mais humanizados para seus habitantes, principalmente no que se refere à vivência de uma democracia mais participativa que aflora com a educação e a cidadania de modo contundente.

Para legitimar o resultado da pesquisa, foi procedida a verificação dos dados apurados durante a sua realização, pretendendo-se analisar o texto em seus elementos essenciais com vistas à síntese desejada. Destaca-se que a teoria e as observações feitas na prática foram sendo construídas e reconstruídas, por meio de um confronto contínuo dos elementos considerados. A metodologia foi adequada e aplicável.

Percebe-se que o presente estudo aponta a importância e a necessidade de se disponibilizar espaços novos que possam desencadear o interesse e o prazer dos estudantes em aprender, assim tornando a aprendizagem natural, leve e significativa.

A escola deve ser renovada e, para que isso ocorra, ela tem que participar além de seus limites territoriais, transformando-se em um novo cenário educativo e deixando de lado aquela posição abstrata e solitária para dar lugar à vivência e ao ensino na cidade.

A fim de explorar a cidade como currículo, é necessário realizar a conexão de habilidades do Currículo Paulista e da BNCC com as diferentes disciplinas, porém

isso requer tempo, estudo e planejamento. A Cidade Educadora é possível, contudo, não é tão fácil e simples, já que é um projeto que precisa de muitas mãos.

Assim sendo, acredita-se que o presente estudo alcançou os objetivos propostos inicialmente e pode-se assegurar que o primeiro alfabeto é o lugar, ou seja, a cidade e seus espaços constituem os melhores livros didáticos para o sucesso do ensino e da aprendizagem. O trabalho trará contribuições para professores e professoras que pensam em uma educação transformadora, inovadora e para além dos muros e grades escolares.

REFERÊNCIAS

ALVES, Alceli Ribeiro; BRANDENBURG, H. J. **Cidades Educadoras: um olhar acerca da cidade que educa**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2018.

ALVES, Alceli Ribeiro; CASTANHEIRA, Nelson Pereira. **Projetos inovadores, contextos fundamentais e lacunas de pesquisa na perspectiva das cidades educadoras**. Curitiba: Intersaberes, 2021.

ALVES, Alceli Ribeiro; VIEIRA, Mariana Gonçalves. **A Cidade Educadora como proposta política e pedagógica transformadora para a educação do século XXI**. Minas Gerais: Conjecturas, 2022.

AMANAJÁS, R.; KLUG, L. Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. *In*: AMANAJÁS, R.; KLUG, L. **A nova agenda urbana e o Brasil: insumos para sua construção e desafios a sua implementação**, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8622/1/Direito%20%C3%A0%20cidade.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2022.

ANTONELLO, C. S.; PANTOJA, M. J. Aprendizagem e o desenvolvimento de competências. *In*: CAMÕES, Marizaura Reis de Souza; PANTOJA, Maria Júlia; GUE, Sandro Trescastro. **Gestão de pessoas: bases teóricas e experiências no setor público**. Brasília: ENAP, 2010. p. 51-101.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCACIONAIS (AICE). **Como tornar-se associado**. 2022. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/como-tornar-se-associado/>. Acesso em: 17 out. 2022.

BARROS, L. E. V. *et al.* Aprendizagem organizacional informal: perspectivas de pesquisa. *In*: **XXXVI Encontro Nacional de Engenharia de Produção**, João Pessoa/PB: Contribuições da Engenharia de Produção para Melhores Práticas de Gestão e Modernização do Brasil, 2016. p. 1-15.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC). **Educação é a Base**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 9 dez. 2022.

BASTOS, S. E. B. **Notas sobre o trajeto histórico da educação infantil aos dias atuais**. 37 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

BELLOT, P. F. Cidades educadoras, uma aposta de futuro. *In*: **AICE – Associação Internacional das Cidades Educadoras, Educação e vida urbana: 20 anos de Cidades Educadoras**. Lisboa: Gráfica Almondina, 2013. p. 17-22.

BONAFÉ, J. M. **Políticas do Manual Escolar**. São Paulo: Editora Pedagogo, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.257, de 10 de Julho de 2001. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras

providências. **Diário Oficial da União, Brasília, DF.** Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11148904/inciso-i-do-artigo-2-da-lei-n-10257-de-10-de-julho-de-2001>. Acesso em: 3 nov. 2022.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 dez. 1996.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 nov. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

CABEZUDO, A. **Cidade Educadora. Princípios e Experiências.** São Paulo: Cortez, 2004.

CARBONELL, J. **Pedagogias do século XXI.** 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016. 263p.

CASCAIS, M. G. A.; TERÁN, A. F. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciê em Tela, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014.**

CML. **Historial Rede Territorial Portuguesa das Cidades Educadoras.** Lisboa: Lisboa, Cidade Educadora, 2009.

CAMBI, F. **História da Pedagogia.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

COMPARSI, A. W. **Processos de aprendizagem formais e informais em instituições públicas.** 56 f. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CORTINA, A. **Fórum de Educação em Valores.** Donostia, *San Sebastián*, Espanha, nov. 2002.

DIAS, E. B. **A importância do currículo escolar, e sua atualização permanente para aprendizagem do estudante de forma significativa.** 47 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

ESHACH, H. *Bridging In-school and Out-of-school Learning: Formal, Non-Formal, and Informal Education.* **Journal of Science Education and Technology**, Chicago, v. 16, n. 2, p. 171–190, 2007.

FAZENDA, I. C. A. **Didática Interdisciplinar.** Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Práxis).

FERNANDES, L. F. **O papel da educação formal no desenvolvimento humano.** Goiás: Universidade Federal de Goiás, dez. 2018. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/112196-o-papel-da-educacao-formal-no-desenvolvimento-humano#:~:text=%22Os%20processos%20de%20educa%C3%A7%C3%A3o%20for>

mal,dif%C3%ADcil%20de%20acontecer%22%2C%20detalhou. Acesso em: 3 nov. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e Educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo, 1993.

GADOTTI, M. A escola na cidade que educa. **Cadernos Cenpec**, n. 1, p. 133-139, 2006.

GADOTTI, M.; PADILHA, P. R.; CABEZUDO, A. **Cidade Educadora**: princípios e experiências. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2004.

GATTI, B. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio Av Pol Públ. Educ**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GRANELL, C. G. VILA, I. **A cidade como projeto educativo**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Barricadas Urbanas**, n. 29, p. 73-89, jul./dez. 2012.

KUJAWA, D. R.; MARTINS, A. R. Q.; PATIAS, N. D. Evolução histórica da educação e da escola no Brasil. **Revista Sociais e Humanas**, v. 33, n. 3, p. 187-199, set. 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. São Paulo; Atlas, 2014.

LEFEBVRE, H. **Le Droit à la ville**. Porto Alegre: Editora Centauro, 2009.

LIBÂNEO, J. C. *et.al.* **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, I. M. A. **Os paradigmas da educação nas civilizações antigas e a preparação dos pesquisadores da antiguidade**. Núcleo do Conhecimento, mar. 2019.

MACHADO, J. Escola, município e cidade educadora. A coordenação local da educação. *In*: Políticas e Gestão Local da Educação — Atas do III Simpósio sobre Organização e Gestão Escolar. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

MOLL, Jaqueline; CORÁ; Elsio José; SILVA, Tascheto Márcio. Cidades Educadoras: O desafio da construção de outro paradigma pedagógico e de gestão em tempos distópicos. **Revista Vagalume**, 2022.

MOLL, Jaqueline; BARCELOS, Renata Gerhardt; DUTRA, Thiago. Cidades que educam e se educam: reconstruindo o olhar sobre a educação a partir dos territórios e das pessoas. **Revista Retratos da escola**, 2022.

MORIGI, V. **Cidades Educadoras**: Possibilidades de novas políticas públicas para reinventar a democracia. 154 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Civilização Brasileira. 3ª edição. Rio de Janeiro, 2014.

MUNHOZ, I. M. **Cidade educadora**: por que tornar-se uma? 53 f. Monografia (Graduação Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2021.

OLIVEIRA, N. M. G. **Interdisciplinaridade**: uma prática educativa. 41 f. Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

PACHECO, M. M. D. R. **Currículo, interdisciplinaridade e organização dos processos de ensino**. Fundação Hermínio Ometto/Uniararas, 2007.

PAIVA, M. S. **Currículo da cidade**: análise documental e métodos de ensino em educação física. 445 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2020.

PEREIRA, P. **O currículo e as práticas pedagógicas**. 36 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva, Itapeva, SP, 2014.

PEZENATO, F. **Relações entre escola e sociedade no programa mais educação**: explorando o conceito de território educativo. 39 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2014.

PINHEIRO, E. F. C. **O currículo escolar na construção do conhecimento**. 46 f. Monografia (Especialização em Gestão Escolar) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

RENNÓ, R. **Administração geral para concursos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

RIZZATTI, I. M. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

ROMANELLI, O. O. **História da educação no Brasil**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SABOTA, H. S. A Cidade Como Espaço Educativo: o uso de localidades do centro de Goiânia para atividades escolares. **SEDUCGO**. 2019. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/eleb-2019/2_artigos/b023.html. Acesso em: 12 dez. 2022.

SÃO PAULO. **Currículo do Estado de São Paulo**. 2011. Disponível em: <https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SAVIANI, D. Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da base nacional comum curricular. **Movimento**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 4, 2016.

SILVA, F. C. F. **Sobre a história da educação e educação no Brasil**: uma breve crítica à pedagogia contemporânea. 79 f. Monografia (Graduação em Ciências Humanas e Sociologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2018.

SILVA, E. C. B.; ROCHA, G. O. R. Cidade educadora: questões teóricas e possibilidades pedagógicas e curriculares. **Rev Vagalumear**, Amazonas, v. 2, n. 2, p. 15-30, 2022.

SILVA, O. V. Trajetória histórica da educação escolar brasileira: análise reflexiva sobre as políticas públicas de educação em tempo integral. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, Campinas, v. 8, n. 16, jul. 2020.

SILVA, T. M. **A educação em diferentes dimensões e espaços educacionais não escolares**. 42 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SIMÕES, J. M. S. **Cidades em rede e redes de cidades**: o movimento das cidades educadoras. 118f. Dissertação (Mestrado em Cidades e Culturas Urbanas) – Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

SOUSA, R. G. R. **O ato de estudar**: a escola e o ensino aprendizagem na percepção de alunos do 1º ano do ensino médio em uma escola pública de Castanhal/PA. 71 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019.

THIESEN, J. S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, Santa Catarina, v. 13, n. 39, p. 545-598, set./dez. 2008.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. Curitiba: Papyrus, 2002.

XAVIER, A. R.; CHAGAS, E. F.; REIS, E. C. cultura e educação na idade média: aspectos históricos-filosófico-teológicos. **Rev Dialectus**, Ceará, v. 4, n. 11, p. 310-326, ago./dez. 2017.